

Revista do Parthenon Litterario

ANO DE 1872

(2.^a série)

(Separata da Revista do
Instituto Histórico e Geográfico do
Rio Grande do Sul)

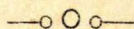
N.^{os} 117 a 120

1953

OFICINAS GRÁFICAS DA IMPRENSA OFICIAL
PORTO ALEGRE

REVISTA MENSAL
DA
SOCIEDADE
PARTENON LITERÁRIO

2.^a Série — Julho de 1872 — N.º 1



TYP. DA REFORMA — RUA GENERAL ANDRADE NEVES N.º 51

PÓRTO ALEGRE

1 8 7 2

COMMISSÃO DE REDACÇÃO.

Vasco de Araujo e Silva.
Appolinario Porto-Alegre.
José Bernardino dos Santos.
Aurelio Virissimo de Bittencourt.
Francisco J. de Sá Brito.
Manoel Gonçalves Junior.

REDACTOR DO MEZ.

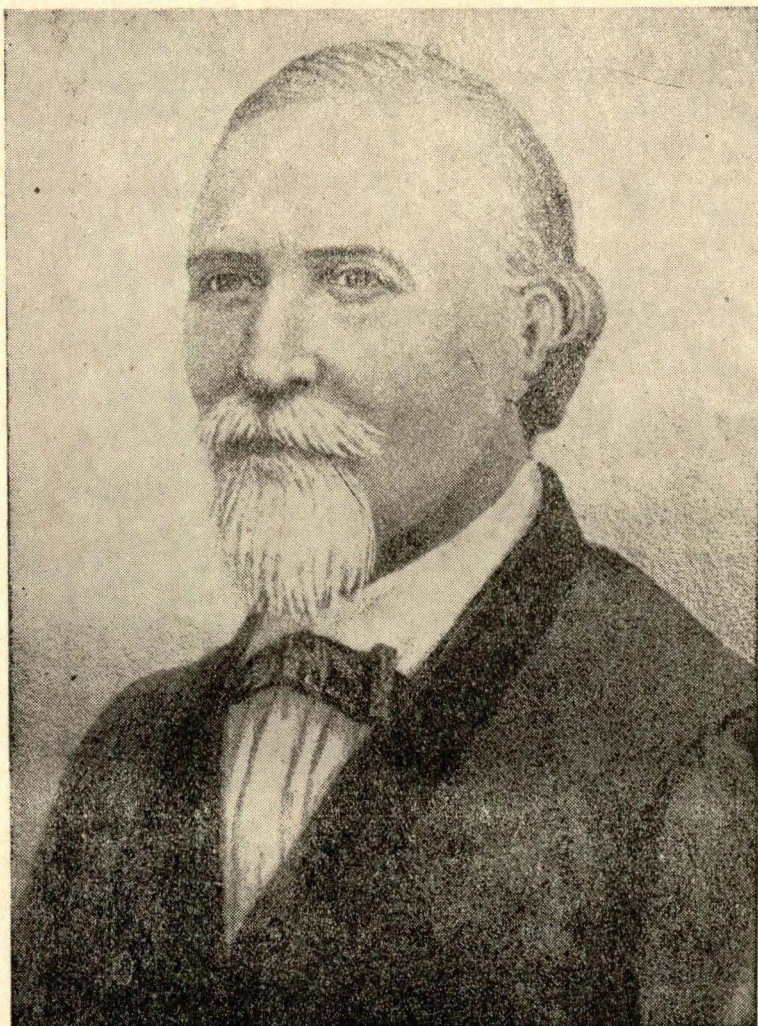
Appolinario Porto-Alegre.

DIRECTORES.

Achilles Porto-Alegre.
Hilario Ribeiro d'Andrade e Silva.

NOTA — Prosseguimos hoje na reedição da “Revista do Partenon Literário”, que desempenhou relevante missão cultural na história do Rio Grande do Sul. Em os números 113 a 116 da “Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, ano XXIX, reproduzimos os dez primeiros números da aludida publicação, correspondentes ao ano de 1869, precedidos de nota explicativa, à qual remetemos o leitor desejoso de maiores esclarecimentos sobre o assunto

— N. da R.



FELIPE NERI

INTRODUÇÃO.

Deixem-n'o passar.

E' um pobre orphão com um destino de bronze. Não vem disputar nem palmas, nem corôas na liça da imprensa e muito menos ambiciona o plinthe da gloria e as ovações dos triumphos.

Quer viver apenas, se é possível a vida n'uma época enferma, quando o coração chora a cada sentimento que se esfolha, e o espirito esterilisa-se a cada ideia que morre.

A patria necessita de todos na marcha progressiva de sua existencia. Não ha para ella um homem inutil, como não ha uma pagina escripta que não traga um pensamento aproveitavel .

Deixem-n'o passar.

Se as preocupações serias d'esse tempo, em que a mocidade envelhece aos vinte annos, e traz a ruga da meditação na fronte em vez do verde sorriso da primavera, não vos deixarem bastante espaço para a leitura amena, se a gravidade dos differentes misteres não puderem distrahir-vos, deponde sobre a meza o livro do Parthenon, dipticos de seus trabalhos e esforços.

Tendes razão de não lel-o.

Porém logo uns dedos trefegos e curiosos virão folhear-o e talvez que uns labios ainda saturados de frescura infantil e sem o descôr do scepticismo lhes murmure em segredo:

— Bem vindo sejas!

Sim, a *Revista* é para vós creaturas sublimes, inimigas juradas das fórmulas seccas da sciencia e da algebra dos principios.

O homem aclimatado ás abstrações pôde viver sem ella, a discussão da imprensa diaria pôde satisfazel-o em sua avidez pelas questões que se ventilam, mas vós, não. Filhas d'um enlevo poetico de Deos, amantes apaixonados por instincto e por affinidade das flores, quereis vel-as desabrochar até no estylo.

A metaphora que scintilla, a imagem que exubera de viço, vos fallam com mais eloquencia, convencem com mais rapidez do que o compasso de Archimedes e os syllogismos do padre Ventura.

Por isso amaes os poetas.

Tendes tambem razão.

Quando quizerdes comprehender o supremo architecto do mundo, não é por certo nas sabias dissertações dos doutores da igreja, nem no argumento musculoso da philosophia, é na aurora que desponta, na campina que floresce e no céu que rutila, é antes nas melodias melancolicas de Lamartine ou Chateaubriand.

Se a *Revista do Parthenon* puder inspirar sentimentos generosos e doutrina proficua ás filhas do Rio Grande, seus votos serão satisfeitos, sua missão preenchida.

Protegei-a pois, acalentai-a ao regaço.

Outr'ora os paladinos arrojavam-se á justa por uma dama de seus

pensamentos. Venciam, se ellas no amphiteatro lhes robusteciam o braço e a crença com um sorriso e um olhar de animação.

Os tempos mudaram. A espada foi substituída pela penna, o braço pela ideia, todavia ficastes as mesmas. A litteratura aqui é também uma peregrinação por uma causa sublime, como a dos antigos cavalleiros andantes.

Sêde como ellas.

Acenai aos romeiros, e não titubiaremos ante os obices do caminho. Atai o perfumoso lenço de cambraia ao báculo da viagem, e tere-mos um estandarte a defender, mesmo quando a esclavina se torne em cilicio do martyr na tunica de Dejanira.

Alentai-nos e seremos dignos uns de outros. O esforço complexo será util á patria.

Em vós: a confiança e estima para os humildes obreiros do progresso.

Em nós: mais que nunca o respeito á primitiva divisa:

Non far tregoa coi vili, il santo vero
Mai non tradir, ne proferir mai verbo
Che plauda al vizio, o la vertu derida.

Só a verdade é pura. Ella nos guie.
E ideias morrem, se palavras brilham
Que o vicio incensem e a virtude esmaguem.

Iriêma.

FELIPE NERI

ELOGIO FUNEBRE. (1)

Cahio o batalhador!

E parece impossível! Ainda creio ouvil-o nos momentos em que a eloquencia illuminava-lhe a fronte ollympia, iriando-a em reflexos divinos; em que seu gesto animava-se de enthusiasmo como o augur nos oraculos da antiguidade; creio ainda ler as paginas que decorriam fluentes de seu cálamô inspirado! Creio ainda ver-lhe assomar o vulto elevado e magestoso, aqui, nos penetraes da mocidade, no Parthenon, oázis no meio d'um deserto!

Parece impossível! E no entretanto a realidade surge pallida, triste, aziaga, pavorosa, envolta em funerario crépe!

Parece impossível! Tu o dizes?

Ó pobre alma a quem a duvida suspende, não vês o sudario que pallegou nos espaços da eternidade?

Basta de preocupações tranzientes, tudo passou, tudo foi um sonho! O que resta hoje? Resta um tumulo, um cadaver n'elle e a fatalidade que o assella.

Misero do homem! A cadeia d'um destino contingente, fallivel e precario o prende á terra. Nem se quer uma hora do futuro lhe pertence, não póde contar com ella.

Morte, phantasma sombrio na face das gerações, porque lhe apon-taste o marco final da romagem, quando o sol estava bem longe de deitar-se sobre sua existencia, e elle contemplava o astro da vida com o olhar fito da aguia?

Não foi tão cedo?

Porque has de debruçar no volutabro o gigante da serrania, cuja fronte assoberbava os torreões do céu, cujas raizes irrompiam robustas o seio da terra e em cujo tronco circulavam rios de ceiva em cada fibra?

Era cedo, bem cedo ainda para detel-o no meio do caminho.

Grande era a missão, immensa a estrada a percorrer..., e a ideia gelou-se-lhe no cerebro encandecido!

Pobre amigo!

Quando borbulhavam-lhe na mente o alluvio de ideias que vinham no mais esplendido florir do talento, quando ia, quem sabe, começar o repouso das lutas materiais da vida, repouso tão necessario para os certamens da intelligencia, o simun d'além-tumulo passou...

(1) Recitado na sessão funebre que o Parthenon celebrou na noite de 8 de Fevereiro.

E elle a penedia, onde quebrara-se sempre a vaga do infortunio e das paixões terrestres, sem abalai-o, elle — cahiu ferido...

Era homem!

Man, a pendulum, between a simile and a tear! como o disse o poeta.

Mas ha mortes — cataclymos.

Sobre a lápida funerea que o reveste, não irão sómente a desolada esposa e a triste filha, com as tranças soltas. debulhar-se em pranto, não; não irão sómente os amigos com o animo abatido e lutooso render-lhe uma ultima homenagem na corôa de saudades e sempre-vivas, que depuzerem no cruzeiro do jazigo, não; para ali tambem a patria, essa mãe, que tantas vezes retribuio-lhe com ingratidão, caminhará com passo lento e a fronte amergida, e de joelhos sobre a campa elevará uma prece entre soluços; ao lado d'ella, a liberdade, a consocia do denodado lidador, não terá lagrimas, terá a agonia calma da desesperação sem consolo.

E os mesmos arraiaes contrarios compenetrados da grande perda, que o paiz acaba de soffrer, saberão nas manifestações de profunda magoa honrar as cinzas do adversario leal, do brasileiro distincto.

E' que Felipe Neri era um vulto de antiga tempera, d'esses heróes do — antes quebrar que torcer. As proeminencias da civilisação potytheista cingem como elle diversas estemmas. São soldados, tribunos e escriptores.

Elle é como um Xenephonte entre nós, n'um tempo em que taes attributos se excluem, e os homens nascem talhados differentemente. Percorramos succintamente as estações de sua jornada sobre a terra.

Nasceu a 3 de Março de 1820.

O volcão da liberdade fremia surdamente no coração dos brasileiros; a colonia portugueza estava prestes a sacudir o dominio da metropole. A alma americana reagia em toda a plenitude de sua robustez e virilidade.

Filho d'um militar distincto, habituado e affeito á vida dos acampamentos, ao estrugir e tumulto dos combates, crescido e creado na guerra, e sob os auspicios d'uma época revolucionaria, apenas a adolescencia povoou-lhe a alma de sonhos, lobrigava a realisação d'elles em horisontes, cujas brumas eram o fumo das bombardas e fuzilaria, cuja área era o campo das batalhas. No olhar tinha a chispa do enthusiasmo, o relampago da coragem bellica. No peito rugia lhe uma tempestade, o ardor, o anseio, a audacia da juventude que febril arranca do cerebro a concepção e arma o braço para executal-a. Em 1839 entrava no serviço das armas e ahi se manteve até 1846, anno em que, pela morte de seu pai, retirou-se do exercito no posto de tenente de cavallaria do 2.º regimento. Depois como chefe das forças da guarnição da fronteira de Uruguayana ainda servio em 1848, na guarda nacional.

Novo periodo vai-se-lhe abrir d'ora em diante. Não é mais a espada que o veremos brandir. E' a penna, a arma sublime do pensamento, o instrumento que monda os terrenos do presente e roteia os campos do futuro, a irmã da espada, porque esta rompe os obstaculos que se apresentam áquella em sua missão de progresso, emfim o estylete que grava a palavra, como o cinzel desbasta o marmore, e tantas vezes tem alcançado mais victorias do que as catapultas, os canhões e os exercitos formidaveis. Foi-lhe justa o **Correio de Porto-Alegre**, publicado por Pomatelli, onde elle escreveu até que em 1854 fundou o **Correio do Sul** typographia que o Dr. Caldre Fião lhe cedera.

Jornalista alistou-se nas fileiras da politica e pouco depois vamos

ouvil-o militando como um dos chefes do partido progressista, occupando brilhantemente uma cadeira na assembléa provincial.

Se a expressão de seus actos em semelhante periodo ás vezes trazem uma character vago e indistincto, é intuitiva a razão.

O programma das differentes parcialidades abrangia ideias contradictorias, não havia separado o que lhes pertencia de direito, o que infelizmente na actualidade tem-se ainda dado, pois não há muito o partido conservador invadia a esphera do liberal, falseando seu intuito e os principios que symbolisão sua bandeira. A confusão das ideias essenciaes nas evoluções politicas reproduz-se sempre nas personalidades que as consubstanciam. Mais tarde, em 1862, o encontramos no parlamento do paiz, onde preenche o mandato de sua provincia condignamente. D'aqui em diante é outro homem, estreia uma nova phase. O talento que balbuciava na primeira serie do *Correio do Sul*, tacteava entre as columnas da imprensa e no rosto popular, na segunda mostra-se em todo o esplendor, musculaturas e soberania. Sosinho arcava com todos partidos, o numero não o intimidava e engenhos superiores estremeçeram ante aquelle Sansão da tribuna e do jornalismo, aquelle Antêo que retemperava as forças nos impossiveis

Pela sua propria grandeza, atrozes calamidades, lutas gigantes cas servem-lhe de pedestal á gloria; mas nunca mordeu o pó da arena. Nos dias de extremas angustias que deviam ser terriyeis para constituição tão poderosa, era como o mytho de Enceiado; na erupção energica sacudida de sobre si o pezo dos infortunios. E quando, embora laureado, achava-se exausto e sentia como o corpo alquebrar-se no affan e fadigas, corria a rejuvenecer o alento, a assumir nova coragem e valor nos braços da esposa e nos sorrisos da filha.

Era o lar o templo que se creava com desvelo e amor, onde foi modelo de todas as virtudes e talvez nem se quer um instante recebeu ver estremecidos os élos da ventura. Se houve dias ditosos, foi ahi que elle os gosou. O que para muitos torna-se insipidez o monotonia, para elle constitui um retiro de paz e bonança, que amenisava o que ha de fragoso, rude e aspero no mister de jornalista, onde quasi sempre, desvirtuava a sublime instituição da imprensa, faz-se da penna um escarpello de personalidades, em vez da disseccção dos principios.

Era na intimidade domestica que bebia o mimo e delicadeza de sentimento, abundancia e flores do coração, que, mal se affastava do terreno maninho e sáfaro da politica local, derramou por tantas laudas artozoadas de estylo e palpitantes de poesia na essencia. Insisto sobre esta particularidade, para muitos por ventura insignificante e sem interesse, e para mim a luz da téla em que se destaca seu vulto. A politica, principalmente no estreito perimetro das povoações, obseca a alma, exsicca a fonte das alegrias intimas, elimina o que ha de extremamente sensível no fóro da consciencia, abrindo ao espirito arrastado pelo interesse fanatico do poder immensas veredas, é certo, ainda que ladeiadas de abysmos. E' a morte do coração a favor da cabeça. E o calculo frio substituido a santas e puras effusões. Porém, Felipe Neri foi um dos raros exemplos em contrario. Bastava ve-lo e ouvil-o para advinhar quanta sensibilidade aninhava no adyto do peito.

Os amigos, que muito os houve, até entre as facções adversas, e a quem foi sempre fiel e dedicado, podem confirmar as palavras que vão ditas. Tambem a amizade foi outra flôr que acuradamente cultivou depois da familia.

Eis em rapido bosquejo, quem é aquelle que hoje pranteamos com a provincia inteira.

Não é um panegyrista que falla, é um coração que exhubera de

saudade e tristeza diante d'uma campa immensa, urna cineraria de seus despojos terrenos e marco miliario de sua immortalidade. Felipe Neri não é mais o homem de hontem que ouvimos aqui pleiteando pela emancipação servil, é o indigete do Pantheon da historia.

O lidador cruzou as armas e descansa sob a tenda da eternidade.

Se teu espirito nos escuta n'este momento, benemerito cidadão recebe o humilde preto de saudade que te rende o mais obscuro de teus consocios. **Good night.**

Iriêma.

RISOS E LAGRIMAS

DRAMA EM 4 ACTOS E 5 QUADROS

POR

HILARIO RIBEIRO.

Representado a primeira vez em Porto Alegre, no theatro S. Pedro,
em 20 de Setembro de 1879

—oOo—

PERSONAGENS:

Fernando de Magalhães	}	Negociantes	Pedro Joaquim.
Ricardo da Silva			Araujo.
Dr. Anselmo	}	Medicos	Raymundo.
Dr. Paulo de Benjamin			Alfredo.
Julio d'Aguiar	}	Guarda-livros	Eduardo.
Commendador Torres			B. Magalhães.
Octavia	}	Criados	Adelaide Amaral.
Adelaide			Maria Angelica.
Baroneza de Tapagé			Augusta Candiani.
Margarida			Roza.
Manoel			Manhonça.

Acção — no Rio de Janeiro.

Actualidade.

—oOo—

Ao seu amigo Luiz Alves Pereira Machado, offerece esta primeira
tentativa dramatica o

AUTOR.

ACTO 1.º

Sala luxuosamente decorada. Reposteiros ao fundo; e portas lateraes. Ao levantar do panno ouvem-se os ultimos compassos de uma palka.

SCENA I.

Dr. Paulo de Benjamin e depois o Dr. Anselmo.

DR. BENJAMIN (observando de um reposteiro a sala do baile)

Pobre louco! segues atraz de um phantasma e te ajoelhas diante d'uma estatua! (Vai sentar-se no divan).

DR. ANSELMO. — Porque deixaste as salas? A baroneza quer ver os seus convivas alegres. Então não tencionas dançar?

DR. BENJ. — Encontro mais delicias nas espiraes do charuto, que nos vórtices de uma walsa. Aquelle mundo phantastico é insipido a matar de tédio. Não te parece?

DR. ANSELMO. — O que me parece, é que ninguem será capaz de definir o Dr. Paulo de Benjamin. Seriamente, de dia em dia comprehendendo-te menos.

DR. BENJ. (accendendo o charuto). — Sim? E depois Dr.?

DR. ANSELMO. — E's bem curioso e singular! A's vezes, ha na tua fronte esse sulco profundo que denota um amargor intimo, ou o tédio das almas que se desfolham de castas e suavissimas illusões. Outras vezes o teu olhar lampeja como o do tigre e a tua voz fere no sarcasmo que atiras á ponta dos labios.

DR. BENJ. — E o resto?

DR. ANSELMO. — Que idéa fazes do amor e da amizade, não sei. Encaras com a mesma estoica indifferença o que é santo e nobre, como o que é mesquinho e desprezível. (Sorrindo) Estás sériamente sceptico?

DR. BENJ. — Ah! ah! ah! nasceste para reitor de seminario, meu caro: torceram-te a vocação, fizeram-te medico, quando devias envergar uma sotaina de presbytero.

DR. ANSELMO. — Motejas; mas n'esse riso satânico quem sabe se não transparece o abysmo, em que tua alma se convulciona atada ao eculeo?! Ris, Paulo de Benjamin, porém apostava que soffres!

DR. BENJ. — Escuta. Em quanto a multidão se inebria n'aquellas salas sentindo o collo palpar offegante de voluptuosidade; em quanto essa mascarada ridicula e tórpe folga e ri, aneia de febre e espasmo como a corteza nos coxins da lascivia, eu só tenho aqui (indicando o coração) tedio e saciedade, o peor flagello que pôde sentir a creatura. (Erguendo um dos resposteiros) Olha, tudo aquillo é mentiroso e hypocrita! Se tivesses ali uma irmã, eu te diria: Aquella mulher é tão falsa e vale tanto como todas as outras!

DR. ANSELMO. — Que mysterio!

DR. BENJ. — Não é um mysterio, é a minha historia! Sabes como entrei no mundo? De um lado tinha eu acervos de oiro e do outro o crépe negro da orphandade! De um lado a fronte angustiada e veneranda de meu pae, e do outro — junto ao meu berço o tumulto da uma mãe, que a minha existencia excavára!

DR. ANSELMO. — Continua.

DR. BENJ. — Contava eu apenas 10 annos, quando um homem abrindo para mim os braços, murmurou banhado em prantos: — Teu pae acaba de expirar, porém ficas rico e velarei sobre o teu futuro. Aqui tens, em poucas palavras, a historia de minha infancia. Nasci condemnado, os meus primeiros annos escoaram-se sem carinhos e alegrias, porque deviam ser o prólogo de uma existencia infausta!

DR. ANSELMO. — A orphandade deve ser horrivel!

DR. BENJ. — Estudando medicina, o meu fim, a minha unica ambição era tornar-me um dia o protector da orphandade indigente, velar á sua cabeceira como pae e medico... (Pausa) A fatalidade, porém, mudou completamente as minhas santas aspirações!... O acaso approximou-me de uma mulher. Impellido por força irresistivel segui-a como louco e adorei-a de joelhos!

Eu nunca tinha amado e a solidão em que vivia minha alma iriou-se por encanto!

DR. ANSELMO. — E depois?

DR. BENJ. — Depois?! Voltou o vacuo, voltou a solidão, voltaram dias mais tristes e noites mais lutulentas! Foi tudo um sonho passageiro... (Pausa) Ah! mas para esquecer essa mulher infame, a quem um só anno de auzencia bastou para postergar tantas juras e promessas, atirei-me á vida sensual dos bordeis, calcinei-me na ebriedade do vicio, a alma gastou-se nos seis flaccidos das Phrynés! Hoje não ha ahi alegrias que me deleitem, nem desgraças que me punjam. Trucidaram-me fibra por fibra!

DR. ANSELMO (sorrindo). — Não me diceste hontem que estavas apaixonado por Adelaide? O que me respondes?

DR. BENJ. — E acreditaste?

DR. ANSELMO. — Sériamente que duvidei. Se não fosses amigo de Julio poderia acreditar, porém...

DR. BENJ. — Não tenho amigos e não sou amigo de ninguém. Chamem-me embora de cynico ou sceptico, materialista ou o diabo; para mim é indifferente. Que me importam a mim os rivaes?

DR. ANSELMO. — E não temes o commendador? Disseram-me que se casa com Adelaide.

DR. BENJ. — Não passará de um boato. O commendador quer conhecer-me melhor.

DR. ANSELMO. — Ah! confessas a tua segunda paixão?! Eu sempre ouvi dizer que o coração não envelhece, e o teu ha de resuscitar como a phenix de Homero.

DR. BENJAMIN. — Eu só creio no primeiro amor!

DR. ANSELMO. — E no segundo?...

DR. BENJ. — Sou caprichoso; sempre gostei de perseguir os barões e commendadores. (Ouve-se o signal para a walsa).

DR. ANSELMO. — Não ouves? Dão signal para a walsa e adeus, meu excentrico! (Sae).

SCENA II.

Dr. Benjamin e depois um criado.

DR. BENJ. (tocando a campanhia). — Ao menos n'istas casas ha cerveja e champagne na falta do amôr: é sempre a embriaguez dos sentidos. (Para o criado) Traz cerveja para dois, e diz á senhora baroneza que a estou esperando. (O criado retira-se) Ah! Ah! Ah! (observando a sala do baile). O commendador afinal morre entre as minhas mãos como um frango! (Ao criado que entra) Fallou com a baroneza?

CRIADO. — A senhora já vem.

DR. BENJ. — Retira-te.

SCENA III.

Dr. Benjamin e depois o commendador Torres.

DR. BENJAMIN (deitando cerveja em um copo). Ignoro quem foi o teu inventor, nectar sublime, mas quem quer que elle fosse, eu bebo á tua memoria, cabeça de genio, e asseguro que valias bem um monumento! (Reclinando-se no divan, depois de beber).

COMMENDADOR TORRES (limpando o suor). — E' de mais;

não se ri assim nas barbas de um homem serio e respeitado como eu! Preciso e hei de vingar-me tão certo como dois e dois são quatro. (Voltando-se para a sala do baile) Veremos se o orgulho não ha de cahir!... (Depois de pequena pausa) Atrevida!... Rir-se á minha custa, envergonhar-me, a mim, um commendador!

DR. BENJ. — Soffreu alguma contrariedade, Sr. commendador?

COMMENDADOR (voltando-se sobresaltado). — Ah! (á parte) Sempre esta sombra maldita!

DR. BENJ. — Cuidado, cavalheiro, — é um medico quem lhe avisa: As paixões n'essa idade são perigosas... O amor aos 60 annos não é outra cousa senão uma parasita. Cuidado, que elle póde exaurir-lhe as faculdades mentaes! (Solta uma risada).

COMMENDADOR TORRES (irrequieto). — Ahi vem o Sr. com os seus gracejos pesados! Veja que sou grosso para palito!...

DR. BENJ. — Ora vamos, confesse, não está perdidamente apaixonado por D. Adelaide?

COMMENDADOR (quasi fóra de si). — E que tem o Sr. com isso?!... Peior vae ella!

DR. BENJ. — (com sarcasmo). — Quaes são as suas intenções, commendador?

COMMENDADOR. — E o Sr. o que pretende requestando D. Adelaide? Julga que não tenho observado?

DR. BENJ. — Procuro uma mulher para casar-me, nada mais natural e licito.

COMMENDADOR. — Espere então por sapatos de defunto.

DR. BENJ. — Estou applicando os meios como V. S.

COMMENDADOR. — E se não conseguir os fins?

DR. BENJ. — Dar-me-hei por vencido. Com tudo pouco temo a lucta. Até hoje, commendador, não tive um só desejo, um simples capricho mesmo que se não realisasse segundo a minha vontade. Nunca encontro obstaculos, porquanto não meço a profundidade dos abysmos. Creia-me, teria sangue frio para matar aquelle que se antepuzesse á minha vontade. E' mister que me fique conhecendo, e não se arrepie do que lhe vou ainda dizer... Aos vinte annos eu tinha um coração, hoje, aos 30 nem sei mesmo o que tenho aqui!... Como o anjo do mal eu rio ante a cabeceira do enfermo, que se estorce no eculeo do desespero, implorando-me mizericordia; encaro a humanidade com a frieza estoica do philosopho, e desprezo tanto os homens quanto Christo sacrificou-se por elles!

COMMENDADOR. — Parece incrível!

DR. BENJ. — Não crê na metempsychose, commendador?

COMMENDADOR. — Metemp... Não sei o que quer dizer.

DR. BENJ. — Talvez o espirito de Satanaz passasse para o meu corpo.

COMMENDADOR. — Eu já desconfiava!...

DR. BENJ. — Tenho ouvido dizer que o oiro é o potentado da terra, o mobil das paixões humanas; talvez o ponto de apoio que faltou á alavanca do sabio de Syracusa... Creio no entanto, na realza da medicina.

COMMENDADOR. — **Dubito!** Não pode ser, nego!

DR. BENJ. — Já vê, o respeitavel latinista, que sendo eu medico e possuindo muito dinheiro, tenho dois poderosos elementos: posso, dominar pelo oiro e pela sciencia.

COMMENDADOR. — Noto que V. S. está um tanto gasto.

DR. BENJ. — Cynico, póde exprimir-se com franqueza... Sou tão cynico como o commendador!

COMMENDADOR. — Menos essa! Não admitto a comparação.

DR. BENJ. — (Offerecendo um charuto). Não fuma?

COMMENDADOR. — Obrigado, sinto-me indisposto.

DR. BENJ. — Com que V. S. é meu rival pela segunda vez!... Não imagina o quanto sinto.

COMMENDADOR. — Pois fique sabendo que d'esta vez não me darei por vencido. (Dispondo-se a sahir). Vou até ás salas que é o melhor. Não dança?

DR. BENJ. (com sarcasmo). — Não, commendador, aprecio pouco esse divertimento proprio para crianças e velhos tontos. (O commendador faz gestos de impaciencia). Prefiro o jogo; amo as sensações fortes, que abalam mais o espirito do que a materia. (A' parte). Temos explosão.

COMMENDADOR. — Cá para mim o jogo é a distracção dos vagabundos. Não lhe parece! (A' parte). Vejamos o effeito da bomba. (Vai mirar-se no espelho).

DR. BENJ. — Com que se acha parecido V. S.?

COMMENDADOR (furioso). — Advirto-lhe que taes gracejos podem trazer resultados funestos!

DR. BENJ. (deitando serveja nos copos). — Façamos treguas. Sejamos dois rivaes generosos (offerecendo um copo). Bebamos ao triumpho do horóe, ou á memoria da victima, porque enfim, estou disposto a lutar e a fazer-lhe uma guerra de exterminio. (Bebe).

COMMENDADOR (bebendo). — A' saude, pois, do heróe! (A' parte). Pessima bebida! (Retirando-se). Até já, que estou com pressa.

DR. BENJ. (tirando do bolso um vidro). — Uma palavra, commendador.

COMMENDADOR (voltando-se). — Queira dizer.

DR. BENJ. — Vê isto?

COMMENDADOR. — E' um vidro.

DR. BENJ. — E' a morte!

COMMENDADOR (assustadissimo). — Oh! estarei envenenado! (Sae rapidamente).

DR. BENJ. — Ah! ah! ah! como é covarde! (Sae).

SCENA IV.

Adelaide.

ADELAIDE (agitada). — Rir, fingir sempre risos, em quanto o coração distilla lagrimas de sangue!... Ah! piedade, senhor, já não posso mais, sinto-me exausta, mal tenho forças para supportar tão longo supplicio! Protege-me, Deus de mizericordia, leva-me d'aqui, para bem longe... Aquellas salas inspiram horror, e tenho medo de enlouquecer!... (Pausa) Homens vis! Julgam que a mulher é uma mercadoria e que se impõe ao coração!... (Arrancando as joias e atirando-as ao chão). Pois bem, eu não preciso mais do que um claustro... De hoje em diante desfaço-me d'istas sedas, renuncio as esmeraldas e diamantes!... (Cahe soluçando no divan).

SCENA V.

A mesma e o Dr. Paulo de Benjamin.

DR. BENJAMIN (baixo). — Veremos quem é mais forte, commendador! (Approximando-se de Adelaide). Que agitação, minha senhora!... V. Ex.^a chora?... Sente-se por ventura incommodada?
Inst. Hist. — 2

ADELAIDE (com odio). — Deixe-me, Sr.!...

DR. BENJ. — Porque motivos me odeia assim?...

ADELAIDE (erguendo-se e fitando o). — E' demais!...

DR. BENJ. — V. Ex.^a fez mal em deixar as salas... Quer vel-o d'aqui?... (Levantando o reposteiro). Eil-o, pallido e triste, sonhando talvez o impossivel!... (Descendo) Os poetas são assim, minha senhora; criam um ideal, enlevam-se contemplando aquella miragem enganadora, e da condição de sonharem sempre, provém a seu eterno infortunio.

Pobres scismadores!... Transviados da senda da vida real, vão de decepção em decepção, de descrença em descrença, e a ultima estrophe que soltam, é a ultima blasphemia jogada ao mundo.

Dizem elles que ninguém os compreende e talvez assim seja... Malaventurados!... A poesia tira-lhes a força vital, porque a lava ardente que lhes ateia o espirito semelha ao cancro: — rói dia por dia, hora por hora e morrem na idade, em que nós outras começamos a viver. A poesia é como a tunica de Nessus; não acha perfeita a comparação, minha senhora?

ADELAIDE (com desprezo). — Nem sei o que disse!... (Querendo retirar-se).

DR. BENJ. — Queira ouvir-me então. Conceda um instante ao ultimo dos seus adoradores...

ADELAIDE. — Julga acaso que esse incenso que a fatuidade e a mentira queimam no thuribulo da lisonja, chegue até á solidão de minh'alma?! Ah! engana-se, Sr. Eu sou d'aquellas mulheres que preferem a virtude na desgraça, á abjecção completa dos sentimentos!... Não ha oiro na terra que me deslumbre, nem oblações mentidas que me seduzam.

DR. BENJ. — Perdão...

ADELAIDE (em acto de sahir). — Quando a mulher comprehende a sua missão, luta e luta sempre; porque se ha um anjo máo perseguindo-a na terra, Deus véla do céu! (Sae).

DR. BENJ. — Nunca é tarde. Não é verdade, baroneza? Pobres joias, estão definitivamente desprezadas? (Apanha-as e as colloca sobre uma mesa). Ah! ah! ah! mulheres, mulheres!

SCENA VI.

Dr. Benjamin e Julio de Aguiar.

JULIO. — Sim, é mister um esforço; acima do amor está a dignidade.

DR. BENJ. — Aonde vaes, rapaz? Que diabo tens tu? Estás funebre como um esquife!

JULIO. — Vou para casa... Adeus...

DR. BENJ. — (detendo-o) — O que succedeu?

JULIO. — Nada, cousa alguma...

DR. BENJ. — Não seas criança. Falla, diz, o que aconteceu?

JULIO. — Fiz mal em acceder ás tuas instancias. O coração advinhava!

DR. BENJ. — O que é que advinhava o teu coração?

JULIO. — Não imaginas como soffro!

DR. BENJ. (sorrindo). — Por causa de uma mulher?!

JULIO. — Amo-a e em recompensa só tenho desprezos!... Pedi-lhe uma contradança logo que entrei, e nem sequer respondeu-me...

Procurei-a ainda ha pouco, e sempre a mesma indiferença!... E' demais, o coração não deve humilhar-se tanto!...

DR. BENJ. — Afinal te has de convencer que as minhas theorias não são exageradas... Falta-te experiencia, meu poeta. Adelaide não passa de uma mulher vulgarissima e banal, como são todas as mulheres, desde a Eva da Escriptura! Todas ellas se nos apresentam sob a effigie de um anjo; porém não tomes a sombra pelo corpo. Adelaide quiz ver-te humilhado á seus pés, escravo submisso beijando-lhe as fimbrias do vestido!... Caprichos! N'estas regiões o amor é moeda falsa?

JULIO. — No entretanto di-se-hia que ella soffre!...

DR. BENJ. (com sarcasmo). — Lembra-te que Adelaide respirando a athmosphera mephitica dos salões de baile, já perdeu o candor nos torcicollos da walsa. Só o contacto da baroneza perverteria Magdalena, mesmo depois da sublime redempção!

JULIO. — Não, não consinto que digas isso !... Cala-te, amo-a e respeita-a ao menos na minha presença!

DR. BENJ. — Pois escuta. Ha dois dias que a mão de Adelaide foi pedida pelo barão, e sei com certeza que esse casamento se effectua muito breve.

JULIO (indignado). — Ah! é impossivel, não creio!...

DR. BENJ. — Verás, meu caro.

JULIO. — Se fosse verdade!... Não posso acreditar, é impossivel; ao menos que não seja uma imposição infame!

DR. BENJ. — Dá-me o braço. Lembra-te que eu já passei pelos mesmos transe e não enlouqueci. Vamos. Emquanto o epycurismo palpita n'aquellas alminhas, que vocês poetas chamam de anjos e cherubins, embriaguemos os sentidos n'um copo de champagne. Coragem, rapaz!

JULIO. — Não posso... Deixa-me ir para casa.

DR. BENJ. — Iremos juntos d'aquí a uma hora. (Saem pelo fundo).

SCENA VII.

Fernando de Magalhães e depois o commendador Torres.

F. DE MAG. (triste). — Fiz mal em ter fallado... Foi uma irrelexão imperdoavel... Pobre Adelaide! Quem lesse no teu coração, como eu tenho lido hoje, saberia o que vae n'elle de tristezas!... (Senta-se).

COMMENDADOR. — Ora graças que o apanhei de geito! (Baixo) Em que pensa, Sr. Fernando?

F. DE MAG. (abatido). — Nem sei mesmo.

COMMENDADOR. — O baile está animadissimo; magnifica partida!

F. DE MAG. — E' verdade, minha irmã não se cansa...

COMMENDADOR. — A Sr.^a baroneza sempre gostou dos bailes... Fez epocha no seu tempo! (Pausa) Vamos ao que nos interessa. Em primeiro lugar, fallou á sua afilhada, como me prometeu?

F. DE MAG. — Fallei, Sr. commendador, e a unica resposta foram lagrimas!

COMMENDADOR (com grosseria). — Lagrimas que se desfazem amanhã em sorrisos.

F. DE MAG. — Não creia. Adelaide se...

COMMENDADOR (interrompendo). — Então força-me...

F. DE MAG. — E' impossivel tal casamento... Não terei cora-

gem para violental-a, Sr.!... Adelaide não é minha filha; porém ado-ro-a como se o fôra... E' a minha unica alegria e sobretudo um pe-nhor sagrado!

COMMENDADOR. — N'esse caso...

F. DE MAG. — Forçal-a... eu... ó, não, nunca! Depois que lhe fallei, não sabe o Sr. que grande mudança se tem operado n'ella!... Foge-me, como se visse em mim o algoz do seu futuro; se é obrigada a fallar-me, já não é com a mesma confiança e serenidade de outr'ora!... Nem sei como ha paes, que violentam as filhas!

COMMENDADOR. — Compreendo perfeitamente a farça, Sr. Fernando de Magalhães!... O Sr. hypotecou a mão de sua afilhada á quem lhe offereceu maiores vantagens; mas esqueceu-se que existe em meu poder a hypoteca de sua honra; o credito de um negociante ar-ruinado.

F. DE MAG. (com dignidade). — Sr. commendador!...

COMMENDADOR. — Sei eu que ha aqui um homem que lhe ga-rante uma transação mais lucrativa, e por isso...

F. DE MAG. — E' demais, Sr.!...

COMMENDADOR (tirando tres letras da carteira). — Conhece estas letras?... Estão vencidas ha 3 mezes!...

F. DE MAG. — O Sr. condemna-me á um supplicio... Exige o que não está em minhas forças!...

COMMENDADOR. — Sacrificio por sacrificio... Disse-lhe que amava sua afilhada e póde acreditar-me... Por ella sacrificaria uma fortuna colossal, que juntei moeda por moeda... Amo-a e serei seu escravo; dar-lhe-hei o que exigir para torna-la invejavel de todas as mulheres!

F. DE MAG. — Julga por ventura que se impõe a felicidade ao coração?!...

COMMENDADOR. — Ora, meu amigo, não me venha com essas palavras de romances... Passava-lhe quitação e não aceita!... Tanto peor para o Sr... Deve-me innumerados favores e nega-me o primeiro que lhe peço... Prefere então o descredito e a ruina?...

F. DE MAG. (a parte). — Horrível situação!

COMMENDADOR. — Evite uma desgraça... Ninguem sabe por ora do estado de seus negocios; mas lembre-se que perderá amanhã a reputação de capitalista.

F. DE MAG. — Basta, Sr. commendador. Depois de amanhã dar-hei uma resposta decisiva.

COMMENDADOR. — Espero-a favoravel... N'este mundo servi-mo-nos uns aos outros. (Saindo) Vou ás salas; até já.

SCENA VIII.

Fernando de Magalhães, só.

F. DE MAG. — O que hei de fazer, meu Deus!... Pobre Adelai-de!... Julgas-me na opulencia ainda, e mal avalias o infortunio de teu padrinho!... Que mundo e que mizerias!... Emquanto vamos caminho da prosperidade não faltam amigos, nem aduladores!... Se baqueamos — fogem todos os amigos e os aduladores escarnecem! (sae).

SCENA IX.

A Baroneza pelo braço do Dr. Benjamin.

BARONEZA. — Ah! ah! ah!

DR. BENJ. — E V. Ex. a rir-se!... Repito lhe que sinto-me perigosamente apaixonado.

BARONEZA. — E dil-o assim, Dr.?!

DR. BENJ. — Por quem é, querida baroneza; faça-me esta ultima vontade... Bem sabe que amo-a e que nada virá perturbar as nossas...

BARONEZA. — Ah! o Sr. tem um coração de bronze!

DR. BENJ. — Não é tanto como suppõe... Torna-se necessario arredar quanto antes Julio d'esta casa... Adelaide ama-o, e é mister desvanecel-a, seja qual fôr o meio.

BARONEZA. — E reserva-me tão degradante papel?

DR. BENJ. — Breve terei as letras em meu poder, e as difficuldades desapparecerão... Por quem é, baroneza!... Proteja-me!

BARONEZA (á parte). — Preciso ser escrava agora!...

DR. BENJ. — Posso dizer ao poeta, que V. Ex. o chama?

BARONEZA. — Diga-lhe o que quizer...

DR. BENJ. (beijando a mão da baroneza). — Até já, querida... (sae).

SCENA X.

Baroneza e depois Julio de Aguiar.

BARONEZA. — Vamos, coragem até o fim!... (pausa). Ah! seja bem vindo o festejado poeta!...

JULIO (agitado). — V. Ex. mandou-me chamar?

BARONEZA. — Sente-se aqui ao meu lado... Está em minha casa e aproveito a oportunidade para raihar com o Sr....

JULIO. — Se commetti alguma falta, aceito qualquer recriminação...

BARONEZA. — Porque razão ainda não dançou com Adelaide? Já estamos em meio do baile e pelo que vejo...

JULIO. — A culpa não tem sido minha...

BARONEZA. — Já no baile passado Adelaide queixou-se-me do Sr., e estou resolvida a não dar mais uma partida por sua culpa...

JULIO. — V. Ex. zomba?!

BARONEZA. — Que gosto selvagem apaixonar uma menina incauta, para ao depois fingir ciumes e vel-a triste!

JULIO. — Baroneza!...

BARONEZA. — O seu procedimento tem sido reprovado por todos... Esses zêlos astuciosos são ridiculos, não lhe ficam bem... Antes não viesse!

JULIO. — Se V. Ex. não instasse ha pouco comigo, eu já estaria bem longe d'aqui!

BARONEZA. — O Sr. Julio d'Aguiar decididamente não é poeta. Faz versos, porque possui o artificio das vulgaridades. Os poetas, meu Sr., são dotados de um coração affectuoso e nobre, e o seu coração, desculpe-me a rude franqueza... Ah! ah! ah!

JULIO. — Póde dizer sem rebuço.

BARONEZA. — Não quero agastal-o!... Ah! ah! ah!

JULIO. — V. Ex. está abusando da sua posição!

BARONEZA. — Sabe que Adelaide o ama?

JULIO. — Para que me ha de torturar tanto, baroneza?!...

BARONEZA. — Responda: sim, ou não?

JULIO. — Eu amado por ela?! Houve um tempo em que a esperança parecia alentar a minh'alma e julguei-me feliz! Eram ilusões

de um louco que não media as distancias e julgava a felicidade tão perto e facil!...

BARONEZA. — OSr. é mesmo uma criança. Pela ultima vez: acredita ou não no amor de Adelaide?

JULIO. — Como V. Ex. insiste, eu respondo. Acreditei, porém tarde vi o esqueleto informe da realidade. Acreditei, baroneza, — foi apenas um delirio! A estatua póde mover-se, mas não há meio de fazel-a sentir...

BARONEZA. — O Sr. faz rir a gente com taes devaneios poeticos! O Sr. Julio d'Aguiar é capaz de dizer que Deus não é Deus, nos seus incommensuraveis arroubamentos... Ah! se Adelaide soubesse!...

JULIO. — Basta, Sr.^a; não sei até onde me quer levar!

BARONEZA. — E' pena que não escutem os seus floreios...

JULIO. — Póde zombar, tem razão baroneza. (O Dr. Benjamin aparece no fundo) A culpa é minha, e só devo queixar-me de mim... Eu via o abysmo, e em vez de fugir-lhe, lancei-me á elle como o marinheiro incauto atira-se sobre as ondas que rugem aos seus pés... Não me illudiram; eu me enganei a mim mesmo!... A provação foi grande, e devia assim acontecer... O homem que vive de um salario não póde, não deve ter aspirações tão elevadas, não é verdade?!... A minha audacia merecia uma punição severa, e V. Ex. arrogou a si o papel de apontar-me a craveira social!... E' justo, e perdoe V. Ex. o considerado... a quem esta lição não esquecerá jámais!... (Vae a sahir).

BARONEZA (interrompendo). — Ah! ah! ah! Quer uma das minhas carruagens?

JULIO. — O sarcasmo de V. Ex. é ridiculo!... A mulher que foi uma vez fraca descendo, não tem o direito de insultar o homem que foi fraco subindo!... (A baroneza encara-o com odio). Ah! mas não devo reagir contra a senhora... Tenho bastante nobreza d'alma e sei perdoar!... Alguem me vingará...

BARONEZA (tocando a campainha). — Saia quanto antes!... (Cae prostrada).

SCENA XI.

Os mesmos, e o Dr. Paulo de Benjamin.

DR. BENJ. — O que fez, Sr.?!

JULIO. — Não dou explicações á ninguem!...

DR. BENJ. (apontando a porta). — Villão!

JULIO (sahindo). — São dignos um do outro!

DR. BENJ. — Saia!

JULIO (no limiar da porta). — Vim buscar a felicidade e levo a morte!

FIM DO 1.º ACTO

O VAQUEANO

(NARRATIVA).

PAYSAGEM MORTA.

O inverno desatava as madeixas emperladas de gelo, tão triste que magoava o coração, e despertava ideias sombrias, como céos e terras. Não sei que íntima e mystica afinidade existe entre a natureza e a alma humana, que o mortecôr d'uma reflecte-se na outra como em bacia de lípidas aguas, que o múrmur surdo e merencório d'esta, como n'um typano, encontra echos n'aquella.

O inverno é um cemiterio! Razão de morte que não poupa a terra vergonteia, nem as catasões da aza do colibri! Por isso o calafrio que sente-se, quando elle se aproxima, o terror que vaga na floresta e na campina, a pallidez do manto de verduras, a auzencia dos cantores plumosos... e depois o minuoano! Como é cruel, elle que fustiga a arvore secular que aspergia dôce sombra no ardor da sésta, até arrancar-lhe uma por uma as folhas de seu diadema! que cresta a varzea ha pouco vicejante alfombra! que torna a lympha de onda argentina e anodyna, fria como uma geleira, silenciosa como um ermo, ingrata ao labio na exsiccação da séde!

Quem pôde amar-te, quadra sem sombras, brizas, cantos e flores? periodo que espasma a vida e congela a flor das alegrias?

Só que não sente, alma embotada para as sensações brandas e suaves, que rodeiam a existencia d'uma gaza transparente e rozea que se chama poesia!

Era no dia 14 de Julho.

O sol cambava. O raio do crepusculo, cirio que véla um ataúde, lambia a face da terra. Expressão de agonia, lampejo precursor da morte, ia deitar-se o pai da natureza. Quem então o visse, diria que buscava o leito de descanso, n'uma sepultura immensa como elle proprio, as profundezas do infinito. O scenario sobre que pairamos não rescendia menos tristeza.

Eram os campos da Vaccaria.

Ao norte o rio Pelotas arquejava, descartando febrilmente um requiem; ao sul o Taquary o acompanhava em notas não menos lugubres; d'um lado o lombo verde-negro da Serra-Geral, interceptando o horizonte; do outro o Mato Portuguez, cuja respiração simulava o paroxismo cruel de leviathans que estrebuxam. O tecto — o céo, cujas fimbrias eram as brumas alvacentas e de leve coloridas.

Ajuntai o effeito dos troncos quasi desnudos de roupas em pé no luco-fusco da tarde, phantasmas dos seculos estendendo longos e muscolócos braços para todas as direcções, sacudindo ao sôpro do pallido arrebol as barbas grizalhas e venerandas; ajuntai mais o mio, ora profundo e cavernoso da onça, ora estridulo e agudo da jaguaritica,

o solfejo aspero e atroador do itanha, o piar agoureiro das corujas, o bramido do minuano que fazia ranger os estíptites e galhada da selva, que revolvía os capinzaes como oceanos, e tereis o quadro senão completo, em miniatura ao menos.

Ali só uma realeza que contemplava outra realeza.

Ali só o urutão sentia effusões, porque ainda tenue diluculo de luz lhe banhava a retina, embora mortíça e gelida. Feliz vivente que passa os dias de modo tão extranho! Rompe o dia e eil-o a saudar a aurora, eil-o seguindo com a pupilla ardente o astro rei no seu itinerario pelos dedalos da immensidade.

Não sei porque, mas amo-te, ave das solidões do meu berço, anachoreta das florestas natalicias... Talvez traduzas um emblema sublime!

A noite desceu. O firmamento era um pavilhão de azul semelhante ao das voragens marítimas, os troncos que cercavam os campos da Vaccaria, eram suas columnas. As estrellas que o esmaltavam, encubriam-se por vezes, como em brancas mortalhas, nos capulhos de nuvens que deliravam nos páramos infindos.

Cahia neve em flocos. O frio, intenso. O mysterio d'aquella natureza recolhida e inanime, profundo e terrivel. Não tinha só a melancolia do deserto, o vago e indefinido que coam n'alma as savanas e matas americanas, tinha mais o tom baço, a desoladora taciturnidade, a parylizia, a inercia, a apparencia de cadaver que resaltam da quadra hyberna. Só quem viajou por noites assim travez do êrmo selvagem, pôde comprehender a expressão aziaga que lhe é propria, os sentimentos ineffaveis que elle desperta, expressão e sentimentos que jámais a linguagem conseguiria reproduzir, são tão indescriptiveis!

Então cada folha, cada filamento de relva, cada seixo, parecem ter um segredo medonho a contar, um coicho de torva ameaça! Tudo anima-se, tulo falla. O rochedo agita-se, caminha, rodeia-nos, e solta uma gargalhada de infrene sarcasmo. A arvore tem o gesto iracundo. O vendaval ruge uma blasphemia em cada lufada. E o viajante acha-se cercado de Calibans e pavorosas lamias. A noite, o inverno e a solidão o amesquinham á face do mundo e á face de Deos. Ao resfriamento do corpo aduna-se o resfriamento do moral. O homem é um authomato. Nem o proprio indigena que ali nasceu, vive e ha de morrer, não se izenta do terror supersticioso; elle mesmo crê em máos genios que povoam o sertão. Elle mesmo é um atomo que transcende no pensamento, porém, fraco e pueril ante as maravilhas de Deos, nos seios da creação virgem e grandioza.

II.

A MARCHA.

De repente na tréva sulcou uma scentelha.

Crer-se-ia que fôra ferida uma pederneira.

A faísca inoculou-se, tomou corpo, distendeu as fôrmas e logo depois uma lingua de fogo serpeou rapida, crepitou, momentos lutando com o regêlo athmospherico, e alfim uma labareda fluctuou os igneos pennachos.

Meia hora decorrida a ourela dos matos da Serra-Geral formava uma faixa luminôsa.

Então distinguam-se vultos que cruzavam o ambito illuminado.

Acerquemo-nos.

Dois homens estão juntos a uma das fogueiras. Tomavam mate.

Um de contornos amplos e estatura regular, tinha a physionomia franca, jovial e insinuativa do campeiro rio-grandense. Por sobre a farda trazia o poncho de panno azul forrado de baetilha e gola de velludo, que em outra seria agaloada, porém, n'elle, attenta sua simplicidade de costumes e maneiras, apenas rematava por singelo tranccelium. Todavia os alamares eram de prata. E a razão é obvia: esse metal na provincia não é a insignia distinctiva de certas classes, tanto se o depara na cabeçada do lombilho do estancieiro, como na do ultimo da peonada. Ricos e proletarios ostentam-n'o com garridice. As pratarias constituem o ponto de contacto entre uns e outros, o laço de irmandade das differentes jerarchias.

Cobriam-lhe a perna e o pé altas rossilhonas que, desfraldadas de sobre o joelho, vinham terminar em vigorosas chilenas tambem de prata, armadas de farpantes e rufadeiras rozetas.

O outro personagem de porte elevado, porém robusto e esvelto, trazia uma capa traçada no omoplata. Seu rosto não enganava a primeira vista. Parecia destacar d'uma etern illuminura, d'essas que passam intactas atravez dos seculos. Exuberava irradiações deslumbrantes detoda a physionomia. Era como a personificação, a apothéose viva do genio da liberdade.

— Quando chegaremos? dizia o ultimo com pronunciado sotaque italiano. Estou que quanto mais andar, melhor será. O inimigo não deve acordar antes que cheguemos. Pois em negocios de guerra, penso como Napoleão, a rapidez, o imprevisto, que trazem sempre uns ares de milagre, fazem mais do que os mais bem disciplinados exercitos.

— De accordo, mas crê entences que não vamos de carreira batida? Amigo, vamos que nem chimarrões esfomeados atraz de carneação.

— Não digo o contrario, caminhamos a marchas forçadas, bem o bem o vejo; quem sabe, porém, os rodeios que fazemos, quando podiamos encurtar a distancia indo em linha recta.

— Ah! vem você com as suas rectas! Não conhece o vaqueano! Guia guapo como elle, não o ha em toda a redondeza.

— Realmente; podemos ainda interrogar-o.

— E já... Vai ver como é aquillo.

Não se desmancha nem pelo diabo.

E acenou para um soldado de sentinella. O soldado achegou-se.

— Chama-me de lá o vaqueano. E pela vigesima vez encheu a cuia. O que me admira, ponderou, é como estou verdeando tão maldicta caúna.

Momentos depois veio o moço reclamado.

— Não haverá caminho mais curto d'aqui á Laguna?

O interrogado correspondeu com leve meneio affirmativo da cabeça.

— Porque não tomaste então?

— Posso ir.

— E porque não foste desde o principio?

— Perderiamos mais de metade da gente?

— Como:

— Bugres, onças, rios invadeaveis, largos e correntezas, taimbés, banhados...

— Que tem isto? Chegaremos em menos tempo.

— Mais seis dias, se não houvesse estorvos e embromações; quinze ao contrario.

O primeiro interlocutor refletiu e aventurou mais uma interrogação:

— Conheces bem o caminho?

O semblante do moço passou por subita metamorphose. As feições contrahiram-se e logo por interno esforço distenderam e ficaram immergidas n'um véo de funda melancolia. Foi ephemera convulsão.

— Se conhece!? replicou... E entre dentes murmurou com voz dolente: Antes nunca o conhecesse!

— Retira-te, estou satisfeito.

— Não te disse, Garibaldi!? Quem lá tem a cabeça do vaqueano? Chuéga, é um livro! Até guarda de memoria as macegas e pedregulhos das estradas.

No sertão não ha picada pela qual elle não se metta.

— Do que elle não gosta muito, Canabarro, é de fallar. Dá sempre as respostas pelo meio.

— Venetas... E' um tanto chucro... Tambem no mais é um homem, como se deseja.

Os republicanos com as grandes victorias adquiridas em 1838, mórmente a do Rio Pardo em 30 de Abril, onde reunidas as forças de Neto, Canabarro, João Antonio da Silveira e Bento Manoel, fizeram retirar o exercito imperial commandado pelo general Sebastião Barreto Pereira Pinto, quizeram estender a área dos combates, e para tal intuito determinaram tomar a provincia de Santa Catharina.

Ahi vão elles, agora que os encontramos, executar o plano concebido.

III.

AVENÇAL.

José de Avençal!

Quem então o não conheceu, não por semelhante nome, mas pelo de Vaqueano, que vinha da profissão?

Era uma natureza admiravel, não tanto pelas amplas manifestações dos musculos de ferro, como pela pericia e intelligencia com que guiava os exercitos da republica, e a lhaneza e bondade do caracter.

Tambem jámais houvera rio-grandense que como elle, conhecesse a provincia. Não lhe escapava uma geira de terra, ainda mesmo perdida nos invios sertões ou em banhados de largo perimetro. Tinha a memoria fiel até para as nugas locaes. Era uma verdadeira vocação. Seu calendario de nomes abraçava do capão sumido na campina á restinga de mato ou arroio de exiguos cabedaes. Constituia de per si o mais exacto archivo topographico, um mappa vivo e pittoresco.

Sempre sorria, quando os companheiros, ante a floresta, em que o taquaraçú crescia unido, atado ás arvores gigantes por fortes cipós e entretecede de finas e mimosas enredições, exclamavam:

E' impossivel!

Quando paravam desanimados na presença dos alcantis da cordilheira ou das barrancas de caudeloso ribeirão, e ainda repetiam a phrase de desalento.

Sorria. E o sorriso que lhe rugava o labio, era a craveira de sua grandeza e superioridade.

Nos misteres campeiros ninguem o excedia.

Iguaes os encontrava, melhores nunca. O homem que nas brenhas brincava com o guará, o tigre e o tapir e os subjugava ao braço como tenra creciuma sob a pressão do vento, que receio terio do potro indomito e bravio e do boi chucro e de pontas aguçadas?

Nos manejos de guerra não ficava somenos. A lança de duas braças de longura vibrava o bote tremendo, o pistollão atravessado na gualaca poucas vezes errava o tiro na andorinha que cortava os ares. Porém, quando expandia o rosto era ao ver a rodilha do laço revolu-

teiar no espaço e logo como uma goiaba aerea distender-se, enristar-se, cingir o corpo da victima, retel-a no impeto da carreira, soffreal-a nas contorsões da sanha, envencilhal-a em estreito amplexo e estrangulal-a quasi abatendo-a, vendo-a humilde render-lhe homenagem; ou quando, as bólas em punho, rodeiado de adversarios, ia derrubando um per um, a golpes terriveis. Essa arma de nossos camponeses realiza para o homem o que realizavam as ballistas e catapultas antigas para as muralhas. Onde batem, fazem uma brecha e ha quasi sempre uma agonia. Trazem só uma difficuldade, o saber esgrimal-as, e esgrimil-as não é atiral-as que é de uso ordinario.

Para os companheiros de acampamento, Avençal, o vaqueano, tinha um bom lote de defeitos imperdoaveis. Não fallava senão em caso de extrema necessidade, não bebia, jogava menos e fumava pouco ou nada. Já se vê que devia forçosamente ser censurado, vivendo na turba soldadesca, gente que tem por vida o presente como um pendulo oscillante entre a botija, amante de affagos e sonhos inextgotaveis, e o baralho, distracção necessaria para esparecimento dos sentidos nas horas vagas.

Porém, nem por isto era menos querido e admirado.

Suppunham-lhe todos uma historia negra, factos de tempos idos, cujas lagrimas ainda transpareciam apezar da distancia; porque o viam geralmente recolhido em profundas e melancolicas scismas que amarguravam-lhe a existencia. Não ria, sorria apenas, o que com bem largos intervallos se dava.

Admittiam uma hypothese, e portanto variavel como todas as hypotheses; mas a tinham como verdade á luz meridiana.

Teriam razão?

O philosopho feito a fórmas dialecticas poderia de balde pregar-lhes largo sermão sobre o attentado, pregaria no dezerto; que elles, seguindo o como instincto campeiro, faculdade de longa vista moral que lobra na tréva do passado e nas nevoas do futuro, iriam teimosos após sua ideia.

O pressentimento, faro do desconhecido que nos preocupa, tornado certeza por mysteriosa elaboração no espirito do homem da natureza, elaboração em cujo processo entra mais o sentimento do que a razão, os camaradas do vaqueano envidavam todos os meios para fazel-o fallar sobre o passado. Quando isto acontecia, viam-n'o estremecer e barafustar de pronto. Frustaram-se as mais bem combinadas tentativas.

Nos combates era o delirio personnificado. Em certo dia um official que o vira lançar-se na peleja, dissera admirado: Aquelle homem tem a febre da morte. No entretanto talvez tanta audacia constituisse um escudo impermeavel ao ferro e ás balas. Sahia sempre incolume, ainda que pezaroso.

O leitor póde pôr em duvida o que levamos dito, julgando phantastica creação, que esfolra o cerebro ardente de poeta.

Engana-se.

Os principaes traços característicos da physionomia que esboçamos de leve, são tão reaes, que os encontramos a cada passo em nossa provincia, desde o posteiro até o senhor da estancia, desde a existencia errante do tropeiro até a existencia sedentaria do guasqueiro ou trançador de lonca. O que ha de mais é a côr do mysterio, a sombra da intensa melancolia que o destaca do typo generico. Não mais do que a acção de um drama nefasto.

Iriêma.

(Continúa).

A RELIGIÃO NAS SOCIEDADES MODERNAS

Os povos agitam-se inquietos na elaboração de novas instituições, fundida no grande e indestructível molde da Justiça.

Do direito de cada homem, tomado isoladamente, no meio da criação, tal como elle se achou na terra, tal como a observação e o estudo de si proprio o tem revelado, parte-se para o direito de todos, para a organização social.

O direito individual, isto é, o direito de cada homem, constitue a base, o typo, a norma do direito social.

O direito social, ou por outra, o conjunto do direito de todos fez nascer o Estado, que não é outra cousa, senão a entidade, em cujas mãos delegam todos os membros de uma nação o dever de velar pela justiça, que é a satisfação de todos os direitos, na orbita em que cada um deve exercer-se sem prejudicar o direito de outro.

O homem se constitue, pois, em **pessoa**, responsavel unicamente pelas infracções aos direitos alheios.

Toda vez que no exercicio de seu direito elle não prejudica á outrem, embora se prejudique á si proprio, o Estado, o zelador dos direitos geraes, não deve, não pode intervir na acção individual.

A religião é a crença, sob diversas fórmãs, mais ou menos philosophicas, mais ou menos absurdas e idolatras, na existencia de Deus e na immortalidade do nosso espirito.

Crer em uma religião ou não crer, é um direito individual tão inalienavel, como inalienaveis são o pensamento e o fôro intimo, onde nenhuma outra acção se exerce senão a do proprio individuo.

Em que casos pôde o uso d'este direito individual offender o direito colectivo?

Quando é exercido sobre a via publica com exhibições de culto, ou quando perturba a tranquillidade á que todos os cidadãos tem direito, por meio de dobres de sino, ou ruido de matracas, ou então quando se procura violentar a consciencia individual, apoiando-se uma seita nos privilegios que lhe concede o Estado.

E' justamente o caso em que estamos no Brazil.

Esta nação admite como membros da communidade os sectarios de qualquer religião, mas reconhece como sua, como **official**, uma unica, á qual subvenciona e confere attribuições civis.

E' possivel que por effeito da immigração, ou por effeito do irresistivel progresso da instrucção, a religião, dita do Estado, esteja em um momento dado em consideravel minoria no espirito publico.

No entanto, em virtude do privilegio, essa religião tem a prerogativa de passear pelas ruas publicas os seus idolos, de perturbar o transito, de obrigar os transeuntes á descobrir-se e a dar mostras de respeito e veneração.

Se um israelita passa de chapéo na cabeça por uma procissão catholica, expõe-se á ser victima dos fanaticos, aos quaes deu o Estado

o privilegio de percorrer as ruas de andores alçados e tochas acesas.

Se amanhã occorrer ao nosso bispo exhibir nas ruas da cidade a imagem de Santo Ignacio de Loyola, á fim de que o beatissimo Santo opere o milagre de desaparecerem em um incendio geral todos os livros que formam o cabedal das sciencias, escapando unicamente a monita secreta da Companhia de Jesus; eu e grande numero de cidadãos que não têm a ventura de acreditar nas santidades de Santo Ignacio, devemos curvar o joelho e adora-lo?

Não seria um attentado do bispo e de seus confrades ao meu direito e ao de todos os cidadãos que consideram Ignacio de Loyola um homem funesto á humanidade, e sem jus á nossa consideração?

Se morre um homem rico, cuja familia é bastante ignorante para acreditar que os dobres funebres lhe facilitarão a entrada do céu, ver-se-ha o inaudito espectáculo de gemerem os ares com os sons plangentes de dez, vinte ou trinta sinos, tantos quantos se balançam nas torres catholicas.

Esta familia não commette um grave attentado á liberdade de uma população inteira, azoinada em toda parte, na rua, no domicilio, á meza da refeição, na amena convivencia de m festim, ou no leito angustioso da enfermidade, pela repercussão d'esses lamentos do bronze, postos por dinheiro, ao serviço da superstição?

E o que se ha de dizer da odiosa extorção que nos arranca o Estado para a religião que elle reconhece?

E' justo, não é antes uma especie de roubo, obrigar a pagar impostos, á titulo de applica-los ás necessidades do Estado e inverter uma boa parte d'elles em congruas para uma corporação sacerdotal, em aliaas, em edificios enormes, improductivos, e nullo para o progresso do espirito e para o acrescimo da riqueza, quando pagam esses impostos todos os habitantes do nosso territorio, sejam quaes forem suas crenças religiosas?

Ahi está o Estado mentindo á sua missão, constituido em infractor da justiça.

O direito manda que cada cidadão adore á Deus como lhe aprou- ver, ou não o adore absolutamente.

Nas relações sociaes cada individuo é livre de procurar aquellas que lhe convém, ou de conservar-se no isolamento.

Cidadãos ha, dos mais uteis, dos mais virtuosos, que são athêos, e outros que são fanaticos. Não resulta d'hai offensa para o direito de quem quer que seja.

Ultimamente foi eleito para uma das cadeiras vagas da academia de sciencias da França, o Sr. Lithé, que é athêo; mas que não deixa por isso de ser uma notabilidade que honra o seu paiz.

Ha alguém em França prejudicado por não acreditar o Sr. Lithé na existencia de Deos?

A religião não é meio de governo.

O Estado não recorre á ella, em caso algum para a reparação dos direitos offendidos por qualquer membro da comunidade.

O dominio da religião é puramente espiritual. Sua acção, toda moral, não póde estender-se além da consciencia.

Ora a consciencia está fora do alcance das leis positivas de um Estado. Ella se rege unicamente pelas leis moraes. Toda a acção do Estado sobre a consciencia é portanto uma infracção do direito individual, é uma oppressão.

No gráo de adiantamento á que te mattingido os conhecimentos humanos, na altura á que tem subido a personalidade do homem, uma religião imposta pelo Estado, ainda mesmo indirectamente, como

acontece no Brazil, é um anachronismo, é uma impertinencia do passado, é uma consideração banal á uma usança que se desarraiga dos costumes ao attrito da civilisação.

E' imperecível e profunda a palavra de Castellar:

"O Estado não tem alma".

II.

Confinada a religião nos seus limites naturaes, os da consciencia; expurgada das ambições mundanas que a deturpam e que dão-lhe o character de uma vasta companhia occupada em explorar a tollice humana nas suas varias manifestações, como a vaidade, a ignorancia, a superstição, a credulidade, desmamada dos orçamentos do Estado e dos indebitos privilegios que lhe dão ingerencia na vida civil dos cidadãos, occorre naturalmente uma interrogação.

A religião é necessaria?

Acredito que sim.

No estudo psychologico do homem, a maioria dos grandes pensadores que se tem votado a esse intrincado labor está de accordo em reconhecer no nosso ser certas relações, que se ligam á uma aspiração religiosa.

Verificamos em nós em primeiro lugar a relação de perfectibilidade. Qual o homem, no uso regular de suas faculdades, que não se empenha constantemente por elevar-se, por augmentar a sua força, o seu poder? Os mais frisantes exemplos d'essa aspiração de nossa natureza são a inclinação irresistivel dos espiritos superiores pela gloria, pela nomeada, pela distincção. O que instiga o sabio a lucubrar durante uma vida inteira na investigação das leis da natureza?

D'onde vem que, salvas mui limitadas excepções, a grande massa do genero humano, sem distincção de ignorantes, illustrados abraça a crença da sobrevivencia do nosso espirito, senão d'esse ardente empenho de perfeição, que nos concita em cada momento da vida?

As ideias que formamos do justo, do verdadeiro, do bom, do bello, não são outras tantas relações que exigem um terceiro termo para completar se, para explicar a existencia d'esses phenomenos no nosso espirito?

Porque é o homem o unico no seio immenso da creação com as prerogativas de pensar, julgar, comparar, com o sentimento moral e com a consciencia de responsabilidade, dotado com o instrumento da linguagem?

Não é elle o mais perfeito termo d'essa progressão de seres que começa no imperceptivel infusorio e termina nelle?

E se ha essa innumeravel gradação nas incarnações da vida, e se o homem tão superior aos seres que conhece, não se julga, e ao contrario sente-se em si proprio que não está completo, que acima da sua organização concebe organizações mais perfeitas, se além da esphera que habitamos, ha outras que obedecem ás mesmas leis naturaes que regem a nossa, não é claro, não basta a nossa unica imperfeita razão para demonstrar que a escala da creação não se acaba em nós, mas que se continúa atravez do espaço nessas outras obras da creação que devassamos, mas que estão á acima do nosso poder?

Forçosamente o nosso pensamento chega á concepção de uma força omnisciente, onnipotente, omnimona, incommensuravel, indifinivel, superior ás formulas de nossa expressão, inaveriguavel para os

fracos meios do nosso criterio, força de que todas as outras emanam e dependem.

Eis o Deus da razão humana, como elle se apresenta naturalmente, como o podemos conjecturar de boa fé, libertados de prejuizos, de preocupações, de tradições, como elle é compativel com as aspirações nobres de nosso ser.

Temos na nossa natureza impulsos que nos elevam, e impulsos que nos degradam. Os primeiros incontestavelmente são mais poderosos e quanto mais aperfeiçoado é o homem, mais imperio exercem sobre elle. Os impulsos máos que tambem nos arrastam são o contraste necessario para a pratica do bem, para a luta do aperfeiçoamento, o qual é a lei suprema da nossa existencia nesta planeta que habitamos.

O homem é pois um **facto**, na ordem da criação universal. A analyse d'este facto, o estudo das leis que o regem nos leva á concepção do principio, da synthese: o principio, a synthese é o Universo, o conjuncto de toda a Creação, em cujo complexo envolvemos a ideia de Deus.

O facto conhecemos, está ao nosso alcance. O principio está superior á nós, escapa á nossa acção, aos instrumentos incompletos do nosso poder.

O que nos cabe fazer? E' pautar a vida por essas leis que sentimos em nós, as quaes são necessariamente as relações harmonicas que existem entre a parte e todo.

A justiça, a igualdade, a liberdade, o direito, a responsabilidade, a dignidade, o trabalho são leis secundarias que completam a lei organica — a lei do aperfeiçoamento. Sigamos essas leis que se revelam em nós indestructiveis e immanentes.

Obedecendo á ellas, cumprimos a missão que nos incumbe na existencia actual, aquella de que estamos de posse, aquella de que nos reconhecemos responsaveis.

Cumprindo essas leis satisfazemos o sentimento religioso, a aspiração que nos leva a reportar á um Ser Superior tudo o que praticamos de bom, de util, de grande.

Mas se o nosso espirito tende a ultrapassar as raias da existencia actual, se levado pela lei de perfeição elle sente a necessidade de dar fórmulas comprehensiveis á existencia futura, com cuja ideia se conforta na luta presente, concebamos um ideal dentro das induções logicas da nossa mesma natureza e compativel com o que possamos aspirar de mais elevado e de mais sublime.

Admittamos a existencia progressiva, a transmigração do nosso espirito atravez dos mundos innumeraveis que povoam o espaço, subindo na escala da perfeição á medida que se purificar no crysol da vida. Acreditemos que as nossas boas obras contribuirão para alcançar um termo menos rude na progressão vital.

Adoremos á um Deus, que não nos queira nem humildes, nem orgulhosos; porém dignos, confiantes e sobretudo gratos á superioridade que nos concedeu sobre os outros animaes, sobre os quaes exercemos o nosso dominio.

Concebamo-lo tão grande que não o possamos descrever; mas acreditemos que elle nos destina ao goso ineffavel da sua comprehensão e da sua presença. Sirvamo-lo com a nossa virtude, mas não com o nosso temor. Não consideremos orgulho a sciencia, ao contrario procuremos nas luzes com que ella nos aclara aproximar-nos da grandeza de Deus pelo estudo de suas obras.

A sciencia eleva o seu pedestal, a ignorancia o rebaixa.

A religião assim concebida é uma necessidade para a sociedade humana, uma parte da vida moral que não se apagará nunca da consciencia.

A civilização actual já não tem outra, nem poderia ter sem manifesta contradicção com os dictames da razão livre e emancipada.

F. Cunha.

(Continúa).

POESIAS

AO MARQUEZ DO HERVAL.

Escuta! Quando outr'ora a voz da fama,
Transpondo o espaço de interpostos mares,
Vinha aqui segredar nos patrios lares,
Qual eras, entre o fero combater;
Nós, assombrados, á essa voz dizíamos:
— Não póde tanto arrojo ser humano!
— A' luta volve e vê se d'um engano,
— Echo mentido vens á patria ser. —

Corriam dias e essa voz voltava:
— Oh não, não me enganei, na pugna ingente,
“Vi-lhe, qual raio, o gladio refulgente
“Abrir caminho ás turbas marciaes.
“E como a rocha entre escarceos horrisonos,
“Desdenha a furia do revoltto pego;
“Eu mesma o vi, sublime de socego.
“Sorrir ante as descargas infernaes!

“Era sublime aquelle horror! De um lado,
“Espessa nuvem para os céos se erguia.
“Aqui, além, o bôjo se lhe abria,
“De si jorrando rapidos clarões.
“Depois... ouvia-se um bramir medonho;
“E a terra, a mesma terra, se abalava,
“Era a morte sinistra que passava,
“Cuspida por innumerados canhões!

“E Osorio cavalgando o seu ginete,
“Frente a frente entestando co'a metralha,
“Olhava attento as phases da batalha
“Como se a morte não pairasse ali!
“Se o visseis tão sereno, julgarieis
“Que fitava o brincar de mil creanças,
“Quando o porvir talvez, as esperanças
“Tinha da patria a depender de si!

“Era sublime aquelle horror! As filas
“Pelo ferreo granizo fustigadas,
“Já rotas, vacillantes, rareadas,
“Tam de mortos alastrando o chão!
“Membros dispersos gotejando sangue!

"Corceis sem dono a vaguear perdidos!
"Lamentos com mil pragas confundidos!
"O reino em fim da tórva assolação!

"Oh! mas de subito o infernal concerto,
"Acorda aos echos do clarim vibrante;
"E Osorio diz á soldadesca: — avante! —
"Fôra o toque o signal de arremetter.
"E como o raio que as montanhas fende,
"Ou como a lava que um volcão vomita;
"Elle no turbilhão se precipita!
"Queria face a face a morte ver!

"Porém á voz que as almas electriza:
"— Avante! — o exercito em clamor murmura!
"E o rasto ingente desse heróe procura,
"Como quem dos triumphos vae senhor!
"Fascinação esplendida! A victoria
"Aos pés do seu corcel manietada:
"— Onde me levas?... pergunta-lhe assustada:
"— Irás comigo onde o meu gladio fôr. —

"E foi como captiva que não póde,
"Do captiveiro espedaçar os ferros!
"Depois ouviu-se a retinir nos cerros,
"Nuncio de gloria, uma canto marcial.
"Era que nos reductos inimigos,
"Victoriosa a hoste brasileira,
"Já desfraldava a bicolor bandeira,
"Aos crebros sons do hymno nacional!

Era assim que na patria, a voz da fama,
Pela tuba que algema o esquecimento,
Te erguia pouco a pouco o monumento,
Que teu nome ao futuro vae unir.
Como Bayard, como os heróes de Homero,
Ha de teu nome, na brasileira historia,
Passar aureolado pela gloria,
A's gerações por vir!

Manoel Gonçalves Junior.

A MOCIDADE

Recitada na 4.^a Sessão Anniversaria do Parthenon Literario.

Oh! mocidade, eia, avante!
Que as glorias p'ra vós são grandes;
Erguei aligero o vôo,
Como o condor lá dos Andes.
E n'um voar cambiante,
Alcançareis a victoria
Para escreverdes na historia
Uma epopéa brilhante!

Athléta sois do progresso
Co'o sôpro da inspiração
Podereis tocar a méta
Na terra da promissão.
Então com almo fulgor
Sentareis n'esse docel,
Tendo na frente o laurel,
Que symbolisa o labor.

Que importa negros reveses
Acompanhem vossa sorte,
Se rutilante scintilla
A estrella de vosso norte?!...
Tendes o genio 'a sorrir...
A crença tendes na mente...
E o que vos falta sómente
Senão a senda seguir?!...

Segui ousados romeiros
Por sobre laureas a flores!
Topetai co'a immensidade
Como sublimes condores.
E' sacrosanto este estadio!
Seja a tribuna e a imprensa
Vossa missão, vossa crença
O vosso eterno paladio.

Ide colher esses louros
Na lide das epopéas,
Para mostrar vossos feitos
No combate das idéas.
Abri o peito á ventura,
Com mais nobre enthusiasmo;
Erguei-vos d'esse marasmo
Que além o porvir fulgura.

Erguei, erguei vossos cantos
Com celeste inspiração,
Sêde propheta dos povos
Lidadores da nação!
Um dia, talvez, bem cedo...
Direis aos vossos vindouros:
— Aqui colhemos os louros
Como Alvares de Azevedo!

Olhai a senda brilhante
Que traçou Gonçalves Dias!
E vêde Abreu inspirado
No leito das agonias!
O corpo a terra consome,
Ambos morreram, é certo!
Mas q'importa, se coberto
De laureas têm o renome.

Assim mocidade, avante!
Que os feitos p'ra vós são grandes;
Erguei aligero o vôo
Como o condor lá dos Andes.
E n'um voar cambiante
Alcançareis a victoria,
Para escreverdes na historia
Uma epopéa brilhante.

Augusto Rodrigues Totta.

CHRONICA

Depois de uma ausencia de dous annos e meio, reaparece hoje a Revista Mensal do Parthenon Litterario. Obrigada então por motivos poderosos ao afastamento da liça da publicidade, ella surge agora, mais cheia de vida, como a phenix de Homero d'entre as cinzas.

E nem podia ser ao contrario! A mocidade estudiosa nessa intermittencia não depôz a penna, — a arma mais convincente d'este seculo. Differente dos soldados de Annibal, a mocidade nas horas do descanso, retirada embora dos campos das lutas, exercitava-se com affanoso ardor esperando a cada momento o signal do combate. Elle soou! E os velhos batalhadores não desampararam os seus antigos postos de honra. Eil-os mais dextros e animados, enriquecendo com novos e mais brilhantes commettimentos as paginas da Revista. E se ella não servir de modelo, se em si não tiver merito algum, sirva ao menos de incentivo á lidadores mais experimentados.

— Honra-nos a primeira pagina d'esta Revista, o busto venerando de Felipe Neri. E' uma divida sagrada que a mocidade do Parthenon Litterario paga áquelle illustre finado. O trabalho sahiu da lithographia do Sr. Wiedmann e faz honra ao habil artista Brüggemann, que foi o encarregado de sua execução. Quem não conheceu Felipe Neri senão de tradição, quem não o conheceu na intima convivencia, conheça ao menos a sua imagem. O retrato está perfeito. O Sr. Brüggemann correu a mão sobre a pedra com talento e fidelidade; talvez mesmo se inspirasse em presença d'aquella physionomia franca, sympathica e insinuativa que inexperadamente a morte nos levou.

— Ha tres mezes que a empresa Ismenia funciona no S. Pedro. O theatro no inverno é uma necessidade. Terra pequena, sem outros passatempos quem não vai ani, com a alegria n'alma, esquecer a monotonia e tristeza d'essas noites tão longas?! Abençoado, pois o dia em que a Sr.^a Ismeia viu a sultana do Sul, á banhar-se nas aguas serenas do melancolico Guayba. A companhia resente-se de pessoal. A' excepção da empresaria e dos actores Motta e Araujo e mais dous ou tres, o resto nem vae apenas mencionar. O repertório dos dramas é em sua generalidade o mesmo das emprezas que têm trabalhado aqui nestes ultimos cinco annos. O estrangeiro que tiver assistido todas as representações da companhia dirá com sobejas rasões, que o Brazil não tem theatro seu. No elenco dos dramas não ha um só de author brasileiro. Será porque não os haja? Não. O theatro nacional tem dramas de subido valor, de incontestavel merito, como a *Historia de uma moça rica*, *Omphalia*, *As azas de um anjo*, *Luxo e vaidade* e muitos outros. O mal todo já vem de longe. E' que o nosso povo habituou-se á receber tudo, o que traz em si o rotulo do estrangeiro. E' um mal immenso, e é necessario, portanto, que aquelles que se interessam pelo engrandecimento da litteratura patria, busquem external-o de uma vez. Não julguem que pedimos o ostracismo das obras de subido merecimento, vindas do estrangeiro, não! O que queremos é que as producções nacionaes de real valor, sejam levadas ahi tambem á scena e não estejam condemnadas ao esquecimento.

Achylles Porto-Alegre.

REVISTA MENSAL

DA

SOCIEDADE

PARTENON LITERÁRIO

2.^a Série — Agosto de 1872 — N.º 2

TYP. DA REFORMA — RUA GENERAL ANDRADE NEVES N.º 51

PÓRTO ALEGRE

1872

COMMISSÃO DE REDACÇÃO.

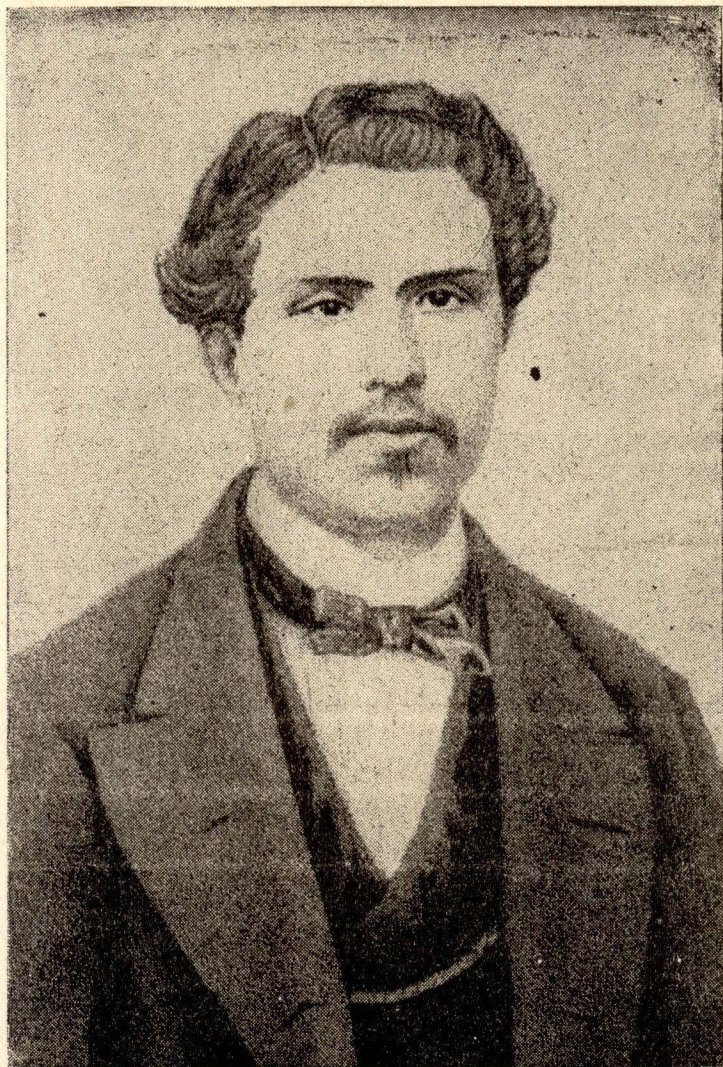
Vasco de Araujo e Silva.
Appolinario Porto-Alegre.
José Bernardino dos Santos.
Aurelio Virissimo de Bittencourt.
Francisco J. de Sá Brito.
Manoel Gonçalves Junior.

REDACTOR DO MEZ.

Francisco J. de Sá Brito.

DIRECTORES.

Achilles Porto-Alegre.
Hilario Ribeiro d'Andrade e Silva.



AFFONSO LUIZ MARQUES

AFFONSO LUIZ MARQUES (*)

"Não foi um nome que se apagou, uma gota de menos no oceano da vida, um corpo frio n'um leito de cal; — foi um busto que o Brasil perdeu para a galeria das grandes intelligencias".

Dr. Felix da Cunha.

Paguemos-lhe o ultimo tributo trasladando o seu precioso retrato para esta galeria mais dos mortos que dos vivos.

Chegou a sua vez, assim approve á Providencia e ahi tendes o busto de Affonso Marques.

Orvalhae-o de lagrimas vós todos que conhecestes a sua imagem insinuante e sympatica; pagaes em prantos e saudades a memoria eterna d'essa creatura sublime tão em verdes annos tombada no leito mortuario.

Pranteemos a sua morte prematura, porque não perdemos só um amigo e um irmão, perdeu o paiz um vulto talhado para os mais grandiosos e arrojados commettimentos do espirito humano!

Pranteemos a sua auzencia irreparavel, porque não foi só a tribuna do Parthenon que perdeu um grande orador, a tribuna brasileira perdeu n'elle um Mirabeau ou um Massilon!

Quem não pasmou diante da eloquencia de Affonso Marques, se elle possuia o condão de incantar os auditorios?... Quando levantava-se para fallar, calmo e magestoso, o seu gesto impunha silencio, a sua palavra irrompendo caudal como as lavas de um volcão era uma centelha electrica que fazia vibrar uma por uma todas as fibras da alma!

Era na tribuna que mais se manifestava a sua imaginação arrojada e opulenta. Tinha momentos admiraveis, assombrosos; momentos em que a phrase vehemente e inflammada tocava as eminencias do sublime!

E morrer tão cedo!

Morrer quando o sol dos triumphos doirava-lhe a estrada do futuro e o marco final ainda estava bem longe!

(*) Acha-se incumbido de escrever a biographia do nosso chorado amigo, o Sr. Appolinario Porto-Alegre. Breve começaremos a publical-a.

Morrer bradando como Chénier: **Pourtant, j'avais quelque chose là!**...

O dia 9 de Agosto deve ser uma data bem dolorosa para a provincia. Dia aziago, em que o povo da capital debruçou a fronte contristada e as lagrimas cavaram fundo sulco em todas as faces!

Dia lutuoso, em que não houve coração que se não commovesse diante de tamanha calamidade!

A propria natureza parecia recolhida quando o funebre prestito rendia a derradeira homenagem áquella existencia infausta. A natureza mesma soluçava talvez uma nenia, o céu tinha um sorriso melancolico e triste e as brisas que passavam nos seus cabellos ciciavam um gemido agonizante!

Pobre Affonso!

Não ha desafoço, nem balsamo que suavise o golpe profundo que a mão selvagem da fatalidade desferiu em tantos peitos.

Parece ainda um sonho, dir-se-hia uma mentira que não lhe escutemos mais a voz sympathica, não lhe apertemos mais a mão leal, não lhe vejamos aquelle riso sempre franco e affectuoso!

Ai! mas a verdade surge atrophiando-nos o espirito, a verdade acerca-se de nós, enluta-nos e os dobres plangentes do enterro repercutem em cada dia que avançamos!

Ha momentos de viva dôr e inconsolaveis amarguras: — E' quando o genio na ante-manhã da vida decae do pedestal da gloria no fundo do tumulo, e a frente que relampeava fagulhas sideraes pende gelida e macilenta!

Ah! Deus de misericordia! Porque entre a morte e elle não estavas tu para quebrar a foice inexoravel que devia aniquilar uma existencia tão preciosa?

Por tua face divina não se voltou contristada no momento, em que vinte e quatro primaveras iam desfolhar-se no caminho poeirento do cemiterio?

Porque não enfreieste o corcel medonho da morte, se na carreira desatinada ia esmagar uma cabeça, que valia um resplendor?

Porque não amparaste a queda de um anjo, que desatava as pandas azas pelos plainos azulados do amor, dedilhando em lyra d'ouro os canticos ungidos de esperanza e mocidade?

Porque não detiveste a lufada iracunda que foi desabar o tecto suavissimo, onde só moravam mãe e filho: Ella — amphora do mais enternecido amor; elle — a sua unica alegria, o seu unico amparo e conforto, o cofre dos ternissimos anhelos?!

Porque não paraste a nuvem negra da eternidade, que devia obumbrar o astro fulgido a sobrenadar em luzes no vestibulo do Pantheon brasileiro?!

.....

Mas porque choral-o?

Não é por ventura esta vida o começo de uma outra que nos aproxima mais de Deus? Sim.

E' além-tumulo o paraizo, onde se estanca o suor do sublime cansaço e a fronte entristecida na terra sacode a corôa d'espinhos para cingir uma auréola.

E' no céu que começa a justiça de Deus para ao depois a injustiça dos homens se transformar em gratidão, o esquecimento em culto, o humilde epitaphio em monumento, um nome n'essas apotheoses que perpassam de geração em geração na aza dos seculos!

Fadarios lutuosos os d'aquelles que trazem do berço uma missão providencial.

Mal transpõem o lumiar do mundo sentem as tristezas do exilado o coração ternissimo recolhe-se para o sacrario das resignações; o espirito sobre-humano invoca a Providencia nos instantes de suprema luta e provações.

Descansaste pois, Affonso!

A tua alma esvoaçou para o infinito, o teu espirito desprendeuse da materia e remontou ás esferas empyreas!

Tua existencia foi curta, porém tua memoria será infinda, porque na tua ephemera peregrinação sobre este val de lagrimas deixaste um rasto luminoso como esses meteoros brilhantes que espadanam cátadupas de luzes.

A tua intelligencia — ha de ser o teu monumento!

O teu nome — a nossa saudade!

Porto Alegre, Agosto de 1872.

Hilario Ribeiro.



A RELIGIÃO NAS SOCIEDADES MODERNAS

III.

Ha dezenove seculos que em um canto obscuro do imperio romano nasceu uma religião, que avassalou mais tarde o grande colosso, sobreviveu á elle e existe ainda hoje.

Essa religião é o Christianismo.

Não cabe nos limites deste escripto uma analyse sincera e desapaixonada dos bens e dos males que d'essa crença religiosa vieram á civilisação actual.

Foi moda por muito tempo attribuir ao Christianismo o progresso, de que hoje desfructam os povos cultos. Alguns rapsodistas ainda consideram um passo obrigado decantar o sacrificio do Golgotha e preconisar a redempção que d'ahi veio á misera humanidade. Esses elogios interessados, ingenuos ou nescios esquecem de dizer-nos claramente como a cousa se fez; pois dos observadores sinceros e des preocupados apparece o Christianismo, tal como tem sido interpretado nos dezenove seculos de sua existencia, como o inimigo encarniado e tenaz dos agentes d'este mesmo progresso.

A humanidade não deve y Igreja o menor passo nas sciencias, nas artes, na riqueza publica e no desenvolvimento da força social. Ao contrario ella se tem esforçado, por todos os meios, crueis ou astutos, em perpetuar a ignorancia, a miseria, a dependencia e a escravidão dos seus sectarios.

Na ordem scientifica a Igreja não admite a razão livre, porque submete o pensamento e a consciencia dos seus fieis á autoridade infallivel de seu chefe supremo.

Na ordem moral não ha outros impulsos de nossa alma é obedecer que não sejam os consagrados nos livros divinos, chamados Evangelhos.

Na ordem social ella condemna a liberdade e a igualdade, defendendo as castas e os privilegios, á exemplo da sua organização hierarchica e despotica.

O justo, o verdadeiro, o bello, esses ideaes indeleveis do nosso ser não devem, segundo a Igreja, ter outra irradiação senão a que marcar o circulo da sua disciplina.

Dentro d'esta estrutura de ferro conteve por muito tempo a Igreja a humanidade, esforçando-se por afogar em ondas de sangue as irrupções do espirito. Milhões de victimas, milhões de riquezas malbaratou ella no seu insensato empenho. Eao cabo d'essa esteira pavorosa de ruínas, de desolações, de horrores sem conta e sem qualificação, achou-se vencida e condemnada, esquecida á um lado do

(*) Vide o 1.º n. da REVISTA.

caminho, como um obstaculo outr'ora perigoso e intransferivel, hoje impotente para deter a marcha da humanidade.

O Christianismo, desde que conseguiu apoiar-se no braço do Estado, não tem tido outra missão senão embrutecer e subjugar os povos em seu proveito e no dos potentados á quem se alliou.

Ahi está a historia para attestar que essa seita religiosa não tem sido outra cousa senão uma theocracia audaz, lutando de força, de astucia, e de crimes com os reis, para absorver-lhes o poder e constituir-se uma potencia universal, ou quando este sonho de ambição se distanciava no horizonte de suas esperanças submeter-se á esses mesmos potentados e partilhar com elles o despojo dos povos, aos quaes ella chama com muita propriedade — o rebanho, as ovelhas da Igreja.

A enormidade dos seus crimes e infamias tendo attingido ao que ha de mais inaudito, uma grande parte da Europa levantou-se fremente de indignação e de colera e proclamou a reforma.

Reformou-se o Christianismo, depois de longas e encarniçadas guerras, escapando ao dominio de Roma quasi todos os povos de origem germanica e slava.

Os povos da raça latina ainda gemem sob esse jugo degradante, prestes comtudo á uma emancipação completa, que não tardará muito.

A reforma melhorou consideravelmente a condição dos povos que a adoptaram. Confundido o chefe da religião com o chefe da nação, deixou desde logo aquella de ser um interesse antagonico e hostil á sociedade civil. Os soberanos, chefes ao mesmo tempo do corpo sacerdotal de seus estados, não tiveram desde logo obstaculos a vencer, pois que os ministros do culto passaram a ser funcionarios, unicamente dependentes do rei e por conseguinte adstrictos á sua influencia. Tornaram-se, como era natural, instrumentos do despotismo civil ou temporal; mas alliviaram os povos do consideravel peso do fanatismo e de mil abusões e patranhas, abrindo assim novas valvulas ao espirito de exame. Elevou-se o nivel moral d'esses povos. E vemos alguns d'elles, a Suissa e os Estados-Unidos regendo-se pela fórma republicana, avançarem rapidamente em grandeza e força social; outros como a Inglaterra, em poder mercantil; a Allemanha unindo-se e engrandecendo-se: a Suecia, a Noruega, a Dinamarca, a Hollanda gosando de feliz tranquillidade pelo trabalho intelligente, pela tolerancia, e pela ausencia da compressão religiosa.

Ao passo que os povos protestantes tomam affoutamente a dianteira da civilisação, elevando a personalidade humana e preparando-a para os seus destinos inevitaveis, os povos latinos ainda se debatem contra os botes da companhia romana, que explora a nossa ignorancia e a nossa tolice.

Lá estão esses exploradores na Hespanha, bestialisada e arruinada por elles, de escopeta ao hombro lutando pela santa causa do catholicismo.

No Brazil ainda não ha muito abrimos o cofre publico para dar á cada bispo em viagem para o Concilio vinte contos de réis, justamente como se fornecessemos armas á um inimigo que só tem em vistas combater-nos.

A França, entregue, garroteada e amarrada ao bando negro d'esses abutres pelo idiota de Sedan, esteve á dois passos de sua completa ruina, da qual felizmente a ha de salvar o seu genio immortal e a grande missão de progresso que se incubia em seus seios fecundos.

No entanto o christianismo reformado que vale mais sem duvida do que o christianismo catholico, desaba como este em ruina por todos os lados.

Em vão levantam-se catholicos-liberaes e protestantes-liberaes, procurando na communhão dos esforços amparar a vascillante fabrica, que nos legou a ignorancia e a escravidão dos nossos paes.

Em vão pensam elles, abrindo mão da divindade do Christo, crear um christianismo **genuino**, como ainda não foi comprehendido, nem praticada; pois que o christianismo da tradição é um composto de invenções, absurdos e incongruencias, que não resiste á mais ligeira critica. Em vão o tentam. Para a humanidade livre e dignificada não ha outra religião possivel, senão aquella que nasceu com o primeiro homem:

A religião do direito e do dever, fundada na justiça.

O serviço unico que podemos e devemos prestar ao Ser invisivel e indiscriptivel, que concebemos por inducção das leis que regem o Universo, é seguir a lei da perfeição, ou do progresso, que nos impelle fatal e irresistivelmente para o desenvolvimento da nossa razão e das nossas forças, como meios de realisar o nosso destino que, seja qual fôr, nos impelle para o justo, para o bom, para o verdadeiro.

Esta religião não necessita de intermediarios entre nós e a divindade, nem de futeis e apparatusas pompas. Cada ente humano tem na sua razão o laço que o liga á Deus, na sua consciencia um altar para amal-o, na personalidade a responsabilidade moral, correctivo para o uso de sua liberdade.

Um Deus assim concebido, assim comprehendido e amado é bastante grande e sublime para não se amesquinhar com os progressos da creatura racional, por mais surprehendedentes que elles pareçam, por mais alto que pretendam elevar-se.

Não ha receio de que este Deus venha, como o do catholicismo, por meio do seu vigario e de seus livros-santos, condemnar a civilização, a liberdade, a sciencia.

Para este Deus não ha inferno, nem purgatorio, nem demonios, nem penas eternas, nem escolhidos, nem reprovados, nem canones, nem extorções de dinheiro em seu nome, nem Igrejas, nem Papa infallivel, nem gordos bispos, nem rubicundos e ociosos frades, nem revelação, nem dogmas, nem milagres, nem mysterios, nem lithurgia.

O Deus da humanidade tem por séde a obra immensa do Universo e por sacerdote, na terra, a mais perfeita de suas creações o — homem.

No dia em que esta fôr a religião, unica admissivel, como unica racional, a humanidade será feliz, porque será livre.

Francisco Cunha.

TANCREDO

Offerecido ao meu amigo F. de Sá Brito.

I.

Tancredo era um sonhador... Sua fronte de moreno pallido res-cendia os perfumes de vinte primaveras...

Vinte primaveras placidas e serenas, como as ondinas do regato, que correm sobre o tapete esmeraldino da varzea.

Sua vida e mocidade não tinham sentido os ardores das canículas, nem o gelo dos invernos, o palco de sua existencia decorrera no lar domestico, onde, se não fruía os gozos da fortuna que era nenhuma, possuía abundancia e opulencia de carinhos e affetos que eram muitos.

Tancredo não é um typo de romance, nem o heróe de uma len-da... Não, não é.

O seu passado é um drama simples, sem enredo, que resume-se em tres actos: infancia de sorrizos, adolescencia de esperanças, e mo-cidade de creanças.

Sua infancia é como todas as infancias, com riscos de criança e lagrimas de menino...

Assim são todos, choram por pezares que não sentem e riem por alegrias que não conhecem.

A nuvem da melancolia n'uma fronte infantil tem azas de pha-lena; ...vôa aqui, pouza ali... e assim vive.

Oh! abençoada sejas tu, quadra da infancia, que não sabes dis-tinguir pezares dos jubilos, nem riscos das lagrimas...

Abençoada sejas tu, que trazes sempre nos labios o ramo de oliva!... A adolescencia foi linda, ainda mesmo com um baptismo de desgraça — a orphandade paterna.

Tancredo tinha treze annos quando ficou orphão de carinhos pa-ternaes, era muito jovem para aquilatar a perda sensível que soffria, mas chorou, e chorou muito, foi na adolescencia que derramou as primeiras lagrimas ungidas de luto e dôr...

Foi a primeira vez que em seu coração brotaram saudades e goivos.

Mas os beijos maternos, collados ás palpebras de Tancredo enxu-gavam-lhe os olhos, o collo maternal, ninho sempre quente e hospi-taleiro resguardava a fronte d'essa flôr — em botão — tocada pela primeira rajada da tempestade do infortunio.

A mulher-mãi sabe criar esses prodigios.

A mulher é mais que sublime, quando orna-lhe a fronte a auréola da maternidade, — é divina; tem seus labios mais aromas que as flores, sua voz mais harmonias que a harpa eolia, seu braço é bordão augusto que desvia o romeiro incauto dos precipicios da jornada e en-sina o marco da peregrinação.

Mãi -- que magia encerra essa palavra, que faz da moça frívola um ente archanjo?

Foi uma mãe que abriu á adolescencia de Tancredo bafejada com o halito do infortunio — um mundo de esperanças.

Bemdieta sejas tu mulher-mãi...

Quanto á sua mocidade, nós minha leitora, vamos caminhar passo á passo com ella.

II.

Tancredo tinha uma alma altiva; não era essa altivez enfatuada que é sempre filha da ignorancia, mas sim a altivez que nobilita e que é irmã gêmea do character independente.

E' possível, que moço e intelligente, e agradando, (permittam-nos a palavra da moda), Tancredo alcançasse uma d'essas posições que sempre conseguem os homens, cujo merito é rastejarem nos salões entapetados, servindo de capacho nos patamares das escadas palaciaes.

E' possível... mas elle preferira uma posição modesta conquistada com o merecimento e o amor do trabalho á uma posição elevada comprada com o opprobrio e o aviltamento.

Jámais sua fronte juvenil abaixava-se para pedir, era pobre mas não julgava a pobreza incompativel com a honra; pertencia é essa classe de homens que o mundo vulgar aponta como orgulhosos, retemperados no cadinho do trabalho, que ensina a religião do dever, d'esses que passam obscuros por entre as multidões, mas que têm e conservam a realzeza de seu valor perante Deus que é a — consciencia.

Era um typo original para o mundo positivista por calculo, que prefere os pomposos trens e venera as fitas e os brazões, repellindo as estamenhas que occultam a maioria das vezes thesouros de sentimentos.

A época que passa, não tem por divisa — honra e trabalho.

O tempo consumidor eterno, apaga da memoria popular os velhos costumes que não podem alliar-se com o dinheiro e a moda.

O seculo que marcha é do dinheiro e do fraque parisiense.

A mão do dandy mettida em luva de pellica, não vale a mão callosa do operario no lidar da officina.

A blusa do artista é bastante grosseira para hobrear com o fino tecido da casemira.

A palavra lhana do proletario vibra mal no seio do salão, onde mente-se para agradar, e a sinceridade flôr mimosa da alma nobre, é grosseira n'uma sociedade que não vive para o sentimento, mas sim para o — tempo.

Para este mundo realista por excellencia, Tancredo não attrahia os olhares senão como uma curiosidade, ou velha reliquia de uma tradição apagada na poeira do passado e morta na lembrança de todos.

Para uns era o symbolo de uma velha anedocta, para outros não passava de um visionario, admirador do preterito e inimigo do presente.

Para nós era o que já dissemos: — Um sonhador...

III.

O nosso sonhador não é um vulto rico, nem pobre de dotes physicos.

E' um moço sympathico.

Sua altura é regular, e seu corpo proporcionado, não é nedio ma-

terialista, nem sylpho vaporoso; não tem nos contornos a perfeição que a arte de Canova cinzela nos marmores, nem também as imperfeições com que a natureza amesquinha alguns.

São seus cabellos castanhos aureola de mocidade que cinge-lhe a fronte de moreno-pallido; um leve colorido tinge-lhe a pelle macia da cutis, e nem o bigode de vinte annos é tão espesso para occultar as curvas delicadas da boca pequena.

Eis Tancredo n'um leve esboço.

Porque é um moço sympathico? perguntar-me-ha a leitora curiosa e com o direito de o ser.

A sympathia para nós é como o amôr, sentimos em sabel-o exprimir com palavras; é um reverbêro de luz do espirito que passa para a materia, traduz-se n'um olhar, revela-se n'uma phrase, descobre-se em um gesto e melhor do que nós, vai explical-o o nosso sonhador Tancredo.

Vamos, minha leitora, abri as azas da imaginação e deixai-a voar, eu a guiarei até á soleira d'aquella cazinha branca que alveja na aba do monte, qual nivea garça na esmeralda d'um lago. Abrirei a porta com a liberdade de proprietario, porque não ha direitos de propriedade para o romancista...

Vamos, está aberta a porta e aconselho-vos que entreis sem timidez nem acanhamento, pois desde já vos concedo todos os direitos que possuo como escriptor d'esta narrativa.

Entremos...

Esta sala é pequena, mas não deixa por isso de ser bem aproveitada por aquelle que a occupa; é de visitas e também de trabalho.

Agaro leitora, reclamamos a attenção para aquelle folheto manuscrito, que está sobre a meza junto da estante de livros...

Vamos lel-o:

PAGINAS INTIMAS.

A pagina do estio estava aberta no livro das estações...

Na aza do tempo voava essa quadra amena em que as phalenas buscam os leitões avelludados das flores, e as auras espanejam-se na amplidão etherea arroubadas de perfumes.

E' a quadra da mocidade, porque é a estação dos risos e flores.

Quanta vida na natureza do sol americano! Ali segredam divos rumorejos os seis das florestas gigantes; destillam meigos múrmures as catadupas christallinas que rolam sobre as campinas verde-mar...

Que melodias desferem os trovadores de nossas selvas quebrando a solidão magestosa das serranias patrias...

E no seio d'essa natureza luminosa, manifestada em todos os seres criados, destaca-se com o esplendor de sua realza a morena patricia.

Natureza de minha terra, eu te contemplo saudando-te ante a grandeza soberana do teu painel.

* *

Como és linda, perola rio-grandense, entre as louçanias e gallas das tardes de estio!

Como és linda, cidade do sul, reclinada nas fraldas das collinas, mirando-te na superficie da aguas christalleas do teu Guahyba.

Ahi vem elle, embora senhor de recursos fataes que o tufão maneja como elementos de morte, curvar-se submisso ás tuas plantas, rendendo-te um peito de homenagem.

Olha como aqui a poesia do mar não é a tempestade, e a onda

revoltosa não tem a ouzadia de querer topetar com a nuvem; não, a onda do Guahyba dorme placida em seu leito, apenas lambe as plagas arenosas, raias de seu reino marítimo, que tua vontade, cidade do sul, traçou-lhe.

E os frocos de espuma de suas ondas azues, derramam em teu seio a vitalidade e a opulencia; encerram o segredo da primavera eterna, que concedem com liberalidade e profusão...

Dorme tranquilla, nas fraldas de tuas collinas, perola rio-grandense, dorme, que elle véla teu sonno e é cioso por teu porvir.

* *

Que terra de amores!...

A aurora desabrocha entre manhãs gorgeiadas pelo sabiá, e a tarde fenece ao toque de Trindades garganteada pelo gaturamo entre os galhos do ingaseiro á beira-rio.

Que terra de amores e flores!...

Aqui o rei da criação piza os tapetes avelludados das campinas, tendo por tecto um céu de roza; o mais canóro alaude que o embriaga com melodias, é o da natureza, cujas cordas são, o céu de amores, a cascata murmurosa, a brisa perfumada e a varzea florida...

Aqui o trovador não é o homem — é Deus.

Deus que criou o umbú altivo e o bosque secular, o pampa infinito e o pampeiro indomavel.

Aqui a criação é eterna cacoila que esparge sempre divinos olores.

*

* *

Foi n'uma d'essas tardes, que te vi Marina...

O sol corria buscando os coxins de seu leito aureo e o horisonte tingia-se de roxas violetas prenuncio do crepusculo...

E' a hora das scismas, porque o crepusculo é o verbo da melancolia:

Tu scismavas e tua fronte radiava a luz de tuas desesseis primaveras.

Tu eras bella no meio de teus scismares; tinhas a face morena reclinada sobre a mãosinha de anjo e o corpo de madona collado á janella, onde a essa hora ias emmoldurar as graças de teus encantos.

Foi assim que vi a primeira vez, as tranças de teus cabellos de azeviche cahiam sobre as roupagens brancas que cobriam-te as fórmulas voluptuosas e teus olhos negros desmaiavam de amores entre supercilios avelludados...

Foi assim que te vi e que minha fronte de moço descobriu-se para saudar-te, saudação inspirada por uma força occulta que nasceu espontanea.

Tu retribuiste minha saudação com um sorriso; filho da cortezia ou não, eu só sei o que elle inspirou-me, só sei que meu coração pulsava com a vehemencia dos vinte annos.

Teu sorriso foi para mim uma aurora e um porvir, porque descerrou um poema de affectos...

E eu amei-te nelle e por elle desde então foste para mim mais que a vida, foste a minha — religião.

.....

(Continúa).

A ESCRAVATURA

FABIO Á SALUSTIO.

EPISTOLA TERCEIRA.

Si vales, bene est. Valeo.

Pareces convencer-te na tua ultima epistola de que são exaggerados os teus escrúpulos acerca do direito de propriedade sobre o homem.

E dizes que a indemnisação traduzida no projecto apresentado ás camaras é excessiva em quanto ao que diz respeito á creação dos filhos das escravas. Que o **servilismo** é uma idéa prejudicial á civilisação futura do povo, e que despertando a sordida ambição dos **senhores** apaga todos os sentimentos de humanidade no seio das familias.

O teu bom coração dice a verdade, fallou a tua alma simples e que se tem conservado pura em meio das **faccções**.

Mas tremes diante do desfalque do thesouro, quando fallas sobre a necessidade de levantar-se asylos para a creação das creanças, e manutenção e educação na primeira idade.

Quasi que paguei-te o preito que prestaste ás minhas idéas, deixando-me arrastar pelos teus argumentos, e o teria feito de bom grado, se a analyse á que o meu espirito se entregou desde logo, não me tivesse demonstrado claramente o erro em que te deixaste levar.

Eu disse que — a mãe escrava cria o filho livre no seio da familia que é sua, porque ella tem um marido, e ambos tem direito ao trabalho e ás suas economias.

O filho livre criado pela mãe escrava sem que se admittisse o **servilismo**, podia incarnar-se na familia e participar das vantagens Moraes que tem sua mãe, embora em condições excepçionaes, mas que está ligada por um contracto aos que usufruem os seus serviços; podia tomar os habitos nacionaes e dirigido ás artes e officios ser talvez motor ou concorrente da liberdade de sua mãe, o que moralisaria o paiz excitando e provocando dedicações filiaes que seriam dignas de respeito e contagiosas entre essa mocidade de operarios, de cidadãos productores.

Correndo a educação dos novos livres por conta de suas mãis, e mesmo de **senhores** honestos e compassivos, a educação do trabalho seria feita nas officinas ou nas granjas, e o paiz teria menos falta de braços e mais homogeneidade na população, em quanto aos costumes, habitos, linguagem e religião.

Um cidadão assim formado á custa do trabalho de seus pais daria á população o concurso de seu braço na grande causa da manumissão, salvando seus progenitores das garras do captivoiro.

A moralidade da nação, e o orçamento ganhariam tudo com a educação assim feita.

Mas para obter-se esse resultado seria mister que considerassemos o **escravo** um homem, que se organisasse o trabalho e que se reduzisse á contracto o gozo dos **serviços comprados**.

Não admittiste, porém, essas idéas, ainda que condemnaste o direito de propriedade sobre o homem; não quizeste resistir ao impeto da falsa opinião, e deixaste-te illudir pela **miragem** do projecto (*).

(*) A lei n.º 2040 de 28 de Setembro de 1871.

O ventre é considerado livre, dizes-me; e como a escrava pertence ao **senhor**, este póde ou deve criar o filho d'aquella mediante 600\$ rs., dados pelo Estado, logo que tenha seis annos, ou conservá-lo **servo** até a idade de 21 annos.

Já te disse, e tu o disseste, — que o ventre era por sua natureza livre; que o abuso tinha tornado essa usurpação **legal** mas não legitima; que se era preciso uma lei era para indemnisar o paiz, e as victimas da vergonha e dos vexames soffridos.

A declaração do ventre livre é uma ociosidade inqualificavel.

Tu comprehendes, Salustio, na simplicidade de tua alma, o que excita o ganho de 600\$ dado ao **senhor** pelo Estado por uma criação do filho livre da mulher escrava. E' um incentivo immoral que só a subserviencia d'uma camara póde permittir a um governo que o leve ao seio da familia.

E' provavel que o não consiga, porque só a indifferença ou ignorancia a mais culpavel póde autorisar a votação de tal projecto.

Condemnaste o **servilismo** como prejudicial ao futuro de um povo n'esta época, em que a liberdade ganha no terreno pratico as proporções da realidade.

Eu teu acompañho n'esse pensamento, e horripila-me a idéa de ver **servo**, um **quasi** ou verdadeiro **escravo**, o meu patricio, o homem que como eu e tu, viu a luz debaixo d'este céu tão puro, tão azul e tão esmaltado, e que respirou o ar que agita as comas perfumadas das florestas virgens.

Miragem enganadora, seduzio-te este projecto que não passa de um amontoado de falsidade e perfidias.

O que te peza, o que te faz recuar, é o que dispõe o artigo 2.º — a criação e a educação dos **novos livres**, em que parecer que lê a necessidade da **criação dos asylos** por parte do Estado, cousa para ti quasi impraticavel.

Vejamos se nisso devo acompanhar-te. — Dizes, Salustio, que o estabelecimento de vinte asylos, pelo menos, para as vinte provincias do Imperio é cousa que gastaria um capital de 20.000:000\$000, empregando-se em cada um 100:000\$000, o que não seria excessivo considerando as despezas das amas, dos creados de serviço e mais gastos do estabelecimento; e que isto duplicaria dando-se 20:000\$000 annues por cinco annos a cada um para a sustentação dos mesmos, capital que avultaria sobremodo se attendessemos aos juros d'elle.

Diante de uma cifra de 40 mil contos, na época actual, quem não recuaría? eu mesmo o teria feito se o meu espirito analytico se não tivesse demorado para observá-a.

Não tens razão, Salustio, precipitaste o teu juizo, traduziste mal o pensamento do projecto — o seu autor escreveu uma palavra vã, sem significação, óca de sentido; nunca esteve na mente d'elle — educar **brasileiros, fazel-os operarios, homens do trabalho**.

Dos **novos livres** o Estado fará o que fez dos indios — deixou-os no abandono, expoliou-os, e por fim mandou-os acabar por **patriotismo** nas guerras ruinosas.

Eu é que entendo que devemos criar **asylos de liberdade** para os **novos livres**, que devemos ainda á custa de algum sacrificio arrancar-os do **servilismo** para os educar no trabalho, tornando-os cidadãos capazes de entrar com vantagem na communhão brasileira.

E' isto de que te fallarei na proxima epistola.

Benê.

Fabio.

RISOS E LAGRIMAS

ACTO II.

QUADRO II.

(Sala modestamente mobiliada. Um piano á direita).

SCENA I.

Octavia reclinada sobre o sofá, tendo um livro aberto entre as mãos e **Ricardo da Silva** que entra, pára-se contemplando a filha.

R. DA SILVA (baixo). — Sempre triste!... E não poder adivinhar a causa d'esse soffrimento atroz! (approximando-se) Bom dia, filha.

OCTAVIA. — Ah!... A sua benção, meu pai.

R. DA SILVA. — O que tens tu, minha Octavia?... Se me fosse possível adivinhar o que pensavas!...

OCTAVIA. — Estava completamente absorta...

R. DA SILVA. — Valha-me Deos. Ha nas tuas palavras, nos teus gestos, na expressão do teu semblante uma magoa tão funda, que não é preciso ser pae para comprehender que soffres e muito. Dize-me, filha, acaso passou nuvem negra no teu céu côr de roza?... Porque não has de rir como as outras que tem a tua idade?... Então emmudeces?

OCTAVIA. — Que lhe hei de responder, se nada sinto...

R. DA SILVA. — Julgas por ventura que podes illudir-me?... Quando o coração de uma filha é magoado, quando seus olhos coam essa tristeza que em vão tenta occultar, o coração de um pae estremece exuberando de cuidados. Falla-me, Octavia, o teu silencio martyrisa-me.

OCTAVIA. — Mas porque se ha de affligir assim, meu pae?! Bem sabe que nunca fui alegre...

R. DA SILVA. — Não, Octavia, não mintas á teu pae!... Ha 3 mezes que uma grande mudança tem-se operado em ti. Já não és a mesma, definhas dia por dia, e isto não póde, nem deve continuar!... Vamos, minha filha; tira-me do peito este peso que o esmaga... Uma palavra ao menos... Eu te supplico!...

OCTAVIA (á parte). — Que martyrio!...

R. DA SILVA. — Pois bem, logo que se restabeleça Julio, sahiremos d'este lugar para sempre; entregar-lhe-hei o escriptorio e iremos viver bem longe d'esta terra maldita. E' preciso que te distraias; talvez mais feliz...

OCTAVIA (agitada). — Sim, meu pae, iremos... (á parte) Partir!... Deixal-o!...

R. DA SILVA. — Ahi vem Julio... Como está desfigurado!...
(indo ao encontro de Julio).

OCTAVIA (idem). — Não devia sahir do quarto...

SCENA II.

Os mesmos e Julio de Aguiar.

JULIO. — Sinto-me melhor, estou quasi bom.

OCTAVIA. — Este ar frio da manhã pôde fazer-te mal...

R. DA SILVA. — E o medico recommendou socego de espirito.

OCTAVIA. — Julio é teimoso, não quer ouvir-nos, e a molestia pôde aggravar-se.

JULIO. — Não hei de morrer, Octavia... Preciso viver agora mais do que nunca. Meu coração pulsa com todo o vigor da mocidade... A minha existencia começa hoje... Uma nova aurora brilha risonha, matizando a estrada do futuro... Não vês? Que céu azul!... Repara, como é lindo, Octavia!... Flores e luzes!... Que primavera ridente!...

OCTAVIA (inquieta). — Delira!...

JULIO. — Olha... Não ouves?... Que harmonia infinda!... Dir-se-ia um cantico eolico... é talvez a voz do Senhor perpassando languida nas ramarias do arvoredo!... Que esplendidas salas. Vem comigo, Octavia entremos... Dançam, são todos felizes!

R. DA SILVA. — O que é isto Julio?

OCTAVIA. — Julio! Julio!

JULIO. — Mas... o que vejo!... Sim, é ella, lá está... não me engano... como desdenha!... Deixe-me... quero vingar-me!... (Cae prostrado sobre uma cadeira).

OCTAVIA (á parte). — Era o desenlace que eu esperava!

R. DA SILVA. — E' mister ser homem, Julio.

OCTAVIA. — Vae para o quarto, precisas repousar... Ardes em febre e este ar frio faz-te mal.

JULIO (olhando em redor). — Ah! és tu, Octavia!... Como me estimas e quanto te sou agradecido! Senta-te aqui junto á mim, quero fallar-te, tenho tanta cousa a dizer-te...

R. DA SILVA. — Não, Sr., não consinto que se demore aqui...

OCTAVIA. — Elle vae, meu pae...

R. DA SILVA (baixo). — Preciso ir de novo á casa do medico; o character d'esta molestia assusta-me, dá-me serios cuidados (á Octavia). Já volto, vou ter com o Dr.... (á Julio) Animo, Julio, Deus é grande e misericordioso. Crer e esperar.

SCENA III.

Octavia e Julio.

JULIO (levantando-se). — Crer e esperar! Crer em quem? Esperar o que? Ah! nada mais me resta... A estrella que brilhava lá nas alturas, aluziando a vereda incerta, apagou-se... Só trevas no caminho, trevas na minh'alma também... Destinos, Octavia. Que importa. Os crentes não temem a morte, não é assim?

OCTAVIA. — Porque me has de entristecer?... Deus ouvirá as minhas orações e ver-te-hei ainda muito feliz.

JULIO. — Feliz! Nunca mais, é impossivel. Quando a alma adoecer, a morte é necessaria, inevitavel. Quando se ama como eu ameí e que em paga d'esse culto, em troca d'essa adoração recebe-se a mais

cruel indiferença, o coração paralysa-se, a idéa morre, fica a existência do cataleptyco. As molestias do corpo curam-se: as da alma, nunca Octavia. O que sinto aqui dentro é a morte.

OCTAVIA. — Cala-te, Julio, cala-te por piedade!

JULIO. — Não te enfades do meu pedido, quem sabe se não será o ultimo!

OCTAVIA (á parte). — O que será!

JULIO. — Quero que vás tocar. Fiz uns versos e...

OCTAVIA. — Versos?

JULIO. — Sim, do que te admiras?... Guarda-os bem... Então, não me fazes esta ultima vontade? Quero recital-os acompanhados por ti...

(Octavia senta-se ao piano e executa um acompanhamento para recitativo).

JULIO (recitando):

Anjo querido, se amanhã no leito
Meu pobre peito não pulsar, não chores:
Que vale a vida de prazeres cheia,
Se é qual sereia, — seu cantar traz dôres!

A vida é taça transparente e bella,
Mas dentro d'ella só veneno existe;
E' manso lago que transluz e encanta,
Mas ai espanta!... Lá no fundo é triste!

A vida é nuvem que no céu se esgarça,
E nos disfarça o temporal que é perto;
E' fallaz sonho, nos febris ardores
Fanam-se as flores no caminho incerto.

Por isso, ó anjo, se amanhã no leito
Meu pobre peito não pulsar, não chores.
Além minh'alma foi sorrir contente,
Aqui sómente supportou mil dores!

A morte...

OCTAVIA. (erguendo-se agitada). — Ah! basta, não continues, Julio!

JULIO (dando-lhe os versos) — Aqui tens, são teus, guarda-os, minha prima... minha irbã... Consente que eu te chame assim... E' um nome doce e tens direito á elle pelos teus affectos, por esses cuidados, por essas lagrimas, que eu agradeço!... Mas não chores assim, não chores tanto!...

OCTAVIA (á parte). — Que supplicio, santo Deus!

SCENA IV.

OS mesmos e Margarida.

MARGARIDA (que traz um caldo). — Ha de tomal-o todo, foi feito pela minha mão...

OCTAVIA. — Aqui está o caldo, Julio...

MARGARIDA. — Olhe que é para o seu bem, está tão fraco...

JULIO. — Para que me serve isto? (bebendo).

OCTAVIA. — Falta um restinho, vamos, bebe todo...

MARGARIDA (recebendo a chicara). — Ora muito bem. Agora vá para o quarto.

OCTAVIA. — E' preciso, Julio.

JULIO. — Pois sim, eu obedeço, seja feita a tua vontade...

MARGARIDA (á parte). — Quem o viu e quem o vê!

SCENA V.

Os mesmos e o Dr. Anselmo e Ricardo da Silva.

DR. ANSELMO (baixo a R. da Silva). — Nada receie. Todas as molestias soffrem alternativas. Julio tem contra si a imaginação apprehensivel e depois é de uma natureza debil.

R. DA SILVA. — Mas a febre recrudescer.

DR. ANSELMO. — Confie em meus esforços. (Saúda Octavia e dirige-se á Julio). Sente-se melhor, não é verdade?

JULIO. — Eu não sinto cousa alguma.

DR. ANSELMO. — Tem menos febre hoje.

JULIO (baixo ao Dr.). — Dá-me noticias d'ella, Dr.... Não posso esquecel-a.

DR. ANSELMO. — E no entanto precisa supplantar de uma vez esse amor inglorio...

JULIO. — Tem razão, Dr. Adelaide respirando a athmosphera dos salões, embriagando-se nos perfumes da lisonja, perdeu a candura das virgens, gastou-se n'aquelle mundo mentiroso e hypocrita! Illudiu-me com o sorriso nos labios; á sua palavra cheia de sentimento e suavidade senti-me preso; á um gestou seu tornei-me escravo submisso até ser esmagado um dia! Oh! fui um insensato!

R. DA SILVA. — Socega, Julio; calma.

JULIO. — Na febre d'esse amor eu esqueci que era pobre e que a sociedade devia condemnar a minha audacia!... Foi uma loucura!... Eu deveria ter comprehendido que d'esse affecto nasceria a minha eterna desgraça!... E quer saber, Dr., para esquecel-a hoje é tarde!... Aqui ou longe, sob outro céo, n'outro clima amal-a-hei, a sua imagem viverá comigo, presa sempre á minh'alma!

DR. ANSELMO. — Tudo passa, o tempo desvanece todas as cousas.

JULIO. — Sociedade maldita! Proclamas a virtude e no entanto vendes a alma e a consciencia como a miseravel cortezá de Roma vendia o corpo ao tinir da moeda que lhe arrojavam á face!... Proclamas-te rainha e supplantas o pobre com o teu despotismo, erguendo da lama o milionario, cortejando o agiota que véla, escutando o soluçar das victimas!

R. DA SILVA. — Acalma-te, Julio.

JULIO. — Eu acreditava no amor e na gloria — o amor e a gloria mataram-me!... Que vale adormecer de cansaço sobre os livros, empallidecer á meza do estudo, quando não se tem um pergaminho ou um título nobiliario?!

DR. ANSELMO. — E' uma verdade bem triste!

JULIO. — No estrangeiro estudam para ganhar, aqui estudamos para perder, escrevemos para morrer de fome!... Velando noites inteiras, apoz o trabalho diurno sobre os livros do escriptorio, dediquei-me ao estudo sacrificando até mesmo a saude, fazendo miseraveis economias para comprar livros!... Envelheci n'esse afan que sentia por subir, e, tanto mais baixo me achava, quanto minha intelligencia enriquecia-se, porque antes uma ignorancia supina quando se tem uma

moeda de ouro, do que uma illustração, quando não se possui uma moeda de cobre!...

DR. ANSELMO. — Porém faz mal com esses excessos.

JULIO. — Ha momentos, Dr., em que a blasphemia nos roça pelos labios roxeados! momentos em que o espirito attribulado se perde, desvaira, porquanto ha dôres superiores ás nossas forças!... Oh! se é verdade que existe um Deus!...

R. DA SILVA. — Julio!

DR. ANSELMO (baixo). — E' a febre, tenho pena.

JULIO. — Oh a Providencia é surda e inexoravel! Lança-nos á borda de um abysmo, dá-nos uma vida eivada de fel, cheia de amargores e no entanto ha de o homem soffrer resignado e chamar esse Deus bom e justo!

R. DA SILVA. — Dr., tenho medo.

DR. ANSELMO. — Confie em meus esforços.

JULIO. — Nada tenho que agradecer á Deus!... Deu-me intelligencia, essa febre que só o genio sente e que por sentil-a morre quasi sempre tresvariando á mingoa na espelunca do vicio, asphixiando a alma na ebriedade do alcool apoz tantos sonhos e esperanças!... E o que é a existencia senão um desengano?!... Tudo mentira, tudo... até...

DR. ANSELMO. — N'esta romaria ephemera pela terra a creatura enverga-se sob o peso de uma condição infeliz, é verdade, mas nem por isso o verdadeiro christão pôde clamar contra a Providencia. Aqui soffremos, porque é aqui que a Divindade experimenta o homem. Christo, o divino mestre deu-nos o exemplo. Seu sangue jorrando pela terra, borrifou a face da humanidade inteira, e no entanto n'aquelle baptismo estupendo, torturado o espirito, açoitado o corpo, elle não maldice de Deus, nem do seu semelhante!... A resignação é a maior das virtudes!

JULIO. — Pois bem, cumpriu-se o meu destino. Onde eu sonhava encontrar a felicidade, achei o desengano... Morreram todas as minhas esperanças e agora irei pedir ás estatuas do vicio o esquecimento da vida!...

Sim, depois que venha o mundo com o seu sarcasmo, rôde triumpante o carro da sociedade sobre um corpo palpitante ainda, mas cuja alma galvanisou-se na effusão do gôso depois de uma existencia tormentosa!... Que venham os moralistas!... riam-se da victima, lancem-me o ferrete da maldição e eu lhes responderei com um sorriso de escarneo. (Solta uma gargalhada, cahindo nos braços de Ricardo e do Dr.).

OCTAVIA. — Que foi, meu pai?!

R. DA SILVA — (impondo silencio). — E' melhor fazel-o deitar-se.

DR. ANSELMO. — Sim, passa por uma crise nervosa, porém fal-o hei dormir; estas agitações do espirito vão cessar. (R. da Silva e Margarida saem amparando Julio).

SCENA VI.

Octavia e o Dr. Anselmo.

OCTAVIA (afflicta). — Diga-me, Dr., tem esperanças de salval-o?

DR. ANSELMO. — Porque não?

OCTAVIA. — Mas elle está em perigo!!

DR. ANSELMO. — Bem longe d'isso, minha Sr.^a

OCTAVIA. — Oh! Dr., Dr.!... Porque me ha de occultar talvez

uma verdade?! Compaixão, seja franco, bem sabe que préso Julio como se fosse meu irmão; criamo-nos juntos, a minha infancia escoou-se ao lado da sua e... comprehende que devo interessar-me muito por elle... que... depois de meu pai...

DR. ANSELMO. — Socegue, minha Sr.^a, não vê como estou calmo?

OCTAVIA. — Ah! então póde salvar-o, não é assim?... Não está em perigo, o Sr. disse; posso e devo confiar em sua palavra?!... Demais, o Dr. interessa-se muito por elle... E quem não se interessaria, se Julio nunca fez mal á ninguém!... Moço, intelligente!... Seria uma pena, Dr.!...

DR. ANSELMO. — Não receie cousa alguma, confie em mim.

OCTAVIA. — Obrigada, Dr., obrigada! (á parte) Oh virgem immaculada!

DR. ANSELMO. — (á parte). — Ella o ama sem duvida alguma! (alto) com licença, vou ainda ver o doente (sae).

SCENA VII.

Octavia e depois R. da Silva.

OCTAVIA. — E agora o resto fica por minha conta!... (pausa) Ah! Julio, por ti farei todos os sacrificios!... Sê tu feliz, já que o não posso ser!... (pausa) Tu soffres agora muito, porém a tua dôr não é talvez igual á minha!... Amar com todo o impeto da alma e sentir o desengano em cada dia que passa! Onde maior supplicio, Deus?!... (pausa) porém coragem até o fim, (Ricardo da Silva apparece) dae-me forças, Senhor, para completar a minha obra!... (dando com o pae) Ah!... (á parte) Teria ouvido?!...

R. DA SILVA (atormentado). — Ainda bem, não podes dissimular, nem mentir-me agora!... Choravas, Octavia, choras ainda e...

OCTAVIA. — Que lhe hei de dizer, meu pae?! (soluçando). A sua Octavia não sente cousa alguma... Acredite-me... Tenho ás vezes prazer em chorar... Quando me vir assim, ralhe-me, porém não se amofine, não se afflija!

R. DA SILVA. — Estás mentindo, Octavia!... O coração de um pae nunca se engana... Ha na tua vida um mysterio... sei-o eu, dizem-me as tuas lagrimas!... Pela memoria de tua mãe confessa-me a causa das tuas tristezas!...

OCTAVIA. — Porque insiste meu pae?!...

R. DA SILVA. — Não mintas, filha!... Existe forçosamente o quer que seja na tua vida... Um erro, (commovido) um erro, quem sabe?!...

OCTAVIA (com desespero). — Um erro!...

R. DA SILVA. — Confessas então?... Ah! já o tinha pensado!... Pois bem, não m'o fizeste revelar e agora quero contas, já exijo quanto antes a confissão do teu crime!...

OCTAVIA. — Cale-se, cale-se, meu pae!... (apontando para o quarto de Julio). Silencio!... Elle está alli e póde escutar-nos!...

R. DA SILVA. — Oh! maldição sobre elle!... (Vae direito á porta do quarto de Julio, porém recua detido por Octavia).

OCTAVIA. — Que vae fazer, meu pae?

R. DA SILVA. — E ainda perguntas?!... (baixo para ella) Hei de matal-o!...

OCTAVIA. — Matal-o?!... Pois que fez elle?... Ouça-me, escute-me... Não julgue que sua boa Octavia está perdida... Não, meu pae!... Quer saber a causa das minhas lagrimas!...

R. DA SILVA. — Falla, Octavia, tira-me d'esta duvida horrivel!
OCTAVIA. — Quer saber?... (impondo silencio ao pae) Falle-
mos baixo... E' preciso que ninguem saiba... ninguem, ouviu, meu
pae!...

R. DA SILVA. — Estamos sós!...

OCTAVIA (apontando para o quarto de Julio). — Amo-o muito,
porém elle não sabe e não deve saber!... Cale-se, silencio, agora por
mim e por elle!

R. DA SILVA. — Comprehando, és martyr!... Ah! Julio, mataste
a minha filha!...

FIM DO QUADRO 2.º

O VAQUEANO

(NARRATIVA).

IV.

A CANGUÇU.

Sigamos o vaqueano.

Vai cansado da conversação que tivera, ainda que nas respostas denotasse verdadeiro laconismo.

Approxima-se d'um grupo em torno do brazido, aquecendo os membros engelhados de frio.

— Que novas? repetiram quatro ou cinco vozes repassadas de curiosa anciedade.

Elle por unica resposta encolheu os hombros.

Os outros o comprehenderam; porque encetaram nova palestra, emborcando de vez em quando uma chaleira na bocca de duas cuias que percorriam a roda.

— Chimarrão sem churrasco á laço sem argola ou relho sem agoiteira, ponderou sentenciosamente Manduca Pereira, celebre domador de Caçapava.

Os outros approvaram com vivos signaes de assentimento a reflexão do companheiro.

— Laço sem argola!? Antes mato sem madeira, accrescentou um lenhador que havia trocado por circunstâncias imprevistas o machado do trabalho pelo ferro dos combates.

— Lança sem lanceiro! regongou emphaticamente um negro, hercules de porte, pertencente á arma citada.

— Deos emfim se amercie de nós, porque n'esse andar morremos de fome antes de lá chegarmos, tornou outro do rancho. Pensem vocês o que quizerem, que eu cá de mim para mim, vejo em tudo isto alguma praga de urubú.

— Não mata a cavallo, por Deos, o digo!

— Mate ou não mate, o que é certo é que sete horas vão e nem um naco de charque passou-nos pelo gasnete. Chimarrão sem churrasco! E por cima ainda ordem de não sahir do arranchamento para carnear! insistia o lenhador.

— Nem caçar!

— Hão de ver que lá o general ha de ter...

— Cala-te, lingua de caramurú, atalhou o Manduca, não sabes o que dizes.

Um vulto, sahindo da sombra, fulminou-os.

— Camaradas, o general não tem maior razão que vocês, e em quanto elle corre o acompanhamento o lonqueais sem piedade. O que não quizer assim, monte no pingó e vá-se aos pagos, com os diabos!

AMOR E SEGREDO

Que luta! amar-te em silencio
Sentir febril em delirio
Do coração no martyrio
Os ardores da paixão;
Ver-te candida sorrindo
Da mocidade nas flores,
Respirar os teus candores
E amar-te na solidão!

Sentir meigos teus olhares
Vibrando n'alma langores
Da pureza nos fulgores
Incendendo o coração;
Em doce enlevo mirar-te,
Ouvir-te insontes as fallas
No perfume que trescallas
E amar-te na solidão!

E da insania nos delirios
Verter da saudade o pranto,
Sonhar o teu amor santo
No silencio da amplidão,
E do porvir nos arcanos
Erguer á luz da esperança
Um mundo só de bonança,
E amar-te na solidão!

Das lutas na desventura
Amanhã gelida a fronte
Quem sabe na sepultura
Não sonharei mais em vão!
Tive fadario affanoso
De sentir no peito a crença
Ingente, febril, immensa,
E amar-te na solidão!

Mas hoje que o seio pulsa,
E a mocidade palpita
Como a lava que crepita
Na cratera do Vulcão,
Não posso, não, esquecer-te
Heide na sombra adorar-te,
Nas minhas noites sonhar-te,
E amar-te na solidão!

Se nunca ouviste dos labios
Nenhuma phrase de amor
Ah! perdoa... ao sonhador
Talvez dicesse que não;
Tive medo de fallar-te,
E' tão triste o desengano,
Prefiro lutar insano
E amar-te na solidão!

Affonso Marques.

DESESPERANÇA

Quando o sol vai descambando
Doirando os valles e o mar,
Quando o orvalho vai tombando
Sobre as folhas a brilhar,
Quando vai já se apagando
A paisagem do lugar,
Eu pergunto suspirando:
“Pois sou eu só a chorar?!...”

Quando o canto do campeiro
Vai dizendo sempre — Amor! —
Quando o altivo pinheiro
Da tempestade ao fragor,
Se debruça no ribeiro
Qual a tenra debil flôr,
Eu pergunto ao mundo inteiro:
“Pois só eu vivo de dôr?!...”

Quando a estrella vespertina
Vai brilhar no céu de anil,
E apoz a peregrina
Morrem os outros á mil,
Quando a flôr da tangerina
Desabroxa no alcantil,
Pergunto á luz matutina:
“Morreu meu sonho infantil?!...”

Quando no verde coqueiro
O pyrilampo brilhou
E nos fogos do tropeiro
O riso franco enchôou,
Quando a flôr do peçegueiro,
Ao vento sul desfolhou,
Eu perguntei ao pampeiro:
“A minha luz se apagou?!...”

Foi então que amargo pranto
Deslisou no rosto meu,
E vellou-me como um manto
O olhar fito no céu!
E depois em dôce canto
Que a desgraça entristeceu,
Ouvi transida de espanto:
“Tua esperança morreu!...”

CHRONICA

Se tivéssemos debaixo da epigraphé — CHRONICA. — de traçar algumas linhas sobre o estado actual da nossa politica, sem duvida vasto campo encontraríamos para discorrer em semelhante assumpto, aliás muito importante; porém ver-nos-hiamos forçados a deter-mos ante um energico protesto do nosso folheto que nos faria recuar.

Não é pois de nossa competencia escrevermos uma chronica politica, ainda mesmo na época que atravessamos em que o espirito popular só d'isso occupa-se; em que as discussões que se provocam em todos os lugares e em todas as classes da sociedade, tendem unicamente a tratar ou do pleito eleitoral que acaba de ter lugar, ou do esperado rompimento com os nossos visinhos do Prata. E emquanto todos se occupam d'essa *velha celibataria*, á excepção do Parthenon litterario, ninguém lembra-se da sua irmã e companheira a — litteratura.

Assim é o povo; mastiga o pão sem procurar saber quem o amassou.

Julgamos irmãs a politica e a litteratura; temos visto sempre ao lado uma da outra operarem suas revoluções, e juntas marcharem para o progresso; sua outra irmã, a religião, é mais morosa, por isso mesmo que as revoluções d'esta effectuam-se com mais longos intervallos e maior difficuldade devidas não só á tendencia que tem o espirito do povo inculto para a superstição, como ao desprezo em que elle lança a litteratura, coisa que elle julga inutil ao ser humano, trata da politica sem lhe conhecer os fins e encara a religião como um hediondo phantasma.

Máo grado porém a todas essas difficuldades, serão as tres irmãs que como fachos esplendidos em noites tempestuosas, conduzirão o genero humano ao estado desejado da perfectibilidade.

Assim, essa base fundamental da grandeza dos povos, que tanto adoça os costumes e eleva a humanidade ácima de todos os outros viventes, passa entre nós como uma fraca luz: um ou outro livrinho que surge de tempos a tempos e fica esquecido no pó das prateleiras, a imprensa diaria e o theatro, eis o que temos de litteratura a não ser a *Revista do Parthenon*, que todos os mezes lá corre pelas estereis e desertas estradas bradando:

Luz! quem quer luz? Quem tem sêde?

O theatro mesmo, essa fonte ao alcance de todos, esse incentivo que desperta o desejo de saber áquelle que encára o livro como artigo inutil e prejudicial ao estomago, vive quasi adormecido, sem animação.

Os ultimos dramas que têm sido exhibidos pela — Companhia Ismenia — são já muito conhecidos pelo publico, excepto *Os Piratas da Savana* que pela primeira vez subio á scena n'este mez.

Mais apparatuso que litterario não encontramos nelle avultado

merecimento, comquanto tenha tido boa aceitação da parte de nossa platéa, sempre amante mais dos enredos e movimentos scenicos do que do trabalho intellectual.

A arte dramatica que depois da fundação da escola romantica tão vastos horisontes desvendou aos olhos da humanidade, já vai cansando seus vãos; especialmente nestes ultimos annos como que um entorpecimento paralysa seus movimentos, sugeitando-a em um só ponto. As produções que apparecem esvoaçam na mesma esphera, como se a intelligencia humana já estivesse esgotada ou encerrada em um circulo de ferro.

A comedia então sendo de mais difficil trabalho, não só pelo jogo de espirito que deve encerrar, como pelos fins com que é aceita e deve ser apresentada, permanece, ou antes, podemos dizel-o: jaz quasi abafada por uma multidão de palhaçadas, que com mais razão poderíamos intitular — **Cousas de fazer rir**.

Parece impossivel que na orbita tão vasta dos conhecimentos do homem, Moliere absorvesse todo um porvir inteiro! A revolução mesmo que deveria dar-lhe novo impulso, parece tel-a abafado ainda mais.

Os vaudevilles, entre-actor e zarzuelas vieram quasi que substitui-la, e se quizeram de novo os operarios das letras erguel-a do pó do despreso em que havia sido lançada, que lutas, quantos vãos esforços para tão pouco!

Com pretensões a fóros de comedia, apparece grande quantidade de entremezes e scenas-comicas — histriões que em vez de mostrar nossos costumes e defeitos, apenas nos fazem rir com suas momices.

Victorien Sardou é quem nos tem ultimamente mandado trabalhos nesse genero de subido merito; com especialidade a comedia — **Os Intimos** merece muita attenção e será sempre applaudida nos nossos theatros.

Das comedias nacionaes uma ou outra surge com direitos a esse titulo, mas quasi todas as outras em turbilhão com o — **Phantasma Branco** e a **Torre em concurso** do Dr. Macedo, não nos convidam a um estudo serio.

Mais um novo drama rio-grandense vai apparecer no theatro d'esta capital. O Parthenon ensaia hoje com a S.^{ra} Ismenia e outras damas de sua empresa, que cavalheiramente prestam-se a trabalhar, o drama **Aurelia**, do nosso amigo e consocio o Sr. Hilario Ribeiro.

Julgamos tambem que juntamente com o drama subirá á scena a comedia — **O Cidadão General**, versão do allemão para o portuguez, pelo Sr. Christiano Kraemer. Os actores que ensaiam são alguns moços escolhidos entre os membros do Parthenon, que para esse fim possuem mais aptidão.

Ao publico os recommendamos, visto que a maior parte d'elles fazem sua estreia.

O busto que hoje acompanha a **Revista** é o d'aquelle jovem cujo fallecimento ha tão poucos dias cobriu de lucto o Parthenon, e consternou a cidade de Porto-Alegre.

Eil-o, apparece ainda com a fronte magestosa e o olhar radiante de luz, como outr'ora na arena da discussão junto á sua cadeira de primeiro orador, agora coberta de crepe! No dia 10 de Setembro, 30.º de seu passamento, nas sallas da associação terá lugar uma sessão funebre em honra do mesmo finado.

O trabalho litrographico faz honra ao artista Brúggemann, que o executou.

REVISTA MENSAL
DA
SOCIEDADE
PARTENON LITERÁRIO

2.^a Série — Setembro de 1872 — N.º 3

TYP. DA REFORMA — RUA GENERAL ANDRADE NEVES N.º 51

PÓRTO ALEGRE

1872

COMISSÃO DE REDACÇÃO.

Vasco de Araujo e Silva.
Appollinario Porto-Alegre.
José Bernardino dos Santos.
Aurelio Virissimo de Bittencourt.
Francisco J. de Sá Brito.
Manoel Gonçalves Junior.

REDACTOR DO MEZ.

Vasco de Araujo e Silva.

DIRECTORES.

Achilles Porto-Alegre.
Hilario Ribeiro d'Andrade e Silva.

III.

Sentims coar nos n'alma uma dôce e pura emoção ao desdobrar-mos ante nós a pagina que nos ocupa.

É o retrato de um homem que conhecemos até a intimidade, de um homem que desde a infancia nos contumamos a venerar pela sua autoridade de mestre, de sarcedote, por sua nunca desmentidas virtudes evangelicas, que vem tocar nossos olhos e commover-nos o espirito.

O padre Thomé Luiz de Souza, vigario geral nesta provincia por largos annos antes da creação do bispo, e vigario da freguezia da Madre de Deos d'esta cidade, era uma d'essas existencias na apparencia socegadas, placidas, beatificas; o espirito porém do homem pensador deve comprehender quantas lutas intimas, quantos triumphos sobre os impetus da natureza não se teriam passado na sua alma para chegar a conseguir a aureola de virtude que lhe adornava a fronte. Deve ser um vigoroso e bem formado espirito aquelle que se vence a si proprio, a suas paixões, a suas inclinações, á tendencia para os prazeres e gosos, e assume o character de austeridade e de dominio sobre si que o tornam notavel entre os seus irmãos.

O amor de Deos pôde criar estes caracteres, pôde dar estes triumphos contra a propria natureza, pôde formar homens que abneguem de sua existencia em favor do proximo e que são o exemplo da mais pura caridade.

O padre Thomé é um modelo de virtudes, difficil de emitir-se; por isso, sua vida ahi ficou gravada no espirito do povo como de um dos poucos que entre os eleitos soube cumprir sua missão.

Ainda está na memoria de muitos o acto de respeito e de mutua veneração que se prestaram em face da população d'esta cidade, o padre Thomé e o padre Feliciano Prates, 1.^o bispo d'esta diocese, no dia em que fez aqui a sua entrada episcopal. Todos viram o mestre e o discipulo, o padre e o bispo, ajoelhados um ante o outro, entre lagrimas e confusão, sem saberem qual devia ser o mais humilde. Quadro digno de conservar-se no Pantheon de nossa cidade, para rememorar virtudes que podem vir a ser raras, mas que o não deviam ser para felicidade dos povos!

De duas corporações soubemos nós que tentaram requerer a sua beatificação, e que foram demovidas d'esse intento por autoridade competente. Mas beato ou não, no indice da Igreja, elle foi um vulto venerando entre os seus coevos, e ha de ficar sempre como tal na memoria das gerações porvindas nesta terra.

IV.

Thomé Luiz de Souza, nasceu na colonia do Sacramento, sobre a foz do Rio da Prata, então dominio portuguez, em 21 de Dezembro de 1770, oriundo de familia portugueza, que no abandono que fez Portugal daquelle territorio refugiou-se como os demais nesta provincia. Era seu pai cirurgião-mór.

O jovem Thomé foi desde seus primeiros annos destinado para a vida da Igreja, e por isso foi d'aqui enviado para o Rio de Janeiro, onde fez seus estudos no seminario de N. S. da Lapa.

Bem cedo foi ordenado presbitero pelo bispo D. José Joaquim Justiniano Castello-Branco, recolhendo-se a esta cidade, onde estava sua familia, e em companhia de seu irmão e depois de seus sobrinhos,

viveu todo o longo estadio de sua vida, dando o exemplo vivo da caridade, da mansidão e da mais notavel castidade.

Foi mestre de latim por muitos e dilatados annos e seus discipulos, dos quaes ainda alguns existem sexagenarios, lembram-se com saudade do mestre bondoso e intelligente que lhes descerrava aos olhos inda infantes as bellezas de Lacio. Entre os já fallecidos conta-se o 1.^o bispo d'esta diocese, o padre Feliciano José Rodrigues Prates, que como elle amou a virtude.

A sua provisão de professor publico de latim para a villa de Porto Alegre, tem a data de 15 de Outubro de 1807 e está assignada pelo vice-rei Conde dos Arcos. Servia o lugar desde esse anno até 1831.

Em trinta annos de sua vida, de 1816 a 1846, é que o padre atravessa toda a sua ascensão hierarchica na igreja, lenta e obscura de titulos, mas resplendente e aureolada de virtudes no coração do povo que o amava, e que o admirava.

Quando se creou bispado na provincia, todos os olhares voltaram para elle, e talvez atravessasse a mente do Imperador primeiro o nome do santo homem que occupava o lugar de vigario geral em Porto Alegre; mas correu um boato adrede inventado ou real e que aproveitava aos que queriam dispensar favores em vez de servir ao paiz — e era que o padre Thomé não aceitaria o lugar de bispo e que mesmo era de uma bondade tal que não poderia arcar com a corrupção e altaneira em que viviam os padres da provincia. — O padre Thomé era **puro amor**, não teria forças para derribar a matta brava da nova diocese. Talvez houvesse exageração em quanto ao sacerdocio do novo bispado, mas quando assim fosse, n'uma religião de amor e perdão, seria aquelle padre, que era puro amor, que se-mearia com mais vantagem a palavra de Deos, e dirigiria com mais firmeza a nova igreja.

Exemplos de bons padres havia-os inda, Thomé, e Feliciano tinham imitadores na pureza d'alma e na sinceridade de suas crenças, e algumas parochias viviam na paz e na tranquillidade do coração de seus pastores.

E' em 19 de Fevereiro de 1816 que por provisão do bispo D. José Caetano da Silva Coitinho foi o padre Thomé nomeado **examinador synodal**.

Em 9 de Dezembro de 1819, por provisão do mesmo, nomeado **defensor dos matrimonios**.

Em 23 de Outubro de 1823 teve as honras de conego da cathedral do Rio de Janeiro, por provisão do mesmo.

E' ainda por provisão do mesmo bispo, que em 4 de Maio de 1832, foi nomeado vigario encomendado da freguezia de N. S. Madre de Deos d'esta cidade, cargo que occupou até a sua morte.

Em data de 15 de Fevereiro de 1833, por provisão do vigario geral Antonio Vieira da Soledade foi nomeado vigario da vara da comarca de Porto Alegre.

E arcepreste por provisão de 4 de Dezembro de 1840 do vigario capitular Monsenhor Narciso da Silva Nepomoceno.

Taes eram os titulos do virtuoso padre, quando aqui chegou o illustrado conde de Irajá, bispo da diocese, que poude de perto observar a mansidão d'alma, abnegação do mundo pela observancia dos preceitos do Divino Mestre, e desinteresse das glorias terrestres e hierarchias da igreja. A sua admiração foi manifesta, surprehendeu-o a realidade e sua boa alma prestou homenagem ao merito elevado e raro, nomeando por provisão de 30 de Janeiro de 1846, vigario geral da provincia.

O padre Thomé conservou a vigararia da Madre de Deos até a sua morte, pelo amor que tinha ás suas ovelhas, ao povo que por elle estremecia, e com quem elle repartia, moeda por moeda, todos os seus honorarios, nunca alimentando a superstição, e condemnando no seio das familias, a hypocrisia e os erros com o exemplo, com a palavra e com o perdão. Não quiz o provimento da nova parochia das Dores, por ser pobre e não dever suportar as propinas de um vigario que se alimentaria á custa do povo sem derramar a esmola para o bom exemplo que é o conforto d'alma.

E nem pode haver más interpretações, porque no seu espirito não morava a ambição, nem o interesse. Como padre era o exemplo vivo da caridade; e como homem e funcionario nunca reservou uma economia, porque para elle ella estava no amor do pobre, no amor d'aquelles que sofriam.

Não lhe faltou, entretanto, incentivo par a ambição; desde os primeiros dias da liberdade e do Imperio, seu nome foi lembrado pelo povo, e quer no conselho da provincia, quer na assembléa provincial legislativa, tomou assento para advogar a causa do processo e liberdade da patria. A sua presença ali, nos conselhos populares, era veneranda, e mais de uma vez, e sempre ultimamente era elle que presidia-os, com a mansidão e calma que tudo temperava, exconjurando os tumulos e as exacerbações das más paixões.

V.

No meio da agitação politica que trouxe a revolução de 1835, o padre Thomé Luiz de Souza, então deputado á assembléa legislativa da provincia, foi victima das más paixões, dos rancôres que dividiam os dous partidos, e quando um juiz de paz (1) tomou a si a tarefa de processar os chefes da revolução, o seu nome foi incluido na lista em que figuravam Bento Gonçalves da Silva, José Gomes Jardim, Onofre Pires da Silveira Canto, Pedro José d'Almeida, Silvano José Monteiro de Araujo e Paula, e muitos outros, processados nos crimes, de insurreição, rebellião, roubo, rapto, deturpamento, incendio, &c., &c.

Poderia dar-se aos agitadores como causa directa ou indirecta de taes crimes na provincia, visto que tomavam a responsabilidade da resistencia armada, e faziam levas de cidadãos para levantar um exercito que trabalhou por mais de nove annos em guerra aberta, em desabrida campanha contra as forças do Imperio; mas ao padre Thomé era uma irrisão dal-o como autor de crimes taes.

E' verdade que em virtude d'esse processo os indigitados nelle, foram perseguidos, emquanto que o padre Thomé foi respeitado e já-mais presidente algum ou chefe militar teve nem ao menos a intenção de o levar ao carcere, como se fazia a todos os convencidos do crime de rebeldia.

A sua mansidão evangelica, o seu amor á ordem, o punham á salvo de qualquer attentado contra sua liberdade, além de suas immunidades sacerdotaes, e da influencia que exerciam seus parentes, o Dr. Americo e marechal José Ignacio, o primeiro dos quaes exerceu por mais de uma vez o cargo de vice-presidente da provincia.

Comprehende-se, no entanto, o que soffreu aquella alma, toda dada ao exercicio da caridade, em face d'aquellas atrozes calumnias, auto-

(1) Manoel José da Camara.

risadas e escriptas n'uma sentença condemnatoria, que pretendia infamar-o ante os olhos de seus concidadãos.

Depois d'este facto o tribunal e instituição do **juizado de paz**, da magistratura popular, pelo qual todos nós nos estremeciamos, escreveu a sentença de seu proprio banimento, tornou-se odioso, e abriu margem á possibilidade de uma reforma, que depois foi lei com data de 3 de Dezembro de 1841. Haviam atirado muito alto a pedra do escandalo, para que não cahisse sobre a propria cabeça e os esmagasse.

Era ferir muito o coração de um homem de bem, e a larga scisura teria derramado muito sangue, se d'ali não manasse copioso o balsamo da caridade sobre os rancorosos que a tinham feito.

O padre Thomé era a mansidão evangelica, a caridade christã, o typo raro da castidade. Sob a egide de taes virtudes elle soube triumphar das fraquezas humanas, da sorte asinha que só é partilha dos corações enfraquecidos.

VI.

Examinemos o padre Thomé sob qualquer das feições em que o representamos, e teremos sempre ante os olhos um heróe, que no retiro e sem ostentação bate-se dia por dia contra as tentações, contra as seducções dos prazeres santificados pela grandeza do fim, que é a existencia necessaria da familia, da propagação da especie.

Vêl-o-hemos pobre, derramando a esmola no silencio da noite pelas janellas e rotulas das casas das familias indigentes, temendo que o saibam os que recebem, mas sem temer a calumnia ou má interpretação dos que o podiam surprehender no seu mister de caridade.

Teve quasi um seculo de vida e seus honorarios nunca lhe deram uma reserva capaz de o pôr á salvo das maiores necessidades. Viveu com os seus parcamente e ainda nos seus ultimos annos, nós o viamos dividir o que recebia com as parcas despezas da casa e os pobres a quem destinava os pequenos embrulhos de **uma pataca** cada um, para dar aos que já não podia levar pessoalmente á casa.

Lembra-nos ainda dos muitos que só a elle se confessavam, e só d'elle queriam os conselhos, repassados de caridade e emoção, como os daria o proprios Mestre.

A sua intelligencia só enfraqueceu nos ultimos dous mezes de vida: até ahi elle procurava ir a cathedral e officiar ajudado do seu prestimoso coadiutor e digno successor, o malogrado mancebo (1) a quem o bispo D. Feliciano havia dado as ordens de presbitero e ungido na pratica das virtudes que aprendera do santo varão então quasi nonagenario.

O padre Thomé Luiz de Souza, rendeu seu espirito ao creador, no meio da consternação dos seus e de toda a cidade, em 14 de Dezembro de 1858, com 88 annos de idade, e, na mente convencida do povo, deixando o perfume de suas rescendentes e raras virtudes.

VII.

Nos ultimos dias de sua vida o padre Thomé teve provações amargas, ás quaes respondeu, sem queixar-se, apontando para os que d'elle dependiam e recebiam o conforto e a protecção.

(1) O padre LUIZ MANOEL GONÇALVES DE BRITO, ainda bem jovem fallecido.

emanações que pudessem trahil-os. E para ganhar tempo e deter os cães, abateu o bugio que tivera a imprudencia de vir espreital-os.

Emquanto uns assim exauriam os recursos de defesa, a peonada de André tão pratica e conhecedora de semelhantes meios como elles proprios, não os economisavam para alcançal-os.

Desembargando conheceram logo o desastre da perda dos cavallos e concluíram que fugiam a pé. Puzeram pois os animais á pista.

— Furtam-nos a volta, disse um parando ante a preza que agonizava atravessada d'uma frecha. Vamos negaceal-os de outro geito. Dividiu a gente em duas turmas e cada uma tomou differente caminho com o proposito de se reunirem n'uma campina fóra do mato.

O mulato e o companheiro sahindo do bosque, entraram n'um descampado, onde agachados entre as macegas proseguíam rapidos na retirada. Ahi encontraram uma partida volante de froupilhas. Crearam alma nova, e, em vez de recuarem, avançaram, esperando a pé firme. O inimigo não tardou muito, vinha a marchas forçadas. Além da cerração, o auxilio que viera como cahido das nuvens, deu a Moysés o condão de fazer prodigios. E os fez.

Quando a gente de André pensava agarral-os e conduzil-os como terneirinhos á mangueira, soffreu tal refréga, que nenhum conseguiu escapar; uns mortos, outros prisioneiros.

— Caramba! rugiu o mulato, que pechada morruda!

IX.

A ESTANCIA DE GIL

Devemos algumas explicações ao leitor.

Quaes as relações do vaqueano com o caçador?

Porque o ultimo resolvera tomar parte na revolução, reluctando ao principio em acompanhar quasquer das particularidades?

Lancemos uma vista d'olhos ao passado, onde descortinam-se as peripecias d'um drama congenere do que vamos esboçando.

Em 1813, Gil de Avençal, descendente d'uma antiga familia de vicentistas, que no começo do seculo XVIII viera em demanda de novas terras, vivia na Vaccaria feliz e abastado. Menos inquieto que a raça cyclopea d'onde provinha, raça que vencera todos os obstaculos e dotara o Brazil das fronteiras actuaes, Gil sentara a tenda sedentaria no sertão e deixara a vida deslizar como tranquillo regato á sombra do arvoredado. Deos lhe déra para cumulo de venturas uma terna mulher e quatro loiras crianças, prole mimosa e gentil em que remoçava e a cujos sorrisos transparentes de candura, desfranzia o cenho de natural carregado.

Possuia uma estancia de seis a sete leguas.

Quem no pino do dia contemplasse seus dilatados dominios, os immensos plainos a perder de vista, teria um espectaculo digno de recrear-se. A ubera savana semelhava a uma alfombra de turmalina com os mais variegados recamos, formados pelos reflexos de pellos dos innumerados rebanhos. Ali as rezes não se contavam senão nos apartes. Se havia necessidade de carnear uma, dois laços iam procural-a; um a enlaçava pelas aspas, o outro a pialava; e a abundancia era tal, que levavam apenas a porção mis preciosa. O que largamente remanesçia deixavam para repasto dos urubús aninhados nos calvos mamillos dos sérros, ou aos maracajás e cães selvagens de espreita no debrum das selvas.

N'essa terra abençoada, onde a charrúa do progresso só ha quatro

seculos começou a rotear, todos têm o seu quinhão na distribuição dos bens; inda a esphinge da miseria e do infortunio sem nome não atirou aos angulos do espaço um enigma desolador que faz aborrecer a vida e blasphemar de Deos. Ninguém morre de fome. Os fructos pendem das arvores seculares, a maniva rebenta por mil estolhos do terreno inculto, os campos peiam-se de armentio sem conta. Parecem dizer: Passarós do céu, habitantes das florestas e das campinas, vinde, isto tudo é vosso. O colono deixa a patria, e das praias ultramarinas vem faminto, sequioso, desesderado ao eden de Colombo, á luz d'um sol que alenta a mão mata. A Europa é o Promothêo mythico, em cujas visceras o bico d'um abutre trabalha sem cessar: a communa, que ha de arrojal-a moribunda ás portas do futuro. A's vezes o homem aqui mesmo arranca um grito de angustia, rôla na degradação de sua propria entidade... Porque? Porque herdamos com uma civilisação extranha, importada diariamente, seus vícios organicos.

Esquecemos a originalidade que nos era propria pela copia servil que nos mostra contrafeitos. Deviamos ser para imitar e não imitadores.

Deixemos, porém, a digressão e voltemos ao remanso de felicidade. Fallemos de Gil.

Além dos cabedaes mencionados, dizia-se que elle tinha em cofre riquezas fôra de toda a estimativa, ouro que minerára em época remota nas lavras de Santo Antonio, perto de Caçapava.

O maior amigo do estancieiro era José Capinchos. Occupava um dos principais póstos da fazenda e era pago como nenhum posteiro do tempo. Recebia mensalmente quatro dobrões, tres rezes para alimentação, uma ração de tudo que consumia-se em casa, devendo juntar-se a taes vantagens a permissão de criar n'uma sesmaria de campos e matos que lhe fôra doada.

Capinchos tinha rara habilidade para insinuar-se no animo do amigo, que, em qualquer negocio por mais intimo que fosse, o consultava, fazendo sempre prevalecer sua opinião.

Maria, a mulher de Gil, via seus conselhos bons e santos, como o coração que lhe pulsava no seio, destruidos ao influxo d'um extranho, a quem desde o principio votára desconfiança, e para a qual sentia tão instinctiva aversão, que procurar extingui-la foi sempre dar-lhe incremento.

Era um anjo, Maria: a aza negra dos presentimentos tocou-lhe o cristalino lago d'alma, riçou-lhe a superficie serena. Entristeceu a olhos vistos. E a prevenção em que estava para com o posteiro fizeram-na por vezes como entrever planos tenebrosos que, incubados silenciosamente no cerebro, vinham refletir-lhe na fronte sombria. Porém calava tudo, recolhia-se merencoria e resignada no santuario de suas virtudes, no amor de seus filhos. Não queria que o mais tenue laivo de dissabor annuvasse o céu do lar, onde jámais crusara o lozango de tempestades domesticas.

Uma tarde Capinchos sahira com Avançal a uma correira na selva. Dizem que voltára sósinho.

No dia seguinte a casa do estancieiro era um lugubre scenario, um quadro de horrores. Maria e trez filhos tinham sido assassinados. O marido, ninguem sabia d'elle, bem como do primogenito das crianças.

N'um ápice fôra consumada uma tremenda tragedia! A morte selára tantos labios scintillantes de vida e innocencia! Almas candidas e puras o braço do crime abriu-lhes as veredas celestes, correu-lhes a cortina dos horisontes interminos, atirou-as aos braços de Deos.

Quem desfez o idyllo da ventura?

Que ave maldita soltou o pio agoureiro sobre a mansão placida e risonha, o retiro campestre sumido e obscuro na immensidades dos desertos americanos? !

Foi o ninho do beija-flôr no sarmento da mucunan. O pampeiro veio e levou-o!

Iriêma.

(Continúa)

A ESCRAVATURA

FABIO A SALUSTIO.

EPISTOLA QUARTA.

Aguardas a continuação da minha epistola.

E tu, Salustio, estás certo que não faltarei ao prometido.

Distrahiu-me o hebraismo de Herder, mas sabes que não sou para tratar de fosseis quando a natureza em todo o esplendor de suas pompas vivaces acena e me falla; Herculano pouco me dizia em suas mumias e marmores neste momento em que as lavas do Vesuvio se derramam sobre as aldeias dos arredores.

Deixei Herder pelo dialogo do discipulo de Socrates. O predecessor das doutrinas do Crucificado da Judéa tem mais interesse para o meu espirito e conforma-se melhor com o que tenho que dizer-te. E' da moral, é da sorte do homem que tu me questionaste.

Tratemos do nosso negocio.

Quantos brasileiros, filhos de escravas, suppões tu que nasçam nestes vinte e um annos?

Tu me dirás que excederão a um milhão, e aceito o teu arbitramento.

Vês bem, Salustio, que trata-se nesta questão da sorte de um milhão de creaturas que não devemos considerar só economicamente, mas tambem religiosa e politicamente.

Achas que devemos deixar no abandono, sem educação e sem ensino todos estes brasileiros?

Achas que o projecto satisfaz a necessidade moral que reclama a existencia dos novos livres?

Achas que só o Estado deve tomar sobre si a tarefa de preparar esses brasileiros para fazerem parte da vida nacional?

Conheco-te bem, Salustio, para antecipar tua resposta.

A sorte dos novos livres está commettida ao dever do Estado e ao patriotismo de cada um de nós. Pode ser tambem objecto de especulação industrial.

O novo livre, criado no seio de sua mãe, dóde ser recolhido aos oito annos aos **asylos de liberdade**, casas de educação moral e de ensino profissional agricola ou industrial, d'onde saiam agricultores ou industriaes, para rotear as terras devolutas ou estabelecer officinas ou fabricas.

O novo livre deve ter a educação do trabalho.

Perguntarás quem deve sustentar os **asylos de liberdade**; e dir-te-hei que elles se sustentarão **por si**, pelo trabalho dos proprios educandos.

Que gasta o Estado com os estabelecimentos, que são productivos.

e augmentam de valor, convenio, porque esse capital voltará para os seus cofres, por venda feita á companhias agricolas, ou particulares.

Quando te disse que elles deviam igualmente ser confiados ao nosso patriotismo, entendi que comprehendias bem que criando em nossas fazendas ou granjas, esses nossos patricios, obtinhamos braços que lhe eram aditos pelo habito e pela gratidão, melhores que os **colonos estrangeiros**, a quem deixamos pagar na justa razão do trabalho.

Dize-me, Salustio, (é uma pergunta que qualquer outro moralista te faria) não seria preferivel deixar no seio materno a creança até os oito annos, e d'ahi leval-as ao **asylo**, á casa do trabalho, d'onde sahiria para libertar sua mãe e ser cidadão operario honesto, do que abandonar-o á educação da senzala e ao **servilismo por vinte e um annos?**

O projecto de lei que me apontas é mais do que faccioso: é criminoso; e percebes que desejo que não seja norma para nossos actos legaes.

O **asylo** é uma empreza commercial de grande alcance economico, porque obtem braços productivos e vigorosos quasi pela troca do alimento, vestuario, e paga do administrador e mestres agronomicos.

Disse, pois, com muita propriedade que elles fariam objecto da especulação industrial.

As quatro paginas de que disponho apenas neste momento, não me dão largas para ampliar-te o meu pensamento, mas é a ti que fallo e tu comprehendes bem o plano que seria mister desenvolver nesse negocio.

A educação do trabalho, a regeneração pela mocidade, o estabelecimento e collocação dos novos livres — eis os elementos que indico em troca do art. 2.^o da projecto fallaz e argucioso que só conduzirá á miseria e ao morticínio.

D'esta vez não segui o preceito de Horacio — *est brevis et placebis Ave, cultor, Minervoe.*

Fabio.

T A N C R E D O .

IV.

Eis como nasce a *sympathia* e o amor...

Um sorriso é bastante para criar um mundo de illusões, é faísca ardente que basta para incendiar.

Não erramos pois, quando precedentemente affirmamos que estes sentimentos muitas vezes traduzem-se n'uma palavra, ou revelam-se em um gesto.

Estas paginas intimas não brotou-as a phantazia de poeta, o sentimento que transbordam derramou o coração e não a penna.

Tancredo amava e amava muito...

Marina era a estrella polar que o guiava no meio d'essa plaga infinita onde não raream as rosas nem os espinhos; não calculava os obices que podiam surgir no trilho de sua jornada, porque o amor não calcula, nem crê nos impossiveis que desfaz a esperanza bebida na fé do enthusiasmo.

A frente do moço fervia em delirios.

Tancredo era outro homem; já não era sua tez de vinte annos o espelho onde reflectia-se a placidez da alma, ella trazia o sello do sofrimento que é a vigilia.

Quem ama, luta tambem... é grandiosa a pugna, porque quasi

sempre é o espirito debatendo-se, tentando quebrar o circulo de ferro das convenções sociaes.

Mas o mundo que passa ri-se dos esforços frageis do lidador que trabalha, e o gargalhar da turba cava um tumulto ás mais bellas aspirações, porque mata a fé e sem ella não se vive, vegeta-se

Tancredo passava pela quadra de illusões porque todos passam, quando o coração extravasa borbotões de mocidade.

Alma sonhadora, captiva-se ante um sorriso, que elle mesmo não sabia definir se tinha sido filho da cortezia, ou inspiração de um sentimento mais elevado; a phantazia abre as azas e vôa enlevada por elle sem medir o vôo arrojado que faz nas regiões tempestuosas das paixões, vôa desmedidamente sonhando um futuro de felicidade, olvidando que quanto a imminencia é mais alta, mais feia tambem é a quêda.

O que colherá o peregrino na affanosa romaria? Elle mesmo o ignora e quando a razão quer reassumir o dominio que lhe é devido, o coração pulsa e em cada pulsação parece-lhe que o aconselha, murmurando — caminha.

E o idealista jovem cede, dizendo consigo: Ao porvir o que é do porvir. E' que nem sempre o triumpho pertence á razão!

Mas ha uma pessoa que acompanha passo a passo as transições rapidas porque passa o pobre moço, e querendo advinhar o que é, tem por mais de uma vez enxugado uma lagrima furtiva, sem ter encontrado uma solução que satisfaça.

O ente que véla sollicito, é desnecessario dizel-o á minha leitora, que já sabe de antemão que não póde ser senão D. Elvira, a nobre mãe de Tancredo.

E' real que ella não conhecia a causa, mas via os effeitos estampados na face pallida do filho.

Até então sua vida methodica tinha dividido o tempo em horas de trabalho e de descanso, as primeiras que eram do labor diario que traziam ao lar o necessario á vida phisica, não tinham soffrido alteração alguma, mas as ultimas que o moço partilhava entre a mãe e os livros, companheiros da solidão, tinham perdido uma hora que era gasta n'um passeio que fazia todas as tardes.

Esse passeio que invertia os costumes habituaes, ao mesmo tempo que sua physionomia deixava lêr as agitações que iam pelo interior, eram motivos bastantes fortes para attrahir a attenção da mãe extrema, para quem o filho era um pensamento constante.

Um dia elle, chegando de volta da perigrinação, sentou-se fatigado junto a ella; esta sôbe aproveitar a oportunidade que o acaso lhe concedia, para saber aquillo que ha muito procurava penetrar.

— Escuta, filho, disse, será indiscripção minha perguntar-te o que vai-te pela alma? isso que guardas com tanto zelo no imo do peito, mas que tua fronte de moço mal sabe disfarçar, e teus olhos em cada lampejo trahem impiedosamente?

— O que pergunta, mãe? murmurou elle...

— Se não é indiscripção minha saber se soffres?

— Indiscripção! estranho tanto a linguagem, porque é a primeira vez que a oíço e não sei o que fiz para merecel-a...

— Não, Tancredo, a minha linguagem não mudou, porque a origem é sempre a mesma; quem mudou foste tu, eu sou a mesma; o que fiz para perder a tua confiança, ignoro, só sei que soffres e não me concedes como outr'ora o quinhão de teus pezares; isso magoa-me.

e se minhas palavras são ungidas de amargura é porque são filhas dos extremos que te voto.

— Perdõe-me, não trazem minhas palavras a mais leve censura, minha sinceridade desfará a impressão d'ellas; não minto dizendo-lhe que não soffro.

— Não soffres!? balbuciou a velha e um riso de duvida frisou-lhe os labios; no entanto a tua tranquillidade passada não vive contigo, as noites serenas e placidas deram lugar ás insomnias, unicas consolas dos soffrimentos; o pó cobre os livros, companheiros inseparaveis d'outros tempos, revela o desprezo que merecem hoje; e a melancolia apagou as alegrias dôces d'outr'ora que o coração reflectia em teu rosto, e dizes que não soffres; não, não posso crêr-te...

— Deve crêr-me; não a illudo com falsos protestos, dizendo-lhe aquillo que não sinto; repugna-me a mentira; não nego-lhe que meu viver de hoje tem agitações que em outras eras não as conhecia; se não tem o sello da serenidade, não traz tambem o cunho do infortunio, tenho uma alma que identifica-se com as impressões que recebo em meu caminho. Se vejo aqui um deserto arido, onde o ardor do sol mata o tenro arbusto, e onde impera alternadamente a calmaria e o tufão, fico triste, porque o deserto árido me entristece e a calmaria me suffoca; mas se alli encontro a veiga florida descerrando aromas, palpitando vida em cada flôr que desabrocha, sinto-me outro, porque a veiga florida desperta-me o enthusiasmo, e a flôr que desabrocha concede-me seus perfumes. Eis o que soffro e o que tenho.

— Pois bem, seja verdade o que dizes, o que não comprehendo e o que não posso explicar a mim mesmo é como as impressões de hoje deixam-te traços tão visiveis que as do passado não poderam deixar!!

— Explico-lhe eu, mãe, é que vivo menos retirado que anteriormente, e mais perto das agitações do mundo, que inspiram...

— A melancolia ante o deserto árido, disse ella, concluindo a phrase do moço, é o arrebatamento despertado pela veiga florida, não é assim?

— E' minha mãe; mas vi e encontrei mais do que isso...

— E não seria imprudencia perguntar o que foi?

— Não é; a impressão mais cara para mim, não foi esta, foi a de tel-a encontrado, minha mãe, no meu caminho, coberta com as galas e louçanias dos deseseis annos, moça e linda, desfolhando sorrisos em minha passagem...

D. Elvira fitou o filho estupefacta.

— Vi mais; vi sua imagem de anciã reflectia n'uma fronte de moça e sua alma de mãe incarnada n'um corpo de anjo.

Vi tudo isto e amei tudo o que via.

D. Elvira começava a comprehender os soffrimentos do filho.

— E que nome dás, proseguiu ella com doçura, a esse painel de côres tão bonitas?

— Chama-se... Marina, murmurou o moço em effusão.

O silencio succedeu entre ambos ás ultimas palavras.

Depois de alguns momentos de mudez em que a nobre senhora parecia recolhida com seus pensamentos, ella fitou o moço emquanto que com uma das mãos alisava os cabellos que cahiram-lhe sobre a testa juvenil, ao mesmo tempo que seus labios descerravam um sorriso, poema de doçura e bondade.

Fitou-o alguns momentos n'um extasi de affecto e quebrou o silencio com estas palavras, palpitantes de amor:

— Eu confesso, filho, que meu temor foi feminil, porém, quando te via triste e alegre ao mesmo tempo, tinha medo, porque não podia

compreender como á sombra de um mesmo tecto se podesse alliar sentimentos tão oppostos, scismava sem poder adivinhar, não me vinha á memoria que tu ainda não tinhas pago tributos á mocidade que te arfa impetuosa no seio; agora que sei o que te vai pela alma, peço-te que tranquillizes-me de todo... E's amado?

— Creio que sim, mãe, balbuciou o moço beijando-lhe a dextra.

V.

Duas palavras sobre a protagonista d'este conto.

Marina merece um capitulo, porque seria imperdoavel que deixassemos nossa leitora cingir-se ás impressões recebidas nas — PAGINAS INTIMAS — de Tancredo, que a pintou com a penna, espadanando arroubos apaixonados.

Marina é realmente o lyrio do val descerrando as pétalas ao orvalho da alvorada.

Se ha um ser creado, para quem a natureza profusamente concedeu dons de belleza; esse ser é ella.

O thuribulo do sacerdote não queimou insenso aos pés de uma falsa divindade, nem o sonhador criou uma illusão desfeita ao primeiro lampejo de luz matutina.

Quem ama tem por qualidades indispensaveis ser poeta e artista.

E Tancredo o é. Artista extasia-se ante uma das virgens de Raphaël; — poeta, admira um poema, que não é mais que um sorriso de mulher.

Tentemos um leve bosqueio de sua existencia.

Se fossemos fatalista diríamos que uma má estrella illuminaria com o clarão da desgraça o berço innocente de Marina.

Seu pai morrera tres mezes antes d'ella ver a luz do dia e sua mãe pagara com a vida o tributo da maternidade.

E o que seria da avesinha, que tinha ao nascer a orphandade, e implume não podia voar na amplidão immensa, nem caminhar sobre a terra, onde brota á par da flor olente o espinho venenoso, se uma mão generosa não acalentasse o berço da recém-nascida?

O que seria da rolinha no momento em que o machado do lenheiro tombou o ninho com a quéda da arvore?

O que seria senão a existencia de uma florinha nascida ao romper d'alva e ao meio-dia crestada pelo ardor do sol no zenith...

Mas a dextra caridosa que cerrara as palpebras da mulher infeliz quando sentia fugir-lhe a vida, no momento supremo que cingia á fronte o diadema de mãe, devia também cobrir de beijos a boquinha infantil que soltava o primeiro vagido... Sublime painel que debuxava um tumulto e um berço, uma aurora e um crepusculo!

Assim foi e assim o fez D. Margarida.

Os laços contrahidos entre Margarida e a mãe de Marina, jámais o tempo podera-os quebrar, tinham-se fraternisado nos bancos collegiaes e a afeição da infancia gradualmente augmentaria nos lances da vida positiva.

Margarida tinha sido o anjo da ternura e da amizade junto do leito da amiga, não podia deixar de ser a sacerdotiza da caridade ao pé do berço insonte da orphãzinha.

Margarida comprehendeu a religião do dever debaixo do modesto nome de — madrinha; e o arbustosinho fragil cresceu vicejante á sombra do ipé copado, protegido dos vendavaes.

Acompanhar passo a passo a existencia de Marina, seria traçar uma longa chronica, perfumada com o affecto e o amor, lenda radian-

te do lar domestico, sempre rica de sentimentos, porém sem utilidade para a narração; passaremos de longe por este periodo da vida da donzella, para acompanhál-a no momento em que attrahe nossa attenção.

A educação moral de Marina, dizemos com pezar, resentia-se de alguma falta de modestia, que seria sublime, se podesse alliar-se á sua belleza. Os extremos de sua madrinha foram a causa da vaidade que lhe apagavam e escureciam qualidades que de outro modo realçariam.

Habituada a ouvir dizer sempre que era bonita, que disputava ao jambo o moreno da côr e ao cysne os meneios graciosos, Marina, ao principio corava ante os enthusiasmos de sua mãi adoptiva que lisonjeava-lhe o amôr proprio sem pensar que indiscretamente alimentava uma qualidade que não é vicio quando é limitado, mas que é funesta quando a falta de bom senso não tem força para esmagar no embryão o arrojo de um sentimento máo.

D. Margarida era boa, tinha os dotes precisos de uma mãi extrema, mas não possuia os predicados essenciaes de perceptora; porque uma lagrima de Marina trocava a severidade indispensavel por uma doçura culpavel. E' com esta educação carinhosa de mais, mas bastante nociva, que a moça tornou-se orgulhosa de seus attrativos, orgulho que tinha habilidade de occultar a todos debaixo de uma falsa modestia, não deixando sequer uma leve sombra de suspeita.

A imparcialidade de narrador força-nos a tocar com a censura o typo sympathico da donzella, mas essa mesma equidade faz recahir sobre sua madrinha toda a culpabilidade.

Um grande contraste apresentam as duas familias protogonistas d'este conto, a diversidade de educação de ambos os jovens enlaçados no mesmo affecto, affastava-os um do outro, porquanto — um bebia no lar domestico a — vaidade; — o outro a — modestia...

Serão felizes?

O futuro nos dirá...

(Continúa)

O TROPEIRO

CAPITULO I.

A SAFRA DA MANDIOCA.

Era costume de minha familia assistir os primeiros dias da safra da mandioca, em uma chacara, no Caminho do Meio.

Quando o inverno começava a entristecer os campos e a desmaiar o esmalte asulado dos céos, já aquella boa gente da chacara dava principio aos preparativos para a nossa recepção.

Quem passasse pela estrada e olhasse para a nossa casinha, veria logo, que havia festa ali.

As janellas abertas, as portas francas, o terreiro varrido sem uma folha seca, o movimento emfim d'aquelle povo, tudo denotava ao mais indifferente olhar um grande acontecimento.

E a nossa estada ahi no inverno era realmente um grande acontecimento para aquella gente.

Era a safra da mandioca, a que ia dar-se começo.

Quem não assistiu ainda ao primeiro dia da farinhada, não calcula o que vai de contentamento e prazer.

Todos vão á roça da mandioca que ondeia e brilha ao bater dos ventos como um mar todo de esmeralda, estremecendo aos raios do sol. Ahi entregues ao trabalho, gracejam, expandem-se na intimidade da convivencia, enquanto um d'elles canta uma d'essas cantigas simples que aprendeu creança, mas que só mais tarde, o coração e o isolamento unge de poesia e sentimento.

A quebra da mandioca é um trabalho que não cança, porque a alegria e o enthusiasmo anima o braço que faz vir á flôr da terra as raizes da planta.

Duas horas depois de terem ido á roça, já se vê na tafona o **monte**, onde ao de redor se accomodam os velhos, os moços e os meninos sem distincção de sexo, na permutação dos **capotes**.

Momentos depois **orodizio** trabalha, e as prensas gemem sob o impulso vigoroso do braço habituado ás lidas dos campos. E no meio d'aquella agitação constante, mas cheia de sorrisos, e de gracejos, cheia de alegrias sinceras, ouvem-se os sons da viola consorciados ás vozes melodiosas de uma moça, pura e innocente como uma d'essas naturezas privilegiadas de que Deos formou o seu brilhante cortejo.

E o trabalho, e aquella tumultuosa alegria, vai até alta noite, embora o vento frio sobre impetuosamente, embora a neve em flocos caia sobre o estendal das colinas, e torne em chrystal as aguas limpidas e puras das serenas fontes, onde se estampa o azul esplendido dos céos.

Na atafona nem de dia, nem de noite param as machinas e o movimento; e quando vem o somno ou a fadiga, geme a viola no braço do moço lavrador e uma voz dóce logo se associa aos sons do instrumento.

Outras vezes depois do gemer da viola e da cantiga, um dos **raspadores** suspende a faca, agita-se em posição de descanso no **cepo** e começa a narração de um d'esses contos populares de que está cheia a nossa provincia.

Uma noite eu estava entre elles, e ouvi o conto do tropeiro.

II.

JUCA SERRANO.

Um dia Juca Serrano deixou sua mulher e a filhinha, loura creança de alvura de neve, e lá se foi á caminho da Vaccaria para em breve voltar conduzindo alguma tropa.

Sob o poncho do tropeiro palpitava um coração nobre e ardente de amor.

Laura, a sua mulher, era seu idolo.

E se alguém por acaso lhe dissesse um dia mesmo gracejando que Laura não o amava com todo o estremecimento de uma natureza excessivamente sensível, Juca Serrano, seria capaz de commetter um homicidio, ou perder o uso das faculdades mentaes.

Já não era amor, o que elle sentia, era uma adoração sem limites, um fanatismo inconcebível que não se póde descrever, a não querer se comparar o enthusiasmo, o enraizamento, a grandeza do sentimento que se aninhava no coração do tropeiro, á uma d'essas paixões periodicas de que é victima a mocidade menos pensadora e cuja existência dura tanto como uma flôr arrancada do hastil.

E como poderia elle deixar de amar Laura?! Ella era tambem sua filha. Seus pais morreram deixando-a com cinco annos; e sem mais parentes, Juca Serrano a recebeu em sua choupana, viu-a crescer e tornar-se moça junto de si.

Se o tropeiro não deu-lhe o cultivo do espirito, encheu-lhe o coração de thesouros de virtudes.

Rispido e severo com todos, physionomia concentrada sempre, só Laura exercia o poder de vel-o alegre, risonho e meigo como uma natureza infantil.

Um sorriso, um olhar seu, era só bastante para tornar branda e dar alegria á natureza aspera do tropeiro.

Só junto de Laura, dizia o Serrano, é que sinto viver, ali sou feliz e nada mais desejo.

Quando elle seguia para a Serra, despedia-se de sua mulher como se fosse á longas terras, para não voltar tão cedo.

Seus olhos banhavam-se de lagrimas e sua fronte ennuviava-se de tristeza no adeus da despedida.

E quando se ia estrada fóra, nas horas calmas do dia, ou á luz suave do luar, n'aquelle isolamento immenso e cheio de tristezas, seu coração desabafava os pezares na cantiga melancolica do filho dos campos.

III.

INGRATIDÃO.

Corria o mez de Julho de 1836.

Na fralda oriental do Morro de Sant'Anna, estavam acampadas as forças rebeldes ao mando do coronel Onofre.

O acampamento estendia-se das terras do velho Francisco Terra, até quasi as proximidades do Capão da Fumaça.

Ainda hoje vê-se n'uma eminencia como que dominando aquella solidão a **Casa Branca**, transformada então pelos republicanos em hospital. Era ao entestar com os campos d'esta fazenda que se via a casinha do Juca Serrano, protegida por duas figueiras seculares, deixando apenas ver-se a fachada, como uma garça escondida n'uma moita, e com o peito unicamente descoberto.

Do acampamento á casa do tropeiro era apenas um galope.

Laura na ausencia do marido costumava receber as visitas de um tenente das forças rebeldes, chamado Pedro Xavier.

Aquellas visitas amiudadas, a convivencia do tenente, foram logo pela visinhança interpretadas com bastante pezar para Laura, e em poucos dias não se fallava senão na conducta ignominiosa da mulher do tropeiro. Porém d'esta vez a opinião publica não errara; Laura havia-se deixado cahir do seu pedestal de virtudes, talvez para sempre.

Ella que apenas contava 17 annos, sem experiencia do mundo, não teve a coragem necessaria para pisar o aspide da seducção que havia de envenenar-lhe a existencia pura e immaculada.

Pobre Juca Serrano! Entranhado lá pelos sertões da Serra, cruzando caminhos cheios de asperezas e de precipícios, quando julgaria elle que a desgraça e a vergonha haviam de mãos dadas transposto a soleira do lar rustico e pobre, mas animado outr'ora de alegrias e riquezas d'alma!

Pobre d'elle! Talvez lá fóra derramando n'uma de suas cantigas singelas, pelas solidões tristes e silenciosas, o fél da saudade que exuberava-lhe por cada fibra do coração.

Ah! pobre do tropeiro!

IV.

DESAFFRONTA.

Havia já decorrido um mez e meio da partida de Juca Serrano.

As sombras da noite desciam sobre a terra, algumas estrellas já resplandeciam tristemente nas alturas.

Só quem presenciou o aspecto dos campos a esta hora solemne é que póde aquilatar as tristezas, a melancolia que se allia a todos os objectos da natureza.

Ao longe, — lá negrejam as serranias, uma ou outra arvore gigantesca isolada, transparece nas eminencias, brilha á furto uma luz na janella da cазinha do lavrador; tudo é silencio, só se ouve o farfalhar da rama das arvores, a fonte a soluçar ou a voz do campeiro que se perde além na immensidade.

N'essa noite o vento soprava bem forte, reverberando impetuosamente os fogos que já luziam no acampamento, como um immenso cardume de pyrilampos.

A lua não tardava a apparecer, já a pallida claridade que a precede por detraz dos morros annunciava a sua vinda.

Tudo er silencio. Ouvia-se bem longe sómente a cantiga de um camponez, a qual pouco a pouco se tornava mais intelligivel, até que afinal escutou-se perfeitamente a seguinte estrophe:

De saudades não se morre,
Se morresse eu não voltava;
Pois distante d'estes pagos
Só por elles suspirava.

Logo todos conheceram aquella voz merencoria, que buscava no canto mitigar as saudades da mulher e da filhinha, que já ha tanto tempo não as via.

Era Juca Serrano!

De repente, porém o tropeiro emmudeceu.

Um visinho, seu amigo, conhecendo-lhe a voz, foi a seu encontro. O tropeiro parou.

— Então, disse elle, como vai isto por cá?

— Assim...

— E Laura e minha filha?

— Laura?!... Esta reticencia e entoação suspendeu por um instante a palpação do tropeiro.

— Morreu?

Morreu unicamente para a tua affeição e sem mais preambulos o visinho expôz o procedimento imperdoavel de Laura.

— Oh! não creio, disse o tropeiro, atirando para traz com desespero os cabellos negros e bastos, que a viração agitava, e apertando como um desvairado o cabo da faca presa á cinta.

— Bem, disse o amigo, só te peço que sejas prudente; e retirou-se, deixando o Serrano estatelado no meio da estrada, com a alma entregue ás afflições de uma dôr irremediavel.

Um raio da lua bateu-lhe em cheio na face livida, vindo testemunhar a desesperação d'uma alma nobre e altiva e as primeiras lagrimas repassadas de amargor que seus olhos derramavam na vida.

Momentos depois o tropeiro seguia a galope o caminho da casa, e quando chegou lá perto, sentio gelar-se-lhe o coração, e a cabeça como ligada a um circulo de ferro.

A' sua chegada os cães latiram, mas logo emmudeceram, reconhecendo o senhor. Juca Serrano bateu á porta; sua mulher não se fez esperar, mas ao vel-o sentiu um abalo immenso, ficou uimmovel como uma estatua, e não teve um sorriso, um abraço para o pobre tropeiro que ha tanto já não a via.

A frieza, os embarços, aquelle abalo de Laura, a condemnavam aos olhos do marido.

— Então como está minha filha, perguntou elle com os olhos presos no chão.

— Vai indo bem, respondeu, sem podel-o fitar.

E nem mais uma palavra foi trocada entre ambos, por longo espaço.

De repente Laura quebrou a mudez que reinava.

— O que tens, Juca?

— Estou doente.

— Mas o que sentes?

— Um mal que não se cura?!

— Um mal que não se cura?! repetiu ella.

— Sim. Estou deshonrado. O que fizeste, Laura, da tua virtude, disse o tropeiro levantando-se e os olhos derramando chispas de fogo.

— Oh! não te entendo...

— Ja sei de tudo... Emquanto eu me expunha a atravessar os matos da Serra, por ti e por minha filha, tu me abrias a sepultura. Ingrata! Abandonada de todos eu te acolhi bem creança sob o meu tecto, dei-te depois o meu amor, o meu nome, e em paga de tudo isto, mulher infame, atraícoaste-me.

— Juca, basta... disse ella supplice, ajoelhando-se.

— Levante-se... a Sra. não tem direito de me pedir mais nada.

Peça ao seductor que lhe mostrou o caminho da deshonra e da desgraça.

N'este momento a porta do quarto se abriu e Pedro Xavier lhe disse:

— Eu aqui estou. Quer uma reparação, não é assim? Pois siga-me e traga suas armas.

Juca Serrano foi á rede em que dormia a filhinha e a beijou como em delirio.

Emquanto á Laura, nem um olhar, nem uma só palavra lhe dirigira.

Ella desesperada, quasi como louca, soluçava de joelhos de frente a uma imagem de N. S. das Dôres.

Passados poucos instantes dois tiros repercutiam n'aquella solidão, e Laura cahiu desmaiada.

Pedro Xavier morrera. Uma bala atravessou-lhe o coração, sahindo ferido o Serrano tambem no hombro esquerdo.

O tropeiro voltou á casa foi á rede, tirou a filhinha, e montou a cavallo chorando como uma creança. Até hoje não se sabe para onde fôra.

Laura ficou louca e dois mezes depois foi encontrada morta n'uma sanga profunda, nos campos da — Casa Branca.

Achylles Porto-Alegre.

Porto Alegre — 1872.

ESTUDOS PHILOLOGICOS

I.

Ligeira opinião sobre a formação das linguas. Fórmias que revestem segundo as épocas. Fórmias syntheticas e analyticas. Principaes pontos de discriminação entre umas e outras.

As linguas se formam nas palingenezias sociaes e são a expressão de phases e revoluções operadas no seio da humanidade.

Querer entroncal-as a uma outra, filiando-as apenas pelo fanatismo ás filiações, é desconhecer a verdade historica, é desnaturar a marcha do espirito humana sempre em busca de melhores fórmias que correspondam com mais exactidão á suas ideias e sentimentos.

Assim o francez, portuguez, hespanhol e italiano não mostram em sua formação a tão preconizada descendencia e origem da lingua latina. Decompostos, separados no cadinho da analyse os quatro idiomas mencionados, não apresentam senão uma amalgama de differentes elementos em sua contextura. Applicado o mesmo processo exclusivamente ao portuguez, não deparamos as feições latinas como tentam fazer crê-lo, e sim uma mescla de caracteres diversos. Como o raudal d'um rio, assim elle atravez dos seculos foi recebendo em sua passagem os cabedaes que o constituem actualmente. Em cada periodo aperfeiçoou-se, desde o celtiberico rude, pobre, e selvagem até o brazílico, em que superabunda de riqueza e viço como a natureza americana, e a phrase adquire contornos suaves e inflexões euphonicas, que em Portugal estão longe de conhecer, e, quando lá o conhecem, o extranham em apostrophes ás vezes desabridas, com o fez Pinheiro Chagas. Mais tarde responderemos a tão distincto escriptor de além-mar.

Quanto á pretendida e decantada latinidade, vamos expôr as considerações que o assumpto nos suggere.

Uma lingua morre, passa do labio humano para o sarcophago de esquecimento absoluto ou para jazer nas estantes d'uma bibliotheca, não é por mero capricho dos destinos dos povos. E' que esta lingua não tem mais o direito de ser fallada, e, se ainda subsiste, é pelos trabalhos do passado manifestos na gratidão do presente. A India, Egypto, Grecia, e Roma attestam-n'o claramente; e eis o motivo porque hoje procuram soletrar os hieroglyphos d'uma pyramide ou da teocalli mexicana, e o espirito adiantado dos tempos modernos esmerilha com veneração os dîpticos dos marmores de Paros, as reliquias de Herculanium e Pompeia e os palimpséstos da era gothica. Constituiram um poderoso auxiliar na antiguidade, foram traços característicos d'uma civilisação que herdamos, deviam forçosamente existir nos archivos do futuro. Outras, não deixando monumento digno de perpetuar-lhes a memoria, no dia que a pedra dos tumulos sobre ellas cahiu, morreram para sempre.

Formular pois sem mais nem menos uma conclusão que torne uma das linguas vivas actuaes um como estólho ou perfilhamento d'um tronco morto, será sempre em nossa opinião o desconhecer radicalmente o genio das differentes épocas, dos povos e até a physionomia geographica, que tem mais influencia do que suppõem por meio de perfunctoria analyse. Quanto á ultima observação, para roboral-a bastaria lembrar que na Europa falla-se o inglez, o portuguez e o hespanhol, e as mesmas são falladas na America, porém já distanciadas na pronuncia e no vocabulario de uso ordinario, muitos termos do qual são verdadeiros neologismos, mineração riquissima e original produzida pelas circumstancias do clima, costumes, &c.

As linguas modernas não nasceram sómente do influxo admiravel das grandes revoluções operadas pelo christianismo e invasão dos barbaros, que conseguiram demolir a gigantesca fabrica romana; uma outra necessidade facilitava e impellia seu apparecimento. O espirito humano tendia a manifestar-se com mais precisão e simplicidade, sem o sequito de difficuldades de que até então fôra rodeado, substituindo as fórmas *analyticas* ás *syntheticas*. Era toda uma questão de futuro, toda uma nova phase historica, que separaria duas civilisações tão completamente que o confundil-as seria para sempre impossivel. Separação pelas novas raças que vieram povoar a Europa, pela religião e pela linguagem.

O idioma do Lacio, no momento em que elle attingira o auge de esplendor e gloria, neste seculo denominado de Augusto, foi tambem quando começou a ter consciencia dos defeitos que a deturpavam, da obscuridade, difficiencia de clareza e concisão e falta de methodo que impediã de reproduzir fielmente o pensamento em suas varias e multiplas graduações, na complexidade de seus cambiantes. Havia um *labyrintho* no *systhema* dos casos e verbos, no genero dos nomes classificados sem fundamento logico, na variedade infinita das *dezinencias*, no *hyperbatho*, que, ás vezes usado com moderação imprime graça, energia e elegancia á phrase, tornado porém construcção d'uma lingua não passa d'uma incongruencia insupportavel, que traz por companhia o tedio e a fadiga.

Um romano para saber-o bem devia gastar tempo precioso e longas lucubrações, como um fleugmatico habitante do Celeste Imperio á cata dos representativos de cada palavra.

Por isso na propria Roma nem todos se exprimiam por identica linguagem. O latim de Tacito, latim sabio pela estrutura, não é o de Plauto que reflecte com mais naturalidade a conservação familiar, os costumes, a vida intima, nem o de Plauto é o dialecto que o vulgacho fallava na cidade, como os rusticos e os povos das provincias conquistadas. Os ultimos então necessitando de serem comprehendidos em suas relações com os conquistadores adaptavam á linguagem d'estes, polida e estudada, a barbaria da sua, grosseira e informe. O ultimo facto põe em evidencia a anarchia que não iria em paizes tão distantes nas trez partes do mundo avassalladas pelos descendentes de Romulo.

As questões sobre orthographia não eram somenos, nem menos complicadas. As origens perdiam-se na noite dos tempos. Hoje depa-ramos nos desaterros das cidades classicas adormecidas sob a crosta da lava vezuviana inscripções que fariam perder a cabeça ao mais pertinaz ruminante de etymologias.

Não é só ahi, em eminentes authores as mesmas controversias. Augustus, o **imperator**, para debellar a desordem propunha o meio de escrever as palavras conforme a pronuncia, meio racional e consequen-

temente o unico legitimo, que deviam pôr em pratica entre nós, em vez de evocar diariamente processos fósseis baseados em analogas contradicções. E não só o propunha, como o fazia.

Os romanos sobre a palavra autor, por exemplo, levantavam escarcéos. Uns a derivavam do verbo *augere*, outros do grego, e a disidencia trazia tres maneiras de represental-a: **autor**, **auctor** e **author**. Ora taes nugas grammaticaes podem satisfazer a espiritos ociosos, serão filhas de épocas, onde o pensamento sob a tutella do despotismo ou da superstição, que não deixa de ser tambem uma de suas fórmas ostensivas, não ache outra esphera de actividade; porém, á luz d'um seculo de liberdade e conquistas democraticas em todos os sentidos, não é simplesmente desperdicio de tempo, é outrosim a degradação de si mesmo, a inconsciencia da missão da personalidade humana. Entretanto, ai do escriptor, que, como o padre Theodoro de Almeida tentasse a escalada! O dente viperino da critica não lhe pouparia o crime de leza-antiguidade.

Temos até então fallado quasi exclusivamente dos defeitos das linguas que procedem pela synthese, como o latim, o grego, o sanscripto, &c., isto é, das que regeram as primitivas civilisações.

Fallemos das que procedem pela analyse, isto é, das modernas.

Iriema.

(Continúa)

POESIAS

A' LIBERDADE.

Em tudo o que de grande e magestoso,
A mão do Eterno fez surgir do nada,
Teu nome escripto está, em tudo o leio,
Dos céos oh filha, oh emanação sagrada!

E tudo o que tem voz, murmurios, cantos,
Parece ainda repetir teu nome!
Estrella a scintilar por noute immensa
A tua eterna luz nada a consome!

Teu brilho ás vezes se escurece um pouco...
Nuvens que passam no teu céu, estrella!
Oh! mas depois de te offuscarem rapidas,
Tu volves a raiar inda mais bella!

Oh liberdade, eu bem te vejo e escuto,
Em tudo o que de grande me rodeia!
No mar immenso que destróe colossos
E beija a suspirar a branca areia!

No correr do tufão que arranca á terra
O roble secular que ali nascera,
E vai depois beijar, todo em carinhos
A violeta que se enlaça á hera.

No condôr que se eleva e rasga as nuvens,
E nos arrulhos das pombinhas meigas;
No espadanar das aguas em rochedos
Na lympha a deslizar por entre as veigas.

Oh liberdade! oh minha virgem loira,
Mal haja quem te busca o longo manto,
E coberto com elle inunda a terra
De sangue e maldições, de luto e pranto.

Chamou-te a França em alarido enorme,
A' França foste da Gironda ao brado.
Mas quando o povo delirou, que viste?
Por terra o teu vestido espedaçado.

Depois ergueu-se a treda guilhotina,
E a voz que te chamara ali se cala.
Vergniaud! Vergniaud!... afflictia imploras
Mas a Gironda já não tinha falla.

Então que viste oh liberdade?... eu tremo
Só de lembrar o que teus olhos viram!
Tantos tyrannos e grilhões tão ferreos,
Nem antes, nem depois, homens sentiram.

Fugiste espavorida! as vestes rôtas,
E os cabellos de sangue inda manchados!
Maldito aquelle que te erguer um templo
Assente sobre corpos mutilados.

E' santa a guerra eu bem o sei, se acaso
A voz da patria nossa brio inflama.
Na defesa do lar, como que o Eterno,
As benções sobre nós ledo derrama.

Mas tu oh liberdade, oh loira virgem,
O troar do canhão e o sangue odeias,
Precisos não te são; a heroica Hespanha
Sem sangue espedaçou duras cadeias.

Por ti não veio o Redemptor ao mundo?
E á voz divina tão sósinha e mansa,
O cofre não se abriu de almas venturas,
Em que o nosso presente inda descansa?....

E o futuro virá; uma voz intima
Me diz que has de reinar de mundo a mundo.
Quando a luz da instrucção baixar ao povo,
Quebrando o povo seu dormir profundo.

Porto Alegre — Maio de 1872.

Manoel Gonçalves Junior.

POR QUE?

Porque deixaste, pallida madona,
No teu riso sonhar tantos amores,
Beijar a tua mão tão nivea e bella,
De teus cabellos respirar as flores?

Muitos amores eu frui, sentindo
Dilatar-se-me a vida em doce enleio!
Porque na embriaguez de meu delirio
Não fugio-me a existencia no teu seio?

Porque tu vinhas ao cahir da tarde —
De amores me fallar quando eu scismava,
E me dizias a tremer? “escuta...
Vês quanto eu soffro?!” e teu peito arfava!...

Porque viste despertar-me n'alma
Os preludios de amena phantasia,
Se devias fugir-me, arrebatando
As doces illusões de que eu vivia?

Se inda posso sentir, porque não volves
Cheia de pejo segredar-me amores...
Eu quero ver-te como d'antes pura
Dormir formosa no tapis das flores.

O laranjal ainda tem perfumes,
Seductora visão de meus anhelos,
Vem scismar!... quero ver-te enlanguecida...
Sólta as tranças gentis de teus cabellos!

Como a bonina no rigor da sésta
A fronte reclinares pensativa,
E comprimindo tua mão nas minhas
Tremeres como treme a sensitiva.

Como a gota do orvalho se perfuma
No calice da flor que a noite enclina,
Deixa que minha fronte no teu seio
Se embriague de amor, mulher divina!

Sueiro Junior.

CHRONICA

Não começarei dizendo aos leitores que esta chronica é escripta ao correr da penna, não; estou certo que me não creriam; e de mais, não desejo o epitheto de fatuo; escrevo sem constrangimento; se não agradar é que não possuo o cabedal preciso para chronista.

Creio que esta confissão será motivo para esperar muita indulgencia, e é assim pensando que venho, a meu turno, traçar algumas linhas, que significarão antes o cumprimento de um dever, do que uma exposição expontanea de idéas. Escrever uma chronica, como deve ser ella entendida, é tarefa summamente importante e superior ás minhas forças; pouco pois direi, conscio de que por isso não me desejarão mal.

—oOo—

Começarei por dispartar nos leitores a lembrança de um moço que ha pouco despiu as roupagens terrenas, e voou a envolver-se em nuvens de ouro e rosa aos pés de Deos.

Fallo de Affonso Luiz Marques, d'aquella fronte pallida, onde scintillava a luz da intelligencia, e onde mais tarde deveriam viçar corôas de louros.

Quem não o conheceu?

Quem não pranteou o seu prematuro passamento?

Erguido apenas para a luta das idéas, tendo na fronte a inspiração, que expandia na eloquencia da palavra, tombou exausto no começo da romagem, legando ao mundo a sua corôa de vinte quatro primaveras, recendente de perfumes.

Foi de certo uma fatalidade! Affonso Marques honrava a sua terra, e nella perderam as lettras patrias um dos seus mais esforçados lidadores.

O Parthenon Litterario, que o contava em seu seio como um athleta vigoroso, entristeceu ao vel-o desaparecer da terra, e, ferido o coração, desprendeu nenias de pezar infindo.

No dia 10 do corrente, trigesimo do seu passamento, teve lugar uma sessão funebre.

A salla estava coberta de luto, velava a bibliotheca uma cortina de crepe, e apenas um ponto branco destacava-se em uma das paredes lateraes; era o retrato de Affonso Marques moldurado de saudades e perpetuas.

A's 7 horas da noite, reunido um grande numero de socios, abriu a sessão o Sr. presidente honorario Dr. Caldre Fião, e em um bem elaborado discurso fez o necrologio do desditoso mancebo.

Em seguida se fizeram ouvir os Srs. Augusto Rodrigues Tota, Carlos de Lavre Pinto, Zeferino Vieira Rodrigues e José de Sá Brito,

que recitaram sentidos discursos, e os Srs. Hilario Ribeiro, João Damaceno Vieira, Francisco de Sá Brito, Gaspar Guimarães e Achylles Porto-Alegre, que em tristissimas endeixas attestaram o que lhes ia no coração.

Muita lagrima humedeceu as faces d'aquelles, que com expressiva sinceridade, rendiam um preito de honra á memoria de um irmão.

Lugubre era o momento; os olhares se encontravam como que se interrogando, e iam cravar-se na cadeira enlutada onde sentava-se Affonso Marques.

E' que ali havia um lugar de difficil preenchimento; é que a saudade pallidecia-nos a fronte, e não mais reboava a voz suave de um amigo.

A's 10 horas levantou-se a sessão, deixando nos immersos em profundo tristôr.

—oOo—

Sempre que podemos annunciar o apparecimento de alguma obra, fazemol-o com intenso prazer, e assim é que nos antecipamos em noticiario um excellente trabalho, que consta nos estar no prélo.

E' elle um almanak da provincia, organizada pelos Srs. Ignació de Vasconcellos Ferreira e Antonio de Azevedo Lima. Ainda que nada possamos dizer presentemente á respeito, pois aguardamos a publicação; crêmos comtudo ser um trabalho de merito, já por sua natureza, já por seus autores vantajosamente conhecidos.

Saudamol-os pois, e fazemos votos para que não arrefeçam no commettimento de identicas emprezas.

—oOo—

Mais um facto attesta que o Parthenon Litterario marcha sempre hasteando o lábaro do estudo, e que o indifferentismo, por mais que lavre, jámais poderá matar idéas grandiosas.

Fallo da installação do curso nocturno, cujas aulas começarão a funcionar no dia 1.º de Outubro.

Negar a utilidade em um curso d'esta natureza, mórmente quando organiado como o que acaba de installar o Parthenon, seria negar a existencia da verdade; assim dispenso-me de demonstrar o quanto podem aproveitar aquelles, que, occupados durante o dia, queiram ali instruir-se durante algumas horas da noite.

O Parthenon, não tendo em vista senão prestar seu fraco auxilio áquelles que d'elle carecem, julgar-se-ha bem recompensado desde que sejam cursadas as suas aulas.

—oOo—

Obrigado a restringir-me á vista do curto espaço de que disponho nas paginas da Revista, devo terminar, pedindo antes aos leitores mais um momento; devo recordar-lhes um vulto venerando, o padre Thomé Luiz de Souza, cujo retrato acompanha este numero.

Nninguem ignora quem era o padre Thomé, e aquelles, que não o conheceram, poderão, lendo a sua biographia, inteirar-se d'aquella vida sempre resplendente de virtudes.

—oOo—

Terminando, corre-me o dever de, por parte da redacção, agradecer o bom acolhimento dispensado á **Revista** em o seu primeiro trimestre; e esperando a continuação d'esse favor é que invidaremos todos os nossos esforços.

Porto Alegre. — Setembro de 72.

Araujo e Silva.

REVISTA MENSAL

DA

SOCIEDADE

PARTENON LITERÁRIO

2.^a Série — Outubro de 1872 — N.º 4

—oOo—

TYP. DA REFORMA — RUA GENERAL ANDRADE NEVES N.º 51

1872

COMISSÃO DE REDACÇÃO.

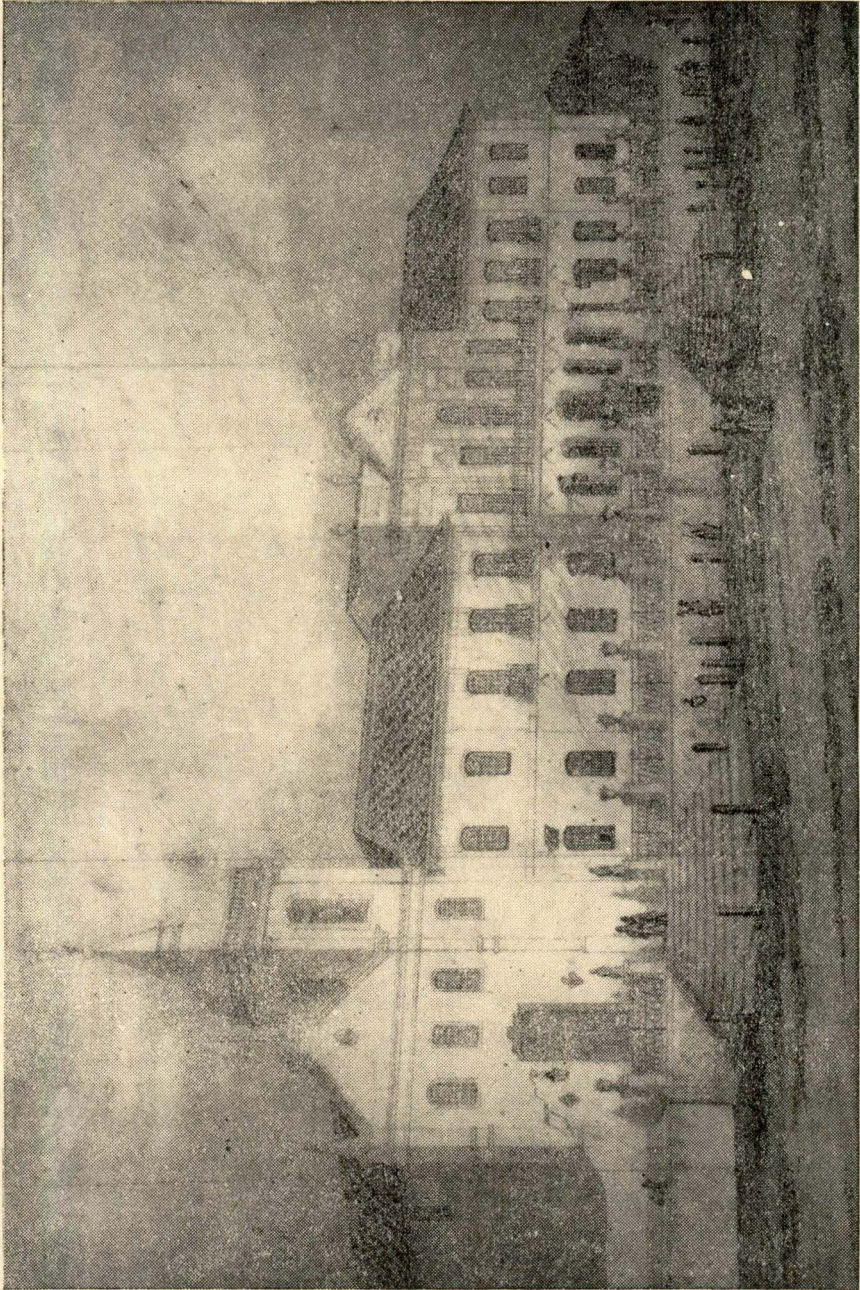
Vasco de Araujo e Silva.
Appolinario Porto-Alegre.
José Bernardino dos Santos.
Aurelio V. de Bittencourt.
Francisco J. de Sá Brito.
Manoel Gonçalves Junior.

REDACTOR DO MEZ.

Aurelio Virissimo de Bittencourt.

DIRECTORES.

Achilles Porto-Alegre.
Hilario Ribeiro.



SANTA CAZA DA MIZERICORDIA — PORTO ALEGRE

RESUMO HISTORICO

SOBRE A SANTA CASA DE MISERICORDIA

DE

PORTO-ALEGRE.

A estampa que, com o presente numero da **Revista**, se distribue, representa o edificio da Santa Casa de Misericordia d'esta capital.

Compulsando documentos existentes sobre esse pio estabelecimento, cujos serviços á humanidade não precisam ser encarecidos quando são de todos os dias, apresentamos em seguida as informações que nos pareceram de maior interesse.

—oOo—

Quando governador geral da capitania de Porto-Alegre o brigadeiro Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara, costumava José Antonio da Silva, conhecido pelo appellido de — **Nabos a doze**, — tirar esmolos para os presos da cadeia, aos quaes distribuia um caldo todos os domingos.

Fallecendo algum tempo depois, a preta Angela Reiuna, que morava n'uma casa contigua á de José Antonio da Silva na rua hoje denominada do general Bento Martins, fundou um asylo para recolhimento e curativo de enfermos, pela maior parte maritimos, com quem mantinha relações desde S. José do Norte, onde antes residira.

Fallecendo esta preta, Antonio José da Silva Flores e Luiz Antonio da Silva, com o auxilio de esmolos, conseguiram edificar, sobre pilares de tijolo, uma enfermaria em maiores proporções no largo que depois se chamou da — **Forca**.

Ahi durante muitos annos foram tratados os pobres que necessitavam de socorro, sendo cirurgião gratuito um filho do dito José Antonio da Silva, que exercia iguaes funções no corpo de tropas em guarnição nesta cidade.

A enfermaria a que nos referimos, começou a funcionar nos primeiros dias do anno de 1795, sendo d'ahi por diante sustentada pelo incansavel esforço dos dous bemfeitores, cujos nomes acima nomeámos, e pelas esmolos com que concorria o povo.

Chegando á esta cidade em 1788 Joaquim Francisco do Livramento, fundador do hospital de caridade da cidade do Desterro (Santa Catharina), e mais tarde dos seminarios de Itú e Sant'Anna, na provincia de S. Paulo, de Jacuacanga, na do Rio de Janeiro, e dos orphãos de S. Joaquim, na da Bahia; associou-se áquelles devotos e pro-

seguiram os tres com todo o ardor na honrosa tarefa que se haviam proposto, ajudados tambem pela camara, que entendeu dever tomar a dianteira na partilha dos trabalhos a realizar.

Desejando aproveitar o religioso fervor de que se achava possuida a população, Joaquim Francisco do Livramento pôz á disposição da camara os seus serviços, declarando que estava prompto a ir á Lisboa, se lhe fossem facultados os precisos documentos, impetrar do principe regente a graça da creação de um hospital de caridade nesta cidade.

A camara, em nome do povo que representava, deu-lhe um attestado, no qual, depois de demonstrar os hónrosos predicados de Livramento, solicitou á muito alta e poderosa piedade de sua alteza real a graça de dignar-se conceder faculdade para o estabelecimento de um hospital que os fieis pretendiam á sua custa erigir, considerando essa concessão como um grande serviço feito a Deos Nosso Senhor e aos vassallos de sua alteza real d'este continente.

Firmaram semelhante documento, em 3 de Abril de 1802, os cidadãos Antonio José Martins Bastos, Matheus José da Silva, José Antonio Vieira de Carvalho, Antonio José Pereira Machado e José Alvares Ribeiro Guimarães.

Seguiu Joaquim Francisco do Livramento para a côrte de Lisboa a desempenhar a missão, que espontaneamente tomára sobre seus hombros.

Ali chegado, dirigiu ao principe regente a sua petição, juntando o attestado que a camara lhe entregara.

O deferimento não podia ser duvidoso, e assim foi expedido do palacio de Queluz aos 14 de Maio de 1803, pelo ministro de estado visconde de Anadia, um real aviso permitindo a creação do hospital com o producto de esmolas, e recommendando muito ao governador Paulo José da Silva Gama o proteger, animar e favorecer quanto possivel fosse as pias e louvaveis fadigas das pessoas que tão bom emprego faziam de seu tempo e actividade.

O citado aviso igualmente recommendou que ás esmolas obtidas não se dêsse outra applicação que não fosse a erecção do estabelecimento.

A 19 de Outubro de 1803, nas casas da camara, reunidos o juiz presidente e officiaes da mesa, apresentaram-se o capitão José Francisco da Silveira Casado, Joaquim Francisco Alvares e Luiz Antonio da Silva, que haviam sido convocados para servirem de thesoureiro, escrivão e procurador do novo hospital.

Perguntando-se-lhes se estavam dispostos a exercer esses lugares sem direito á remuneração pecuniaria pelo seu trabalho, responderam que de boa vontade se prestavam.

O padre Francisco Ferreira Leitão offereceu-se nessa occasião para procurador supranumerario, procedimento que muito abona os sentimentos religiosos d'esse sacerdote.

Seguiu-se depois a cerimonia do juramento e posse dos cargos referidos.

Em fins de 1803 teve começo a construcção, sob a direcção do brigadeiro Francisco João Rocio, que no anno antecedente, como governador interino da provincia, escolhera e concedêra o local, que é o mesmo em que hoje está o edificio da Santa Casa.

Tendo traçado o plano da obra, dirigiu-a aquelle brigadeiro até 1806, anno em que falleceu, sem deixar o risco por escripto. Tendo, porém, o finado communicado os seus projectos aos administradores, facil foi levantar a planta de conformidade com as declarações dos

mesmos administradores, a qual por copia foi enviada á secretaria de Estado, succedendo que a original desapareceu até esta data.

Sem novidade proseguiram os trabalhos até o começo do anno de 1814, época em que falleceu o escrivão **Joaquim Francisco Alvares**.

Este facto lamentavel deu lugar a que os outros dois membros da commissão requeressem ao governador D. Diogo de Souza a eleição de uma mesa administrativa, afim de que a obra continuasse sob melhor direcção, isenta dos defeitos que já visivelmente se notavam.

O requerimento, informado em 11 de Julho do dito anno de 1814 pelo juiz de fóra Dr. Domingos Francisco das Neves, provedor de capellas e residuos, foi em 3 de Setembro favoravelmente despachado, sendo o deferimento confirmado no quartel-general de Rio Pardo em 20 de Abril de 1819 pelo governador conde da Figueira.

Determinado que se procedesse em sessão da camara á eleição canonica da mesa, teve ella lugar em 5 de Janeiro de 1815, sendo governador o marquez de Alegrete.

O resultado da eleição foi este:

Provedor, o marquez de Alegrete.

Vice-provedor, o tenente-general Joaquim Xavier Curado.

Escrivão, o marechal Miguel Lino de Moraes.

A 20 do mesmo mez foi a mesa empossada no palacio do governo.

Pretendeu aquelle provedor, que serviu até 1818, mudar o hospital militar para as duas enfermarias e duas pequenas casas que a esse tempo estavam concluidas, mediante o aluguel que se pagava á casa particular occupada pelo mesmo hospital; porém a mesa recusou acceder aos desejos do marquez pela poderosa razão de que o povo, unico onerado com as despezas da construcção, queria que o novo estabelecimento só tivesse por fim soccorrer as pessoas pobres accommettidas de molestias, e sem recursos para tratar-se.

O marquez de Alegrete, contrariado com a resolução da mesa, ordenou arbitrariamente que os presos militares fossem occupar as lojas da Santa Casa, apresentando como justificação d'esta medida a necessidade de concertos na prisão militar.

Justamente indignado por tão abusivo procedimento, o povo arrefeceu o ardor com que se consagrava á sua nobre tarefa, e as obras tiveram de parar por falta de meios.

Pensando que o novo governador conde da Figueira fizesse retirar os presos, attendendo assim aos justos reclamos da população, a mesa elegeu-o para provedor nos annos de 1819 a 1821. O conde não se contentou só em manter o acto de seu antecessor; foi mais longe; pretendeu remover para a Santa Casa o hospital militar.

Fez ouvir sobre essa medida o physico-mór Dr. Julio Cezar Musi, que energicamente contrariou-a, e mais tarde a junta de fazenda, onde as opiniões divergiram no seguinte ponto: — a quem devia competir a administração, uma vez realisada a fusão dos hospitaes, sendo a maioria de parecer que fosse regulada a administração por inspecção militar, se a mesa n'isso concordasse.

Ouvida esta officialmente, o escrivão desembargador Luiz Corrêa Teixeira de Bragança, desenvolveu contra semelhante pretensão tão valente argumentação, que a Junta afinal foi contraria á pretendida remoção.

Com esta decisão tão conforme á vontade geral, zangou-se o provedor, que abandonou os interesses do estabelecimento confiado á sua gerencia, sendo os presos retirados pelo governo do triunvirato, que succedeu áquelle governador.

Na obra da enfermaria do 2.º pavimento, cosinha provisoria e

igreja gastou-se até o anno de 1824 a somma de 32:475\$578 rs., producto de esmolas dos fieis e da 3.^a parte dos legados não cumpridos, com excepção de pequena quantia adiantada pelo thesoureiro.

Ainda durante a administração do desembargador Teixeira de Bragança, tentou o governo provisório a remoção do hospital militar, oppondo-se tenazmente a isso aquelle provedor, que servio de 1822 a 1824.

Em 29 de Maio de 1822 o imperador confirmou a irmandade da Santa Casa e concedeu-lhe as prerogativas de que gozam todas as irmandades de misericórdia.

O visconde de S. Leopoldo, que foi o primeiro enfermeiro-mór do hospital, nomeado provedor em 1825, desenvolveu a maior actividade, de modo que a 1.^o de Janeiro de 1826 realisou-se o acto solenne da abertura do hospital, sendo nelle recolhidos os doentes reconhecidamente pobres.

Por decreto de 29 de Setembro de 1828, concedeu-se á Santa Casa possuir até 60 contos de réis em bens de raiz, e sob representação da mesa, que com o tempo reconheceu ser essa concessão muito limitada, foi por decreto n.^o 597 de 14 de Setembro de 1850 autorizada a adquirir bens de raiz até o valor de 200 contos de réis, com a obrigação de, n'um praso dado, converter em aplices da divida publica os bens obtidos em virtude do mesmo decreto.

Em 1827 foi eleito provedor João Marcos Vieira de Araujo Pereira, que instituiu a botica e n'ella despendeu regular quantia, visto que a Santa Casa não dispunha dos necessarios meios para o seu custeio.

Deu-se com este provedor um facto notavel.

Mandando o presidente da provincia Salvador José Maciel alguns presos militares para serem tratados na Santa Casa, o Sr. Araujo Pereira recusou recebê-los, e indo a palacio esplicar os fundamentos de sua recusa, o presidente ameaçou-o de o fazer seguir preso para o Rio de Janeiro, ao que respondeu o provedor que se sujeitaria á essa violencia, antes do que tolerar a infracção das leis do estabelecimento, que jurara observar.

De 1828 a 1829 serviu de provedor o commendador Rodrigo José de Figueiredo Moreira.

De 1829 a 1830 João José de Oliveira Guimarães.

De 1830 a 1831 o marechal José Ignacio da Silveira.

Em 1832 o capitão-mór Manoel Pires da Silveira Casado.

Em 1833 a 1834 Antonio Martins Barboza.

Em 1835 o conego João Baptista Leite de Oliveira Salgado.

De 1836 a 1840 o padre Francisco Ferreira Leitão.

A administração d'esse sarcedote no período de quatro annos, quando a provincia se achava a braços com a revolução que rebentára em 1835, foi importante. Os seus serviços nessa quadra foram tão notaveis, tão grande a sua abnegação, tão forte a sua fé, tão prodigiosa a sua actividade, que a Santa Casa inscreveu o seu nome na lista dos mais prestantes bemfeitores.

Em 1841 foi eleito provedor o coronel Bibiano José Carneiro da Fontoura, que serviu por devoção no anno seguinte, sendo eleito o conselheiro Saturnino de Souza e Oliveira, que se achava á testa da administração da provincia.

Até então estavam paradas as obras do hospital, porque as mesas anteriores tinham julgado preferivel construir casas na Varzea e rua da Misericórdia, creando-se assim uma fonte de renda certa para custeio das grandes despesas que um tal estabelecimento exige.

O Conselheiro Saturnino, porém, entendeu que era tempo de pro-

seguir na obra do hospital, e obteve para o effeito alguns valiosos auxílios.

Foi na sua administração que deu-se regulamento para a criação dos expostos (12 de Junho de 1842) sendo a casa da roda removida para o novo hospital em 1.º de Janeiro de 1844.

Seguiu-se na provedoria o marquez, hoje duque de Caxias, presidente da provincia, que a maior parte do tempo esteve na campanha á frente do exercito. O coronel Bibiano continuava, entretanto, a exercer o cargo por devoção, prestando assignalados serviços.

Em fins de 1845 suas magestades imperiais visitaram o estabelecimento, fazendo o imperador doação de dez contos de réis, e a imperatriz de dois.

Na provedoria do marquez de Caxias fundou-se o cemiterio extramuros, cuja administração ainda até agora está a cargo da Santa Casa.

Serviu em 1846 o commendador João Baptista da Silva Pereira, depois barão de Gravatahy; em 1847 e 1848 o desembargador Manoel José de Freitas Travassos, que continuou em 1850 por ter sido chamado á côrte o provedor eleito tambem em 1849, general Francisco José de Souza Soares de Andréa, mais tarde barão de Caçapava.

De 1851 a 1853 exerceu o cargo o negociante Lopo Gonçalves Bastos, que muitos serviços prestou, sobresahindo entre elles a aquisição de africanos para o serviço da Santa Casa e diversos melhoramentos que de seu bolso mandou fazer no edificio.

Succedeu-lhe em 1854 o Dr. Luiz Alves Leite de Oliveira Bello, e no anno seguinte o Dr. João Rodrigues Fagundes, que, como escrivão da mesa anterior, desempenhara quasi effectivamente as funções de provedor por impedimento do proprietario.

Segundo o testemunho do desesmbargador Freitas Travassos, o Dr. Fagundes melhorou consideravelmente o pessoal e material da Santa Casa, e prestou relevantes serviços na época do cholera-morbus, quando aquelle estabelecimento não estava provido de certos recursos e as difficuldades se accumulavam uma sobre outras.

Em 1856 foi provedor o Dr. Israel Rodrigues Barcellos, e em 1857 e 1858 o desembargador Travassos, sob cuja administração foi lançada no 1.º de Janeiro de 1858 a pedra fundamental da nova igreja.

De 1859 a 1863 foi provedor o Dr. João Rodrigues Fagundes.

Em 1864 o Dr. Manoel José de Campos.

Desde 1865 que é provedor o Exm. Sr. marechal de campo Luiz Manoel de Lima e Silva, que muitos e importantes serviços tem prestado ao pio estabelecimento.

O numero das pessoas que nos annos de 1795 e 1796 se cotisaram para coadjuvar as despesas com a enfermaria, sobe a 293.

As informações que ficam consignadas, foram extrahidas dos apontamentos para a historia da fundação da Santa Casa, colleccionados pelo desembargador Freitas Travassos, e cuja leitura nos foi obsequiosamente permittida.

A necessidade de ceder lugar a outros escriptos, nos impede de dar mais desenvolvimento a este trabalho.

Aurelio de Bittencurt.